

Departamento de História

**Imagem e Propaganda em Portugal durante
a Segunda Guerra Mundial**

Débora Marina Canhoto Cardoso

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:
Mestre em História Moderna e Contemporânea
especialidade em Cidades e Património

Orientadora:

**Doutora Maria João Vaz, Professora Auxiliar
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa**

Co-orientador:

**Doutor Nuno Pinheiro, Investigador Integrado,
Centro de Estudos de História Contemporânea-IUL**

setembro, 2014

Agradecimentos

Os primeiros agradecimentos são dirigidos à minha família. Aos meus pais, Maria dos Anjos Cardoso e João Cardoso, pelo apoio incondicional, pelo esforço que fizeram para poder concluir os meus estudos e pela confiança que depositaram em mim. Aos meus irmãos, Diana Cardoso, que mesmo estando fora do país, nunca deixou de me acompanhar e apoiar neste projeto, e Joel Cardoso, pelo interesse e pela dedicação que demonstrou ao prestar o seu auxílio quando necessário.

Em segundo lugar agradeço à Professora Doutora Maria João Vaz, orientadora desta dissertação, que desde o início acreditou na qualidade deste tema «ousado», como afirma, demonstrando o seu interesse e dedicação com enorme rigor científico, mas também com grande simpatia e amabilidade. Agradeço também ao Doutor Nuno Pinheiro que, como co-orientador desta dissertação, abraçou este projeto com o maior interesse, transmitindo-me com grande entusiasmo os seus conhecimentos e experiências sobre a fotografia, assim como a sensibilidade que implica o seu estudo.

Esta investigação é também fruto de um estágio realizado no Museu Militar de Lisboa de onde foram encontradas bases para o início deste projeto que evoluiu para uma dissertação de Mestrado. Sendo assim, faço um agradecimento especial às instituições militares, Direção de História e Cultura Militar e Museu Militar de Lisboa, que me abriram as suas portas e me receberam com grande simpatia, interesse e disponibilidade para realizar um inventário de documentos entre os quais se encontravam fotografias da Segunda Guerra Mundial.

Agradeço também aos colegas de licenciatura e mestrado, colegas de trabalho e professores do Departamento de História, pelo apoio, pela troca de ideias e pelas expectativas criadas no projeto. Um outro agradecimento aos meus bons amigos que, muitas vezes privados da minha presença, sempre me apoiaram e se interessaram em saber o estado da investigação.

Por último um agradecimento especial a quem me acompanhou desde sempre esta minha caminhada até este momento. Agradeço aos meus amigos Alexandra Rolo, Carla Ferreira, João Lázaro e Ricardo Ferreira pelo apoio, pelo interesse no projeto e pelo auxílio nos momentos mais difíceis.

Resumo

Pretende-se nesta dissertação estudar a fotografia de carácter propagandístico relativa à Segunda Guerra Mundial, publicada em Portugal durante esse período. Tomando como atores centrais a Alemanha, enquanto potência do Eixo, e a Inglaterra, enquanto potência Aliada, verificámos que ambas utilizaram amplamente a fotografia como meio de persuasão e de propaganda de guerra. Partimos da observação e análise das fotografias de guerra publicadas em revistas de propaganda, editadas e distribuídas em Portugal a partir de 1940, sendo fontes centrais desta dissertação as revistas *A Esfera* (pró-Eixo) e o *Mundo Gráfico* (pró-Aliados).

O que se pretende apresentar e defender é a grande dimensão que a propaganda de guerra teve em Portugal, através da ação dos beligerantes que formaram grupos de influência. Apesar de Portugal se ter afirmado como um país neutro, o fenómeno da propaganda em Portugal, sobretudo a que distribuída através de imprensa, fez com que se tornasse num Estado «colaborante» com os diversos beligerantes. Para melhor compreender este fenómeno, será utilizada uma metodologia onde as questões colocadas serão analisadas de forma comparada, contrapondo a propaganda publicada de carácter pró-Aliados e propaganda pró-Eixo.

Palavras-chave: Propaganda de Guerra, Segunda Guerra Mundial, Fotografia, Imprensa, Aliados, Eixo.

Abstract

This master thesis aims the study of the photographs with propagandistic character of the World War II published in Portugal during this period. Considering as central actors in Germany, as the Axis power, and England, while Allies power, both widely used the photography as a mean of persuasion and war propaganda. We start from the observation and analysis of the photographs published in magazines of war propaganda, edited and distributed in Portugal since 1940, being these the central sources of this thesis, *A Esfera* (pro-Axis) and *Mundo Gráfico* (pro-Allies) magazines.

The aim is to present the impact that the war propaganda had in Portugal through the action of belligerents who formed groups of influence. Although Portugal is a country considered neutral, this phenomenon of propaganda in Portugal, distributed through press, did it become a "cooperating" state with the various belligerents. To better understand these groups, we intend to use a methodology where the questions will be analyzed on a comparative basis between the pro-Allies and pro-Axis propaganda.

Keywords: War Propaganda, World War II, Photography, Press, Allies, Axis

Índice

1. Parte I – Introdução.....	1
1.1. Apresentação do tema.....	1
1.2. Estrutura da dissertação.....	3
1.3. Problemática.....	5
1.4. Fontes e metodologia.....	6
1.5. Estado da arte e objetivos.....	8
2. Parte II – Fotografia e Propaganda.....	12
2.1. História e fotografia.....	13
2.2. Fotografia como meio de comunicação.....	19
2.3. História, propaganda e comunicação.....	20
2.4. Princípios de propaganda.....	21
2.5. Propaganda e Guerra.....	22
3. Parte III - Portugal na Segunda Guerra Mundial: neutralidade e propaganda de guerra.....	28
3.1. A propaganda dos beligerantes em Portugal.....	29
3.2. Como a Propaganda se espalhou em Portugal: Anglofilia e Germanofilia....	32
3.3. A política externa portuguesa.....	34
3.4. O período da guerra.....	35
4. Parte IV - Portugal, a propaganda e a guerra.....	41
4.1. A imprensa de propaganda.....	41
4.2. As fotografias em análise.....	43
4.3. Uma discreta propaganda dos Aliados e a supremacia do Eixo: 1940 a junho de 1941.....	44
4.3.1. Poderio militar (homens e armas): Inglaterra sem hipóteses de vitória e luta conjunta dos Aliados contra o Eixo.....	45
4.3.2. Lado humano da Guerra.....	50
4.4. De junho de 1941 a finais de 1942 - A «Cruzada anti-bolchevique» e as primeiras conquistas Aliadas.....	54
4.4.1. Poderio militar: Libertação da Europa: A Cruzada anti-Bolchevique/Luta conjunta dos Aliados contra o Eixo.....	55
4.4.2. Lado humano da guerra.....	64

4.5. De inícios de 1943 a maio 1945 – O fim da guerra: Libertação ou «Libertação».....	66
4.5.1. Poderio militar – Libertação e «Libertação» da Europa e o fim da guerra: As vitórias dos Aliados e a resistência germânica.....	67
4.5.2. Lado humano da guerra.....	72
4.6. Uma análise quantitativa das fotografias.....	74
4.7. O que falta nas fotografias?.....	77
4.8. Os dois lados beligerantes em confronto.....	79
5. Parte V – Conclusão.....	83
6. Fontes e Bibliografia.....	89
7. Anexos.....	96
8. CV	

Parte I – Introdução

Apresentação do tema

O objeto de estudo desta dissertação é a propaganda de guerra realizada em Portugal durante o período da Segunda Guerra Mundial, analisada através das imagens que então foram produzidas e difundidas, adotando uma perspectiva comparada. Esta abordagem comparativa da propaganda de guerra difundida em Portugal consistirá numa análise de documentos de propaganda, especificamente fontes fotográficas, publicadas em periódicos da época ou conservadas em arquivos. Para além da observação da fotografia, privilegiando assim a função de documento histórico que esta pode significar, será evidenciada a sua importância enquanto elemento de comunicação durante o período de guerra, em particular como meio de persuasão e de propaganda utilizada por ambos os lados beligerantes.

Será também estudado o poder de manipulação contido nas mensagens veiculadas pelas fotografias distribuídas em Portugal pelos Estados em guerra, como forma de propaganda e para garantir simpatia e apoio para cada um dos lados em conflito. Desta forma, acabaremos por atribuir especial atenção aos grupos de simpatizantes da causa inglesa, os Anglófilos, e aos simpatizantes da causa alemã, os Germanófilos, grupos de emergência durante o conflito e que cruzam a sociedade portuguesa, em especial a lisboeta.

O intervalo de tempo aqui contemplado vai de 1940 a 1945. O período entre 1940 e Junho de 1941 é marcado pela forte tendência britânica e por uma discreta presença alemã, que se limita a realizar as suas intervenções apenas em periódicos de âmbito regional. A partir do início do ano de 1941, a propaganda alemã torna-se cada vez mais influente, sendo que após o verão desse mesmo ano, a tendência germanófila em Portugal manifesta-se de forma cada vez mais visível. As barreiras cronológicas foram definidas considerando que este foi o período em que a ação de propaganda se revela como mais forte e mais equilibrada tendo em conta os dois lados beligerantes, permitindo, desta forma, a realização de uma análise comparativa mais credível.

É importante realçar que não quero com este trabalho caracterizar a propaganda que os Estados beligerantes poderão ter realizado em Portugal, nem a generalidade da propaganda relativa à Segunda Guerra Mundial que então poderá ter tido lugar no país.

Pretendo, sim, analisar a forma como a guerra era difundida no território português, através das imagens afetas a ações de propaganda publicadas na imprensa que propositadamente foi criada com o objetivo de suscitar simpatias e apoios entre a população. São fotografias que procuram passar uma mensagem forte – por vezes agressiva – dos beligerantes e que, certamente acabou por influenciar o pensamento e as atitudes dos portugueses perante a guerra e a posição dos Estados beligerantes.

Começo esta dissertação com um tratamento geral das questões relativas à propaganda de guerra. Traço seguidamente, de forma muito sumária, o contexto social e o quotidiano vivido em Portugal durante a guerra. Veremos ainda a afirmação da propaganda Aliada e do Eixo no território português, analisando-se a sua implantação ao longo do período em estudo. Invariavelmente, todas estas análises terão como base o recurso à imagem, elemento central e fonte privilegiada nesta dissertação.

Para além do confronto militar, das disputas entre ideologias e políticas, e da luta pela posse de territórios, a Segunda Guerra Mundial foi também palco de concretização de uma poderosa máquina de propaganda. Esta propaganda, para além de atuar nos territórios envolvidos na guerra, estendia-se, de igual modo, aos Estados considerados neutrais, usando mensagens e representações com o intuito de atrair seguidores para as causas de cada um dos lados beligerantes.

É sabido que, neste conflito, Portugal decidiu manter uma posição neutral. Uma neutralidade que muito possivelmente facilitou que o país fosse palco privilegiado da propaganda dos beligerantes, procurando influenciar o posicionamento da sociedade portuguesa perante o conflito, transformando-a e dividindo-a entre Anglófilos e Germanófilos, entre os que tomaram posições pró-Aliada e os que manifestavam as suas simpatias pró-Eixo.

Entre os vários meios de comunicação utilizados para difundir a propaganda, a imagem divulgada através da imprensa foi um elemento importante para o fortalecimento de cada um dos lados em guerra perante a opinião pública. Desta forma, este estudo está alicerçado na análise de publicações periódicas, em particular revistas criadas com o propósito claro de funcionarem como veículos de propaganda, editadas e distribuídas em Portugal a partir de 1940. As publicações escolhidas foram os periódicos *A Esfera* e *Signal*, pelo lado das que se manifestam como pró-Eixo, e o *Mundo Ilustrado* e *Guerra Ilustrada*, publicações declaradamente simpatizantes dos Aliados

Estrutura da dissertação

Esta dissertação será dividida em três partes. Uma primeira parte de base teórica que enquadra e sustenta a análise realizada. Uma segunda parte em que se descreve o contexto histórico em Portugal no período em estudo. Na terceira parte realizaremos a análise das fotografias de guerra selecionadas, situando na dinâmica e evolução do conflito mundial que então tem lugar.

Na primeira parte pretende-se equacionar a questão do relacionamento ente a fotografia e a propaganda, bem como apresentar o tema da utilização da fotografia enquanto fonte de história e a forma como a historiografia a tem aproveitado. A análise da importância da fotografia para o estudo da História, começará por focar a relação da História com a fotografia, a fotografia como documento histórico, a fotografia como meio de comunicação, a presença da fotografia na imprensa, as fotografias de guerra e a mensagens que esta pode transmitir.

O tema da propaganda será tratado de forma idêntica. Inicialmente será apresentada a sua relação com a História, com especial destaque para a propaganda de guerra. Segue-se a demonstração da utilização da propaganda como meio de comunicação e, por último, a propaganda veiculada através da imagem, o uso da fotografia na propaganda de guerra e as características da propaganda militar que serão empregues nas fotografias em análise.

A segunda parte desta dissertação debruça-se sobre a realidade portuguesa no período em estudo: 1940 a 1945. No entanto, será também feita uma referência ao ano de 1939, altura em que tem início o conflito. Neste capítulo o tema central será a construção e consolidação da neutralidade portuguesa.

A neutralidade de Portugal durante o conflito será um tema importante na definição do contexto deste estudo. Definir-se-á o contexto social e geográfico de Portugal, para tentar compreender a importância que Portugal tinha para se tornar «alvo» dos beligerantes, explicando a sua importância geográfica, apesar de ser um país com pouca população e fracos recursos.

Daremos igual destaque à presença da propaganda de guerra que então se concretizava em Portugal, os seus grupos influenciadores e influenciados, que, assumindo uma posição neutral formal, se torna num Estado colaborante com os beligerantes em diversas circunstâncias.

Inicialmente será apresentada de forma geral a noção de neutralidade, partindo depois para o caso concreto e específico de Portugal. Seguidamente apresentaremos os

elementos gerais que caracterizam o período do conflito armado e como a guerra influenciou o modo de vida dos portugueses. Centrando-nos nas práticas de propaganda de guerra em Portugal, mostraremos a formação de grupos de apoio e de defesa de cada um dos lados beligerantes, os suportes utilizados para a difusão da propaganda e os seus conteúdos.

Por último, analisaremos três factos que contribuíram para condicionar a posição portuguesa perante o conflito e reforçaram a atitude de neutralidade, mesmo tratando-se de uma neutralidade colaborante.¹ São eles o Pacto Ibérico de não-agressão entre Portugal e Espanha, o caso dos Açores que acompanhou grande parte do período de guerra, assim como as relações económicas existentes entre Portugal e os vários lados beligerantes.

De seguida, partiremos para a exploração de casos específicos, tomando como base a apresentação e análise de fotografias publicadas na em alguns títulos da imprensa portuguesa da época. São revistas que declaradamente se definiam como visando defender e propagandear os interesses de um dos lados do conflito. Tendo como elementos centrais a Alemanha, como potência do Eixo, e a Inglaterra, como potência Aliada, será realizado, numa perspetiva comparada, um cruzamento de informações dos temas que cada um dos beligerantes apresenta e explora enquanto identificando os valores e interesses por que lutam e que são considerados como elementos que poderão despertar simpatia e apoio para a sua causa. Para esta análise definimos dois grandes temas: o poderio militar e o lado humano do conflito. Com esta metodologia será possível analisar a imagem que cada um dos beligerantes procura construir e a mensagem que pretende transmitir.

No caso do poderio militar serão apresentadas as batalhas em que os beligerantes se defrontaram, as suas armas, os seus recursos e as suas vitórias conseguidas contra o inimigo. O lado humano da guerra pretende mostrar uma outra versão do conflito. Para um melhor estudo destas imagens e respetivos temas nelas explorados, o conflito foi dividido em três etapas. Uma primeira fase, desde a segunda metade do ano de 1940 até ao mês de junho de 1941. A segunda fase define-se entre junho de 1941 e finais de 1942. A terceira e última fase foi considerada entre inícios de 1943 a maio de 1945, final da guerra na Europa. A decisão de dividir o conflito por três períodos resultou de leituras das obras que compõem a bibliografia deste trabalho. Em várias obras

¹ Ver: Teixeira, Luís, (1945), *Neutralidade Colaborante*, Lisboa, s.e; Rosas, Fernando (1994), *O Estado Novo (1926-1974)*, vol. VI da *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso, Lisboa, Estampa.

consultadas, os seus autores dividem o conflito em três partes: uma primeira de superioridade do Eixo e uma campanha tímida por parte dos Aliados; uma segunda fase que se inicia com maior vantagem por parte das tropas do Eixo, terminando com uma maior supremacia dos Aliados; uma terceira que descreve o total domínio dos Aliados contra o Eixo e a vitória final dos primeiros

Problemática

Para melhor compreender esses grupos, anglófilos e germanófilos, pretende-se utilizar uma metodologia onde as questões colocadas serão analisadas de forma comparada entre a propaganda pró-Aliada e pró-Eixo. O estudo desenvolve-se à volta das seguintes questões:

- Qual a imagem que cada uma das potências beligerantes procura construir de si própria?
- Como é que procuraram dar solidez e atrair adeptos para a sua causa?
- Que mensagens procuram transmitir?
- Como se representam?
- Que interpretações podem ser retiradas da análise da composição e da informação veiculada pelas fotografias de propaganda publicadas pelos órgãos da imprensa difundidos em Portugal e conotados com a defesa da causa Aliada e com a defesa do lado do Eixo?
- Que técnicas de propaganda através da imagem utilizam?

Estas perguntas de partida suscitaram novas questões, mas desta vez já direcionadas para o tema, para o que de concreto se pretendia estudar e de como o fazer. Assim, partindo da fotografia de guerra, para além da descrição do documento, coloquei e procurei responder às seguintes questões:

Análise física da fotografia:

- Que elementos compõem a imagem?
- Quais as suas ações?

Análise da sua mensagem:

- É propaganda porquê?
- Quais são os elementos que sustentam essa ideia?
- Qual é a mensagem que tenta transmitir e de que forma o recetor é abordado?
- Qual o seu principal objetivo?
- Quais as «armas» usadas?

- Como são usadas?

A análise das imagens contemplará a mensagem que cada uma pretende transmitir e, a partir das técnicas de propaganda e também de publicidade, efetuar uma leitura da imagem nesse sentido da sua eficácia comunicativa. Pretendo colocar-me na posição do recetor que recebia estas mensagens, certamente concorrentes, por parte de cada um dos lados emissores.

Todas estas questões serão analisadas de forma comparativa, confrontando o lado dos Anglófilos e dos Germanófilos, que formavam grupos de oposição e que poderão ter potenciado a afirmação de uma sociedade dividida, nomeadamente nas grandes cidades. Durante este período de guerra emerge-se uma mudança na mentalidade dos portugueses. Essa mudança nota-se em particular nas regiões onde a classe média urbana é mais numerosa, e onde se encontram alguns grupos intelectuais, como é o caso dos estudantes, ou onde os reflexos da guerra estão mais presentes, em particular por acolherem delegados dos Estados em guerra ou populações que fogem do conflito. Essas alterações são mais notórias em zonas como o Estoril (que acolheu milhares de refugiados, nomeadamente judeus), Lisboa (capital, centro cultural e considerado o último porto da Europa rumo à América) e na cidade do Porto (a segunda cidade mais importante do país com grande influência britânica).

Fontes e metodologia

Após a definição do objeto de estudo, importa refletir sobre as questões colocadas e que servirão de orientação ao desenvolvimento da pesquisa, logo, constituíram elementos centrais para a definição do plano da pesquisa, das fontes a utilizar e da metodologia seguida. Colou-se como ação fundamental proceder a uma seleção das fontes primárias que maior pertinência teriam para o tratamento da problemática enunciada.

É importante frisar o tipo de fontes que se optou por utilizar nesta dissertação. A análise irá centrar-se no estudo e interpretação das fotografias de guerra presente na imprensa de propaganda publicada em Portugal, divulgadas através de revistas distribuídas pelos beligerantes, sendo analisada tanto a sua composição, como a mensagem que se procura transmitir através dessas fotografias.

Foi necessário fazer escolhas e delimitar a análise. Assim, optámos por centrar-nos em aspetos específicos das questões propostas, procurando uma contextualização pertinente, no sentido de concretizar uma melhor compreensão desses aspetos, deixando

para segundo plano uma análise mais global da propaganda de guerra concretizada no território português durante o conflito da Segunda Guerra Mundial.

Apresentaremos as várias definições de propaganda e de propaganda de guerra. Seguidamente reforçaremos a importância da posição geográfica de Portugal durante a Segunda Guerra Mundial, com especial atenção ao papel desempenhado enquanto plataforma de passagem de populações que procuravam dirigir-se para outros locais ou que procuravam encontrar refúgio em Portugal, com foi o caso de milhares de judeus e intelectuais europeus. No entanto, o estudo está centrado na análise da imagem e não na história da Segunda Guerra Mundial no contexto de Portugal, sendo que o principal objetivo desta dissertação é analisar a mensagem que cada um dos beligerantes tenta transmitir através de fotografias de guerra.

No que toca a métodos de pesquisa a utilização de fontes fotográficas é o elemento base da pesquisa. Como fontes primárias utilizarei:

- Revistas de carácter propagandístico editadas e distribuídas em Portugal: *A Esfera* – revista tendencialmente pró-Eixo – e *Mundo Gráfico* - revista tendencialmente pró-Aliados. São revistas de atualidades com uma periodicidade bimensal, sediadas em Lisboa. Surgiram em 1940, e, para além de retratar a guerra através de reportagens fotográficas, também realçam a cultura dos beligerantes.

- Revistas de carácter propagandístico editadas pelos beligerantes, *Signal* – revista tendencialmente pró-Eixo – *A Guerra Ilustrada* - revista tendencialmente pró-Aliados. São revistas de periodicidade mensal, sediadas na Alemanha e Inglaterra, respetivamente. Surgiram também em 1940 e eram distribuídas em vários países europeus, inclusive Portugal, através dos serviços de informação das embaixadas alemã e inglesa.

- Pesquisa em jornais diários para situar no tempo e no espaço algumas das reportagens encontradas nas revistas de propaganda e nos periódicos ilustrados, tendo em consideração a sua posição em relação ao conflito.

A pesquisa bibliográfica a realizar será bastante complexa e diversa, pois impõe como imprescindível a consulta de obras produzidas por áreas do conhecimento diversas, todas elas importantes para o estudo do tema proposto. Assim, as obras consultadas cobrem um vasto leque de áreas e temas que divido aqui em três conjuntos essenciais:

- Bibliografia sobre propaganda, tanto estrangeira como portuguesa, para poder estabelecer algumas ligações, principalmente no que toca à mensagem a transmitir. Para além deste ponto, pretendo também consultar obras sobre a arte de se fazer propaganda;
- Monografias gerais sobre a época, nomeadamente sobre Estado Novo, a Segunda Guerra Mundial e o papel de Portugal na Segunda Guerra Mundial;
- Monografias sobre História e análise da Imagem, que servirão sobretudo como apoio para análise das fontes fotográficas.

Estado da arte e objetivos

Esta dissertação baseia-se na análise da imagem, valorizando a fotografia como fonte histórica. Para a realização da análise considerámos que uma perspetiva comparada, confrontando as imagens de propaganda publicadas em publicações conotadas com a causa Aliada com as defensoras do lado do Eixo, era uma estratégia metodológica interessante e produtiva. A análise da propaganda pesquisada será interpretada de acordo com as técnicas de persuasão na propaganda e publicidade.

Para além destes aspetos é importante procurar compreender o poder de influência da mensagem difundida na propaganda realizada em Portugal da Segunda Guerra Mundial, como é que esta foi interpretada pelos portugueses, sem esquecer de referir a realidade portuguesa na época em estudo. Este processo irá realizar-se através de uma observação comparativa entre anglófilos e germanófilos, analisando as ideias que defendiam e como estas eram transposta para a propaganda publicada na imprensa. Esta dissertação abrangerá duas questões diferentes, tomando ainda em consideração a relação existente entre elas: a primeira, o estudo da propaganda, e a segunda, o papel da fotografia na História.

A questão da propaganda como mecanismo de largo recurso por ambos os lados do conflito durante a Segunda Guerra Mundial é um assunto muitas vezes já abordado. As obras que o fazem focam-se essencialmente na história da propaganda, elegendo a Segunda Guerra Mundial como o auge da propaganda, sendo considerada uma arma de largo recurso durante o conflito. No entanto, uma perspetiva histórica da sua evolução, nomeadamente no âmbito técnico, assim como uma interpretação da mesma tem sido pouco estudada. A existência de imagens nessas obras tem um papel secundário, sendo utilizadas apenas como ilustração e não como exemplo e objeto central da análise, sendo que em alguma bibliografia a imagem é inexistente.

Alejandro Pizarroso Quintero, na obra *História da propaganda: notas para um estudo da propaganda política e de guerra*, e Oliver Thompson, em *Uma História da Propaganda*, apresentam várias definições e as origens para a propaganda. Fazem referência aos vários tipos propaganda e aos vários suportes em que esta pode surgir.

Jean-Marie Domenach, autor da obra *Propaganda Política* apresenta os vários exemplos de métodos adotados pelo propagandista para persuadir o público-alvo. Apresenta também o género de propaganda que cada regime político decide adotar, dando o exemplo da propaganda nazi, da propaganda de tipo leninista e da propaganda na democracia. Especificamente sobre a propaganda de guerra, Anne Morelli, em os *Princípios da Propaganda de Guerra*, faz um importante trabalho sobre a propaganda de guerra ao longo do século XX, desde a Primeira Guerra Mundial, até aos conflitos existentes hoje. Sintetiza em dez princípios os principais métodos de propaganda de guerra usados pelos vários regimes políticos.

Na historiografia não existem estudos de interpretação de mensagens de propaganda e da sua evolução ao longo de um determinado período. Este género de estudo apenas existe em livros de Marketing e Publicidade e em Sociologia da Comunicação.

A propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial é um assunto pouco estudado pela historiografia e geralmente é referido em vários estudos que têm como questões centrais outros aspetos, como é o caso da neutralidade portuguesa durante o conflito. António José Telo, na obra *Propaganda e guerra secreta em Portugal: 1939-45*, faz uma referência ao tipo de propaganda que entrava em Portugal nessa época e a forma como era tratada. Apresenta as várias formas de propaganda utilizadas pelos beligerantes. A obra *Portugal na Segunda Guerra Mundial: Contributos para uma reavaliação*, de vários autores, apresenta uma perspetiva sobre o papel de Portugal na Segunda Guerra Mundial, desde a sua neutralidade, à diplomacia e relações económicas, a publicações da época, dando uma visão de como o regime reagiu a certas investidas da propaganda por parte dos beligerantes.

A relação história-imagem tem sido pouco explorada. A utilização da imagem como fonte principal de uma dissertação é pouco frequente, principalmente no que toca ao contexto da Segunda Guerra Mundial.

No entanto, existem alguns autores que constituem referências importantes para a realização deste trabalho. Nuno Pinheiro, na obra *O Teatro da Sociedade: fotografia e representação social no espaço privado e público*, estuda as classes sociais no século

XIX através da fotografia. O assunto da obra centra-se na análise de como eram vistas as classes populares na viragem para o século XX, utilizando a fotografia como principal fonte do estudo. O autor defende que a análise de imagens também pode ser uma boa forma de investigação da sociedade, pois as imagens proporcionam muita informação, tanto sobre o fotógrafo, como sobre os fotografados.

Existem também outros autores que elaboraram reflexões e apresentaram diferentes perspetivas sobre o papel da fotografia na sociedade. Em *A Câmara Clara*, Roland Barthes propõe uma perspetiva referente à fotografia através de uma reflexão sobre o que é a fotografia, a mensagem que transmite e o que se sente em relação à fotografia. Susan Sontag, no seu livro *Ensaio sobre Fotografia*, apresenta vários textos críticos sobre fotografia, nomeadamente alguns publicados nos EUA. Faz reflexões acerca do papel da fotografia em vários aspetos, como o fotojornalismo, o surrealismo, dando a conhecer as suas experiências com a fotografia, tal como Roland Barthes. No livro *La Fotografia como Documento Social*, Gisèle Freund apresenta várias reflexões sobre a história da fotografia e os seus profissionais, focando de uma forma detalhada a relação existente entre a fotografia e a época em que se insere o artista.

Apesar de haver alguns estudos sobre História da Imagem e da Fotografia, assim como alguns trabalhos baseados em fontes fotográficas e outros usando a imagem apenas com a função de ilustrar, esta vertente da historiografia está ainda por explorar. Até recentemente tem existido alguma resistência em valorizar a fotografia enquanto fonte de informação para o estudo da História, estando de forma geral ausentes obras que se centrem no estudo da propaganda durante a Segunda Guerra Mundial baseadas na análise de imagens.

Penso que um projeto destes poderá ser pertinente, pois poderá abrir novos aspetos no que toca à importância da utilização da imagem num trabalho historiográfico. Para além disso, poderá trazer uma nova perspetiva de estudo da Segunda Guerra Mundial em Portugal e respetivos acontecimentos, documentada através da sua propaganda, interligando um tema histórico com a análise de imagem, tendo a propaganda como objeto de estudo.

O estudo comparativo da propaganda de guerra em Portugal que iremos realizar consistirá numa análise de documentos de propaganda através de fontes fotográficas. Essa análise será orientada na sua forma quantitativa, assim como qualitativa segundo

as técnicas usadas em publicidade e propaganda. Em suma esta análise baseia-se na observação da imagem enquanto documento histórico.

Como objetivo global para esta dissertação queremos estudar a propaganda que se fazia em Portugal e interpretar a sua mensagem, no que toca ao seu contexto, à sua envolvimento no conflito e técnica de persuasão utilizada, considerando que esta seria certamente um pouco diferente da que tinha lugar nos Estados em guerra, pois centra-se no contexto português, no ambiente de um país que se afirmava como neutral.

O que se pretende apresentar e defender é que a propaganda de guerra teve em Portugal uma grande dimensão e foi realizada pela ação dos beligerantes que formaram grupos de influência. Apesar de Portugal ser um país considerado neutro, e talvez mesmo por isso, o fenómeno da propaganda de guerra em Portugal, sobretudo a que era distribuída através de imprensa, fez com neste aspeto o país se tornasse num Estado colaborante com os diversos beligerantes, permitindo, dentro das limitações certamente definidas pelo regime autoritário que existia no país, que as várias potências propagandassem as suas ideias e procurassem granjear apoiantes.

Parte II – Fotografia e Propaganda

Neste capítulo pretende-se apresentar e defender o uso da imagem, mais concretamente da fotografia, como documento histórico e que deve ser considerado e integrado nos trabalhos de historiografia. Não apenas como ilustração de um conhecimento, a fotografia deve ser analisada e trabalhada como um qualquer outro documento histórico. Será, assim, apresentada em primeiro lugar uma breve história da fotografia, referindo os seus criadores, as primeiras experiências e as primeiras técnicas.

De seguida passar-se-á à apresentação da utilização da fotografia como documento histórico. Será apresentada a sua descrição como fonte histórica e a forma como se analisa um documento fotográfico.

Por último, apresentaremos a fotografia como meio de comunicação. Será feita uma reflexão sobre a mensagem que a fotografia procura transmitir e uma especial referência à fotografia de guerra, que muitas vezes está associada ao fotojornalismo, aspeto que será também referido.

A intenção desta reflexão teórica é também o de apresentar o estudo da propaganda e como esta pode ser útil para se analisar uma sociedade ou uma época. Será feita, em primeiro lugar, uma breve história da propaganda e serão apresentadas algumas definições de propaganda de acordo com as propostas de vários autores.

Tal como se focou o tema da fotografia, a apresentação da propaganda como meio de comunicação também será tratada. Este aspeto será abordado partindo de dois pontos que se consideram fundamentais: a opinião pública e a necessidade da propaganda.

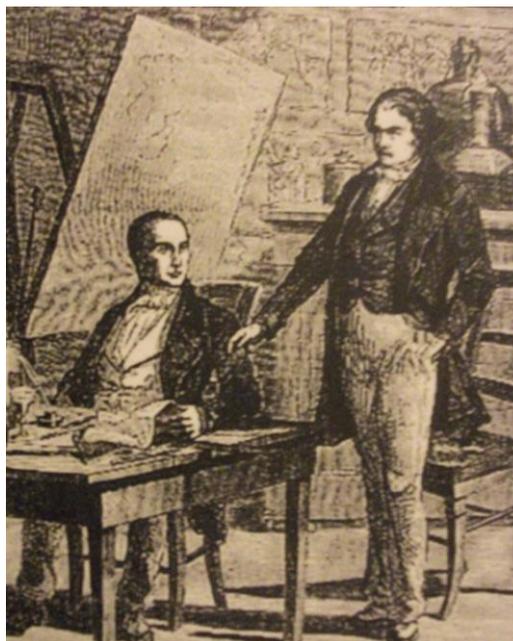
Para finalizar, far-se-á uma alusão à propaganda de guerra e às suas características. Serão apresentadas as características da propaganda de guerra, apresentadas e defendidas pelo autor Arthur Ponsonby e mais tarde resumido e defendido em dez princípios da propaganda de guerra pela autora Anne Morelli².

Será feita também uma referência à propaganda militar, que está ligada à propaganda de guerra e surge na base das fotografias que serão apresentadas e analisadas nesta dissertação. Em último lugar, mais especificamente, focaremos o caso da Segunda Guerra Mundial e da sua propaganda.

² Morelli, Anne (2008), *Princípios da Propaganda de Guerra*, Lisboa, Edições «Avante», p. 11.

História e fotografia

A fotografia é uma invenção do século XIX. Descoberta pelo francês Nicéphore Niépce que, em 1816, criou o primeiro negativo que, segundo o mesmo iria «reproduzir fielmente o real»³. Em 1829 Niépce fez sociedade com o pintor e homem de negócios Louis Daguerre, com o objetivo de comercializar a sua invenção, aperfeiçoando-a. Começam a desenvolver-se os primeiros retratos fotográficos e as primeiras reportagens fotográficas.



Niépce e Daguerre depois da assinatura da sua associação. Niépce está sentado.

Apesar da sua recente existência, a fotografia transformou o modo de olhar. O contato que hoje em dia temos com imagens fixas é a partir da fotografia mas, apesar disso, a fotografia não veicula nem a verdade nem a neutralidade que inicialmente muitos queriam atribuir-lhe. Tal como a pintura, a fotografia é uma representação da realidade e cabe ao fotógrafo apresentá-la com entender e ao recetor interpretá-la como melhor considerar.

A imagem e o texto

Quando é captado o momento é necessário comunicar ao observador o acontecimento que é retratado. O significado desse acontecimento é gerado através de uma legenda. No entanto, uma fotografia pode ter várias legendas que produzem resultados diferentes ou contraditórios⁴.

Ao contrário da linguagem verbal, a linguagem visual não pode ser analisada de forma igual. Apesar de se exigir uma análise e crítica ao documento, a imagem e o documento verbal têm modos de interpretação diferentes.

A leitura de uma imagem implica uma análise de texto. Não se pode criticar um documento fotográfico sem fazer um contexto a partir de uma análise textual. Uma imagem é sempre enigmática e é necessário, para além de descrever os seus elementos

³ Gervereau, Laurent (2007), *Ver, compreender, analisar imagens*, Lisboa, Edições 70, p. 157.

⁴ Ver: Barthes, Roland, (2012), *A Câmara Clara*, Lisboa, Edições 70.

(personagens, símbolos e ações), insistentemente questionar a sua natureza, o que significa e os seus propósitos, ou seja, elaborar uma crítica ao documento⁵.

A imagem, nomeadamente a fotografia, é um texto visual. Não podemos ler um texto sem imaginar uma imagem do que lemos. No entanto, também não é possível interpretar uma imagem com a ausência de um texto verbal.

A fotografia na imprensa

O surgimento da fotografia na imprensa na década de 1880 foi um importante momento na forma de ver e de dar a ver o mundo. Até ao momento apenas era possível ao leitor visualizar os acontecimentos que presenciasse, ou os que lhes fossem próximos. Com a utilização da fotografia na imprensa tornou-se possível ver o mundo através de um jornal ou revista.

Apesar de a fotografia ter surgido em 1839, com o desenvolvimento da técnica de daguerreotípia⁶, foram necessários vários anos para que a fotografia fizesse parte da imprensa. Anteriormente, os jornais utilizam ilustrações feitas a partir de gravuras realizadas em pedra – utilizando a técnica da litografia, sobre um placa de pedra calcária - ou madeira – utilizando a técnica da xilografia.

Os novos processos de impressão concretizados na viragem para o século XX vieram a permitir a inserção, que será cada vez mais alargada, de fotos nos jornais. Assim, com a fotografia surge a imprensa visual. No entanto, a fotografia além de retratar a realidade, também se pode tornar um instrumento de propaganda. Já no século XIX se manipulavam as imagens fotográficas em função dos objetivos que distorciam a verdade em função dos objetivos de quem a publicou.

Será nesse ambiente que a fotografia documental irá constituir a origem do fotojornalismo, quando ao fotógrafo cabe a possibilidade de transformar a sociedade. Pode entender-se a fotorreportagem como uma forma de relato ilustrado que faz residir na fotografia a capacidade de comunicação visual. O seu conteúdo, limites e objetivos, podem intensificar o exagero ou a falsificação, mas também podem funcionar como um simples elemento ilustrativo.

As fontes analisadas correspondem aos aspetos enumerados: são revistas de atualidades, sobretudo ilustradas, em que é possível visualizar os acontecimentos da

⁵ Rodrigues, Adriano Duarte (2003), *Comunicação e cultura – A experiência cultural na era da informação*, Lisboa, Editorial Presença, pp. 121-124.

⁶ Uma das primeiras técnicas de reprodução fotográfica que foi criada por Louis Daguerre, em 1839.

guerra, mas com um caráter propagandístico relativamente à Segunda Guerra Mundial. A fotografia ou a reportagem fotográfica têm um caráter ilustrativo que se torna numa visão do acontecimento. Porém, podem procurar influenciar a visão, manipulando a sua informação, principalmente quando se juntam as palavras em título ou legenda, onde apenas dá uma versão dos acontecimentos.

A fotografia de guerra

Em meados do século XIX deu-se origem aos primeiros trabalhos de fotografia de guerra. Consta que foi Roger Fenton quem efetuou a primeira reportagem de guerra, durante a Guerra da Crimeia, na década de 1850, ainda que a maior parte das fotografias apresentadas seja retratos de oficiais e dos locais das batalhas mais importantes. A partir daí foram vários os conflitos que se fizeram acompanhar de fotógrafos de guerra, tanto oficiais – destacando Mathew Brady, na Guerra Civil Americana – como amadores⁷.

O cenário de guerra é bastante pesado aos olhos de qualquer ser humano. Desde mísseis, minas, disparos de armas de fogo, gritos, corpos estendidos no chão, a tarefa de um fotógrafo de guerra é muito difícil, passando por momentos de grande adversidade.

A sua função é a de relatar essas situações através de material fotográfico. Para além desse objetivo, a fotografia de guerra tem também um caráter informativo num meio interno, permitindo, nomeadamente, identificar militares desaparecidos.

Robert Capa foi um exemplo de um grande fotógrafo de guerra. Em 1938 foi considerado o melhor fotógrafo de guerra devido às fotografias que publicou que retratavam a Guerra Civil Espanhola tiradas em 1936.

De naturalidade húngara, vivia em Nova Iorque. Em 1942, parte para Inglaterra, ao serviço da *Alliance Photo*, para fotografar a guerra ao serviço das forças Aliadas. Foi de Londres para o Norte de África, esteve em Itália e participou, inclusive, no Desembarque na Normandia (Dia D), na França ocupada⁸.

⁷ Pinheiro, Nuno (2006), *O Teatro da Sociedade: Fotografia e representação social no espaço privado e público*, Lisboa, CEHCP, p. 151; Holmes, Richard (2000), HOLMES, Richard, (2000), *World War II in Photographs*, London, Carlton Books Limited p. 6. Disponível em: <http://minhateca.com.br/Marcelahum/Livros+BIBLIOTECA++MILITAR++e++GUERRA/Richard+Holmes++Segunda+Guerra+Mundial+em+Fotografia.60574631.pdf>; All World Wars, <http://www.allworldwars.com/Crimean-War-Photographs-by-Roger-Fenton-1855.html> (consultado a 2/8/2014).

⁸ Magnum Photos; http://www.magnumphotos.com/C.aspx?VP3=CMS3&VF=MAGO31_9_VForm&ERID=24KL535353 (consultado a 6/8/2014).

Imagem/Fotografia como documento histórico

A fotografia tanto pode ser encarada como um objeto que ilustra a História como pode ser utilizada como uma fonte, referente a um tempo e a um assunto, mantendo um carácter sugestivo. A História sempre esteve acompanhada por uma tradição verbal e recorre mais a documentos escritos, muitas vezes por serem mais fáceis de utilizar. Para um historiador da sociedade, a fotografia é um importante meio para desenvolver o estudo, até mais do que as palavras. Se usarmos a fotografia para realizar uma análise mais geral de um tema mais amplo a fotografia pode ter resposta a muitas questões⁹.

A fotografia vem acompanhando o quotidiano do mundo contemporâneo, ilustrando a história da Humanidade. Sendo assim, como deve um historiador atuar quando se depara com um documento fotográfico? Como pode ser analisada, considerando que a interpretação da sua mensagem pode estar encoberta?

Métodos de análise da fotografia como fonte histórica

No caso da fotografia existem pontos a que se deve dedicar uma especial atenção. Esses pontos dizem respeito à natureza técnica da fotografia e ao ato de fotografar. A estes dois pontos, junta-se também a mensagem que pretende transmitir. A fotografia é uma fonte histórica que deve ser analisada pelo historiador num sentido crítico. Mas o testemunho deste tipo documento é válido, pois o seu registo foi feito para testemunhar um facto, uma situação, ou um estilo de vida¹⁰.

Segundo o que escreveu Jacques Le Goff, no estudo sobre Documento/monumento, pode considerar-se a ilustração como um documento ou como um monumento. No primeiro, tal como qualquer outro documento, deve-se abordar a fotografia como uma marca do passado, que retrata um quotidiano ou um acontecimento através da representação das pessoas, dos objetos e dos lugares. No segundo, a fotografia é como um símbolo ou uma representação da vida passada, que serve para dar conhecimento às gerações futuras o que foi uma determinada sociedade em épocas passadas¹¹.

⁹ Pinheiro (2006), *O Teatro da Sociedade*, p. 9.

¹⁰ Manuad, Ana Maria (1996), «Através da imagem: Fotografia e História Interfaces», *Tempo*, Rio de Janeiro, Vol. 1, n.º 2, pp. 73-98.

¹¹ Le Goff, Jacques (1997), «Documento/monumento», in *Enciclopédia Einaudi, Memória-História*, vol. 1, Lisboa, INCM, pp. 95-106.

A fotografia num trabalho historiográfico é muitas vezes utilizada como ilustração de um texto, ou um documento que tem interesse apenas para a história da arte. No entanto, os historiadores, levados a refletir sobre as atitudes, as culturas, as representações e também como forma de alargar as fontes disponíveis, naturalmente, foram levados a rever a sua posição sobre a utilização da imagem na construção do conhecimento em História.

Como apresentar a imagem para que possa servir as questões específicas do historiador, sem perder de vista suas singularidades instrumentais?

A imagem pode ser, de facto, uma fonte como muitas outras e requer um estudo sólido do contexto na sua interpretação, mas também é um objeto múltiplo, uma linguagem complexa, com diferentes características em momentos diferentes. Em suma, a imagem exige um método de análise rigoroso, traçando o contorno de um modelo geral que leve em conta as características de cada período.

Sendo assim, a análise de uma imagem requiere um método que pode consistir no cumprimento de uma grelha de análise de documentos gráficos baseada na apresentação do documento, na sua descrição física e na sua descrição analítica.

Em primeiro lugar é necessário apresentar do documento. Deve-se definir a sua natureza e a sua tipologia. De seguida, parte-se para a análise física do documento. É neste ponto que se descreve as dimensões, o suporte, os materiais e as técnicas utilizadas. Também se deve registar o local onde atualmente se encontram depositados.

Seguidamente deve partir-se para a análise do contexto em que a fonte foi produzida e a análise científica do objeto. Deve referir-se, caso se confirme essa informação, o autor, a datação e complementar com outras informações retiradas de fontes da época e da bibliografia consultada.

Após a sua contextualização, é necessário continuar a análise do documento através da observação, procurando elementos na imagem, elaborando um inventário e ordenando os elementos representados, incluindo o local em que foi registado o momento, as personagens presentes (uma só pessoa, um grupo ou multidão), as suas atitudes e gestos, costumes e animais, objetos ou símbolos. Se seguida deve destacar-se a ação ou ações que as personagens protagonizam.

Por último, elabora-se a crítica ao documento que consiste na sua interpretação e avaliação da informação que contém. É necessário interpretar a sua finalidade através dos símbolos e sinais que o documento apresenta para definir os seus objetivos e a sua

importância. No caso o documento vir apresentado juntamente com uma legenda, deve reforçar-se o diálogo texto/imagem.

O documento iconográfico é uma construção projetada para produzir uma certa relação com a realidade (evento, a ideologia, a mentalidade). É a partir da coleta e da análise conjunta destes três parâmetros (de imagem, meios de comunicação, difusão) que emerge da interpretação do historiador.

Em que pode contribuir para a historiografia?

A fotografia tem sido, desde a sua invenção, uma importante forma de construir e preservar a memória. No entanto, não se pode confundir a História da Fotografia com a utilização da fotografia como fonte histórica.

Na História da Fotografia o centro de investigação é a fotografia e o seu valor artístico. No que toca à História, em particular à História Social, esta tenta encontrar na fotografia a informação que esta pode proporcionar sobre a sociedade que a produziu, através do que está representado e na forma como se representa. É necessário trabalhar a fotografia como um texto, um texto onde está presente o seu significado.

Beaumont Newhall, em 1982, definiu a fotografia como sendo a história de um meio e não apenas de uma técnica vista aos olhos de quem a analisa e a tenta compreender. Em *A Câmara Clara*, Roland Barthes apresenta o objetivo de estudar a fotografia como linguagem. Susan Sontag, em *Ensaio sobre Fotografia*, aborda a fotografia enquanto fenómeno de comunicação que se torna omnipresente e a ganhar reconhecimento artístico. Defende que a fotografia fornece hoje em dia a maior quantidade de conhecimento que temos sobre o passado e sobre o presente. O seu realismo fornece provas¹².

A imagem/fotografia deve ser interpretada como um qualquer documento. Deve contextualizar-se e elaborar uma crítica ao mesmo. Esta apresenta uma situação que permite interpretar comportamentos e representações do fotógrafo e dos fotografados.

As imagens fotográficas podem ser usadas como principal fonte histórica em várias temáticas. Através de fotografias de guerra é possível ter uma visualização mais concreta do momento e situar no tempo e no espaço uma determinada batalha, os combatentes, as fardas e as armas. Nas revistas ilustradas, frequentes nos inícios do século XX, é possível visualizar o tipo de educação do olhar que transmitiam aos seus

¹² Pinheiro, Nuno (2011), *Fotografia e História Social: Utilização da fotografia como fonte para a História*, Separata da revista *Estudos do Século XX*, Universidade de Coimbra, n.º 11.

leitores. As fotografias oficiais permitem uma visão do poder político de uma determinada época.

As imagens não devem ser utilizadas na historiografia apenas para reforço do conhecimento já construído. Deve-se, sim tratá-las como qualquer outro tipo de documento, interpretando a sua mensagem. Tal como outras fontes, as imagens não falam por si e não contêm toda a verdade. São os historiadores que as fazem falar ou silenciar¹³.

Fotografia como meio de comunicação

A fotografia comunica através de mensagens não-verbais e devem ser articuladas a um todo social. Por representarem fragmentos da realidade a fotografia reproduz partes distintas de uma determinada cultura. Funciona como um meio que transmite uma determinada informação para um determinado público. Susan Sontag, em *Ensaio sobre Fotografia* mostra a importância da imagem. Explica-nos que «Ao ensinar-nos um código visual, as fotografias transformam e ampliam as nossas noções do que vale a pena olhar e do que pode ser observado»¹⁴. Mostra também que a fotografia transforma e amplia as noções do que vale a pena olhar e do que deve ser observado¹⁵.

A fotografia resulta de um jogo de expressão e de conteúdo que envolve o autor, o texto ilustrativo e o leitor. No entanto, é o recetor, ou seja, o leitor que tem a competência para fornecer significados à imagem e interpretar a sua mensagem.

A compreensão da imagem fotográfica, feita pelo emissor, pode dar-se a nível interno, resumindo-se aos elementos que a fotografia apresenta, e a nível externo: «O fotógrafo é considerado um observador arguto mas imparcial; um escritor e não um poeta. (...) o pintor constrói, o fotógrafo revela. A fotografia domina sempre a nossa percepção e não acontece...»¹⁶.

Roland Barthes observa que a foto pode ser objeto de três práticas e intensões: fazer, suportar e olhar. O Operador é o Fotógrafo. O Spectator somos nós, espectadores das coleções de fotos. O Spectrum, o que é fotografado, o alvo, o referente, o espetáculo.

¹³ Neves, Lucas Vieira Baeta (2004), «A fotografia como documento histórico», in *Em tempo de Histórias*, n.º 8. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/2651/2199>.

¹⁴ Sontag, Susan (2012), *Ensaio sobre fotografia*, Lisboa, Quetzal Editores, p. 11.

¹⁵ Sontag, (2012), *Ensaio sobre fotografia*, p. 12.

¹⁶ Sontag (2012), *Ensaio sobre fotografia*, pp. 90-94.

Como não é fotógrafo, a ele escapa a emoção do Operator – Fotógrafo. A escolha do assunto, como olha, limita, enquadra e coloca em perspectiva o que ele quer captar e surpreender¹⁷. Quando o recetor vai para além do que a fotografia transmite e faz aproximações do texto visual com outros textos da mesma época. Com isto faz um cruzamento de informações entre vários documentos enriquecendo assim o trabalho historiográfico.

História, propaganda e comunicação

O termo propaganda tem origem latina no termo *Propagare*. Indica algo que é de conhecimento público, visível, conhecida, ou divulgada¹⁸.

Relativamente à sua definição existem várias ideias do que consiste este fenómeno que tem acompanhado a Humanidade ao longo da sua história. Harold Lasswell, de nacionalidade americana e pioneiro nos estudos da propaganda, na década de 30 do século XX, define propaganda como «a gestão das atitudes coletivas através da manipulação de símbolos significantes.». O Instituto de Análise da Propaganda (Institute for Propaganda Analysis), criado nos EUA e fundado em 1937, disse que a propaganda é «a expressão das opiniões ou as ações de indivíduos ou grupos deliberadamente concebidas para influenciar as opiniões ou as ações de outros indivíduos ou grupos, com referência a determinados fins.». Leonardo Doob definiu-a como «uma tentativa sistemática, por parte de um ou de vários indivíduos através da utilização da sugestão, controlando assim as ações.»¹⁹.

Existe uma ligação entre os termos propaganda e publicidade. Ambos apresentam uma forma de comunicar através de produções simbólicas veiculadas nos meios de comunicação mais influentes²⁰. A propaganda é uma realidade que se tem manifestado ao longo da história sob vários aspetos: por meio da escrita (principalmente através da imprensa), pela palavra falada, pela imagem (em fotografia, símbolos, pintura, escultura, arquitetura), pela música e espetáculos e através de ações e gestos.

O uso da palavra propaganda tem, nos dias de hoje, um caráter depreciativo. Hoje qualifica-se a propaganda como sendo algo negativo, falso e de fraca seriedade. A

¹⁷ Barthes, (2012), *A Câmara Clara*, p. 17.

¹⁸ Silva, Francisco Carlos Teixeira da (org.) (2004), *Enciclopédia de guerra e revoluções do séc. XX*, Rio de Janeiro, Editora Campus – Elsevier. p. 723.

¹⁹ Thomson, Oliver (2000), *Uma história da propaganda*, Lisboa, Temas e Debates, pp. 15-16.

²⁰ Silva (2004), *Enciclopédia de guerra e revoluções do séc. XX*, p. 723.

propaganda está associada ao controlo, sendo pretendido entremear ou manter equilibrada, sempre a favor do emissor da mensagem.

Pode considerar-se que existem três diferentes formas de propaganda: Propaganda Branca, Propaganda Cinzenta e Propaganda Negra.

Na Propaganda Branca a fonte, ou emissor, está devidamente identificado e o conteúdo da sua mensagem tende a ser claro e preciso. No caso da Propaganda Cinzenta, a fonte pode ou não estar identificada de modo correto e a exatidão da informação é pouco clara e um pouco duvidosa. A Propaganda Negra é aquela em que a fonte emissora é propositadamente adulterada. A sua mensagem pode ser desviada da verdade e perder a sua fidelidade²¹.

O emprego da Propaganda Negra foi muito utilizado na Segunda Guerra Mundial. Neste caso específico nota-se o exagero, minimização ou desfiguração da informação, facto que permite ao propagandista destacar aquilo que lhe interessa.

Princípios da propaganda

Jean-Marie Domenach, no seu livro *A Propaganda Política*, enumera algumas regras de como a propaganda foi empregue ao longo dos anos por vários regimes, desde autoritários a democráticos. São eles:

- Simplificação: a propaganda deve ser clara mas sintetizada. De preferência deve ser usada num *slogan*, numa palavra de ordem ou num símbolo.
- Amplificação: este princípio destaca o que mais interessa para o propagandista cumprir o seu objetivo. Para transmitir a mensagem que pretende dirigir ao seu público-alvo, este princípio baseia-se nos factos deformados.
- Orquestração: consiste na repetição das mensagens simplificadas de propaganda. Para ser eficaz, essa repetição é feita até à exaustão, não de forma monótona, mas adaptada a formas diferentes, chegando a vários públicos pelos mais variados recursos.
- Transusão: consiste na adaptação aos diversos públicos. Deve ser repetida até à exaustão com o objetivo de se adaptar aos vários públicos.
- Contágio: este princípio tem como propósito obter unanimidade. Uma vez recebida a mensagem por parte da audiência, efetua-se o mecanismo da

²¹ Quintero, Alejandro Pizarroso (1993), *História da Propaganda: notas para um estudo da Propaganda Política e de Guerra*, Lisboa, Planeta Editora, pp. 19-20.

unanimidade e do contágio sendo que todo o grupo se conforma com uma única opinião.

- Concentração: esta regra baseia-se na necessidade encontrar sempre um culpado para uma determinada situação ou acontecimento.
- Insinuação: esta regra pode criar no espectador um sentimento de rejeição ou de desconfiança em relação a alguém ou a uma ideia através de insinuações que podem recorrer ao humor, ao destaque de pormenores de discursos, ou fotografias desligadas do seu verdadeiro contexto, abrindo assim caminho para boatos.
- Terror: o terror é uma arma psicológica usada como forma de pressão ou chantagem.

Propaganda e a Guerra

Tal como a propaganda política, a propaganda de guerra dirige-se especialmente à população civil que, no caso específico de estado de conflito armado, sustenta o esforço da guerra, mas também aos militares quando a levam a efeito.

A Segunda Guerra Mundial, com grande preparação teórica, permite abordar a propaganda de guerra com novas perspetivas. Durante este conflito, o desenvolvimento propagandístico foi enorme, contando com a utilização de novos meios, como a rádio e o cinema.

O uso da propaganda negra – em que a fonte é adulterada independentemente da falsidade ou fidelidade da mensagem – foi o meio mais utilizado. O exagero, a minimização ou desfiguração da informação permitem destacar o que realmente interessava. Como afirmou Goebbels: «Toda a mentira é crível quanto maior for».

Durante o conflito, os Estados em guerra dependiam dos resultados da «guerra indireta» que vinha do exterior. A imagem que passavam para os diferentes públicos era determinante na campanha a seu favor e contra o inimigo.

As grandes guerras mundiais, especialmente a Segunda, foram palcos de grande e intensa propaganda. A Segunda Guerra Mundial iniciou-se como uma guerra em que se evocam essencialmente razões de Estado, com regras e limitada ao confronto militar. Contudo, acabou por se transformar numa guerra ideológica²².

²² Ver: Quintero (1993), *História da Propaganda: notas para um estudo da propaganda política e de guerra*

O inimigo é considerado como perverso, desumano e maldoso. No caso da Alemanha Nazi e da União Soviética estalinista, estas punham ao serviço dos projetos políticos, dos mitos do regime que serviam, uma arte que mostra aspetos de força e convicção, apesar de ser uma propaganda programada e ideológica. Os Aliados (considera-se a Inglaterra e os EUA) seguiram-lhe as pisadas usando os mesmos métodos e estilos.

A função da propaganda de guerra será sempre criar um contexto radical de bons e maus. As ideias transmitidas são de que a sua causa é justa e os nossos são bons, heróis, justos e salvadores da Humanidade e quem trará um futuro digno. Os outros são a representação do mal e os destruidores da humanidade e do mundo como era conhecido até então. É preciso exterminá-los e vencê-los a qualquer custo.

A perversa indústria da propaganda, utilizada, ao longo do século XX, pelos vários regimes políticos, para difundir as respetivas mensagens, tinha atingido o seu auge. Tudo era válido, desde as mensagens claras às insinuações mais impercetíveis. A propaganda encontrava-se nos mais variados tons em vários suportes – rádio, cinema, jornais, revistas, livros, fotografias, cartazes, postais ilustrados, etc. – tudo utilizado em proporções de todo gigantescas, o que fez da Segunda Guerra Mundial uma guerra de propaganda. A arte de manipular a opinião pública, tanto nos estados beligerantes como nos estados neutros, a propaganda tornou-se numa arma tão ou mais mortífera do que as que se utilizavam nos campos de batalha. No caso dos estados neutros as ações de propaganda dos beligerantes são utilizadas para atrair simpatizantes de forma a fortalecer a sua causa e influenciar a opinião pública a seu favor.

Com tudo isto, pode concluir-se que os diferentes beligerantes tinham um objetivo em comum: o de gerar opiniões, persuadir, denegrir e destruir o inimigo.

A autora Anne Morelli sintetizou e enumerou um conjunto de medidas usadas na propaganda de guerra, listando os dez princípios da propaganda de guerra. Estes princípios não se aplicam apenas à Primeira Guerra Mundial, como descreveu Arthur Ponsomby, mas a todas os conflitos armados desde esse acontecimento e que são unanimemente usados pelas várias forças políticas e militares em conflito.

Arthur Ponsomby foi deputado representante do Partido Trabalhista inglês na Câmara dos Comuns. Foi contra a participação da Inglaterra na guerra de 1914-1918, o que o fez sair do Partido Liberal, onde tinha iniciado a sua carreira política. Devido aos

seus ideais pacifistas acaba por deixar o Partido Trabalhista em 1940, quando o partido se junta à União Sagrada.

Em 1928, Arthur Ponsomby publica, em Londres, a perturbadora obra *Falsehood in Wartime (Falsidade em tempos de guerra)*. Esta obra foi traduzida para francês, intitulando-se *Les faussaires à l'oeuvre en temps de guerre (Os falsificadores em ação em tempo de guerra)*. Esta obra denunciava os falsos aliados, facto que desagradou a muitos e por isso foi considerada uma obra de colaboração para com o inimigo.

Nesse livro denunciou algumas falsidades e propaganda criadas durante a Primeira Guerra Mundial. Descreve as mentiras lançadas pela Alemanha, a França, os EUA e a Itália, mas principalmente pela Grã-Bretanha. Assim o autor enumerou algumas medidas da propaganda de guerra²³.

Esses dez princípios enumerados por Anne Morelli, ditos como universais da propaganda de guerra, são:

1. Nós não queremos a guerra

Neste primeiro princípio os Estados em guerra pretendem dar a entender uma situação de guerra indesejada. Os chefes de Estado e do governo consideram-se anunciadores da paz. No entanto a questão é: porque fizeram acontecer a guerra?

O princípio que se segue poderá responder a essa pergunta. Insinuam que foram forçados a partir para a guerra, pois o campo adversário é que começou tudo. Sendo assim, os Estados viram-se obrigados a reagir para se defender.

2. O campo adversário é o único responsável da guerra

Este princípio quer dar a entender que é necessário fazer a guerra para acabar com todas as guerras. Esta seria a última das guerras, portanto faz-se a guerra porque o inimigo agressor o impôs, sendo o único responsável pela guerra: «polvo inimigo cerca o nosso pobre país». Este segundo princípio foi várias vezes aplicado na Segunda Guerra Mundial ao longo da sua longa duração, principalmente no seu início, como será possível verificar no capítulo referente à análise de fotografias de guerra.

3. O inimigo tem o rosto do diabo («ou o mau de serviço»)

²³ Morelli (2008), *Princípios da Propaganda de Guerra*, pp. 9-12.

Este princípio mostra a necessidade de denegrir o inimigo personificando-o a partir do seu chefe governante. O inimigo ganha assim um rosto. Para enfraquecer o adversário é necessário denegrir a imagem do seu governante e torná-lo numa pessoa odiosa. Define-se então este como o objetivo da guerra: o de capturar essa figura inimiga.

4. Defendemos uma causa nobre e não interesses específicos

A guerra muitas vezes move-se por vontade de dominação geopolítica e por motivos económicos. Mas estes interesses não se podem proclamar. É mais conveniente que a população perceione que a guerra implica a sua independência, a sua honra e a sua liberdade. Assim, a propaganda deverá esconder os principais objetivos acima expostos.

5. O inimigo provoca conscientemente atrocidades; se nós cometemos erros, é involuntariamente

A propaganda de guerra também se baseia no relato das atrocidades cometidas pelo inimigo. O objetivo deste princípio é o de fazer crer que estas atrocidades são comuns no adversário e que o «nosso» lado está ao serviço da população, inclusive a população do lado inimigo.

6. O inimigo utiliza armas não autorizadas

O inimigo recusa-se a respeitar as regras do cavalheirismo, ao contrário do «nosso» lado, que defende estas normas com rigor. No entanto, a realidade é que a vitória num conflito armado só pode ser possível a partir da prestação dos seus oficiais, da coragem dos seus militares, mas principalmente pela capacidade de armamento de cada lado. Quando o inimigo apresenta uma arma nova, a tendência é afirmar que essa arma não é autorizada e não é leal servir-se dela.

No caso do ataque surpresa se for praticado do «nosso» lado é uma forma de estratégia totalmente legítima. No entanto, essa atitude vinda do inimigo é dada como um ato de cobardia.

7. Sofremos muito poucas perdas, as perdas do inimigo são enormes

Tendencialmente o ser humano apoia sempre a causa vitoriosa. No caso específico da guerra a opinião pública pende para o lado que aparenta ser o mais forte. Se esse facto acabar por se não demonstrar real, o seu resultado será o contrário e procurar-se-á

reforçar a ideia de que as «nossas» perdas – humanas e materiais – são menores quando comparadas com as do inimigo, muito maiores.

8. Os artistas e intelectuais apoiam a nossa causa

Este princípio baseia-se na importância da opinião pública. A propaganda vive da emoção. Mas para se obter essa emoção é necessário recorrer muitas vezes a figuras de elite, como artistas e intelectuais. Através da pintura, da fotografia, da imprensa, do cinema, da escrita e da música, entre outros meios de comunicação, é possível criar um forte argumento propagandista: o intelectual torna-se emissor da propaganda de guerra, defende uma causa e gera uma opinião.

9. A nossa causa tem um carácter sagrado

A «nossa» causa é sagrada e é necessário defendê-la, mesmo que seja recorrendo às armas. A guerra é dita como sendo um ato religioso e heróico como se de uma cruzada se tratasse, defendendo a causa em que acreditam.

O emprego deste princípio na propaganda de guerra tem o objetivo de incentivar os seus combatentes a lutar pela causa mais nobre. Torna-se uma causa sagrada, uma causa de Deus e que reforça as suas forças. Insinua também que no caso de morrerem irão diretamente para o Paraíso se combaterem com fé.

10. Os que põem em dúvida a propaganda são traidores

Colocar em causa as afirmações que a propaganda enumera era motivo para se considerar traição ou falta de patriotismo. Em caso de guerra, o indivíduo prudente pretende sempre compreender os dois lados antes de criar a sua própria opinião. Esta atitude é vista pelos propagandistas como um ato de cumplicidade e cooperação com o inimigo.

*

Tal como a propaganda diplomática, a propaganda militar era uma forma de propaganda especializada, destinada principalmente a desmoralizar os inimigos ou a encorajar os seus aliados durante a guerra.

Este tipo de propaganda, de um modo geral, inclui a distribuição de folhetos de rendição às tropas inimigas, inclui também a propagação de histórias de atrocidades, destinadas a reforçar a moral das tropas e a desencorajar a rendição, bem como

exibições aterradoras de tudo o que possa se visto pelo outro lado, como a artilharia, navios e aviões. A propaganda militar inclui também um amplo volume de material que glorificou a ideia de guerra. Um exemplo que se pode dar é a amostra de pequenos documentários sobre o estado da guerra na apresentação dos filmes no cinema²⁴.

O caso da propaganda da Segunda Guerra Mundial em Portugal, encontrada nas fontes em estudo, não foge à regra. Através da análise feita, é possível reparar que o objetivo é o mesmo: desmoralizar o inimigo, com a intenção de destruí-lo e encorajar os seus aliados mostrando que a vitória está próxima.

Neste capítulo é possível concluir que a fotografia pode ser considerada como um documento histórico como qualquer outro documento. A fotografia pode ser analisada da mesma forma do que um documento escrito, por exemplo.

A fotografia não deve apenas servir de apoio ou ilustração do conhecimento adquirido através de outras fontes, pode também conter uma mensagem que pode contribuir para o enriquecimento de um trabalho historiográfico. A fotografia tem um carácter visual que permite fazer uma reconstituição do passado, demonstrando figurativamente a visualização de um determinado acontecimento ou do quotidiano de uma época ou sociedade.

A fotografia de guerra ilustra o quotidiano da guerra, exhibe o arsenal utilizado, regista e informa. No entanto a fotografia de guerra pode mostrar um outro lado: o da propaganda. Num sentido de propaganda é visível ter uma segunda interpretação da mensagem, nas atitudes das personagens que se apresentam e nas suas ações.

Transmite que tudo está ganho e calmo, demonstra posições de combate e exibição de armas, homens, meios de transporte e outros recursos, com o objetivo de intimidar o seu inimigo. No entanto, para reforçar a sua ideia de propaganda, existe a legenda, que chega a manipular a verdade.

Na propaganda, a imagem e o texto são aliados para concretizar a eficácia do seu objetivo: transmitir a mensagem, influenciar, manipular e criar opiniões.

²⁴ Thomson (2000), *Uma história da propaganda*, pp. 27-28.

Parte III

Portugal na Segunda Guerra Mundial: neutralidade e a propaganda de guerra

Este capítulo debruça-se sobre a política portuguesa do Estado Novo durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). É pretendido dar uma visão abrangente de alguns dos fenómenos com consequências ao nível da política externa portuguesa e das relações internacionais, bem como da neutralidade afirmada por Portugal.

Na primeira parte será abordado a questão da neutralidade e os elementos que sustentam um Estado neutro. Seguidamente debater-se-á o caso específico português e a propaganda de guerra. No ponto seguinte far-se-á uma abordagem às relações económicas entre Portugal e os países em confronto analisando com particular incidência a política de neutralidade no campo económico. Por último, será analisada a política externa ao longo do conflito, incluindo alguns casos específicos da guerra que se podem considerar mais marcantes para a manutenção da neutralidade em Portugal. São eles: a política económica e diplomática portuguesa face à guerra, o Pacto Não-Agressão e o caso Açores.

A neutralidade pode considerar-se uma atitude de imparcialidade por parte de um Estado durante um conflito armado, ou seja, esse Estado não apoia nenhuma das partes em conflito. O Estado neutral tem de assumir uma atitude de estrita imparcialidade.

Um Estado que se declare neutro deve abster-se de conceder qualquer tipo de ajuda aos Estados em guerra e evitar que se desenvolvam atividades militares no seu território, bem como o estabelecimento de bases militares e de centros de recrutamento.

Estes foram os resultados da conferência de Haia, em 1899. Mais tarde, em 1907, foi reforçada a ideia de neutralidade: um Estado que se declare neutral não pode ceder no seu território facilidades militares a nenhum dos beligerantes.

Entende-se assim que um Estado neutro deve manter-se alheio à guerra. Portugal, apesar de querer manter a sua neutralidade, concedeu facilidade de natureza militar aos Aliados, com a cedência do território açoriano, tendo menosprezado uma das condições estipuladas nas conferências de Haia. Considera-se assim que Portugal não cumpriu as normas relativas à imparcialidade que deveria manter durante o conflito.

A 1 de setembro de 1939, com a invasão da Polónia e início da Segunda Guerra Mundial, Portugal marcou a sua posição ao declarar-se Estado neutro. A situação de Portugal sobressaiu pela sua duplicidade.

Manter a Aliança Luso-Britânica foi uma das razões para ter colaborado com os Aliados. Leva também a cabo manobras diplomáticas com a intenção de evitar a entrada da Espanha na guerra pelo lado do Eixo, situação que poderia resultar num cenário de guerra na Península Ibérica.

Entretanto a balança comercial lucra com a exportação de volfrâmio e outros produtos para os dois lados em conflito. As portas do país abrem-se aos refugiados que trazem riqueza material e intelectual para o país.

A propaganda dos beligerantes em Portugal

Durante o período de Guerra emerge uma mudança na atitude dos portugueses, sendo mais visível em certos sectores sociais e em determinadas regiões, em particular aquelas que mais contactaram com as populações refugiadas que passavam por Portugal. A influência foi mais sentida as regiões onde a classe média urbana era mais numerosa, onde se encontravam certos grupos de intelectuais, como os estudantes. A mudança foi mais notória em zonas como o Estoril, Lisboa e Porto.

As causas dessas mudanças de atitude têm a ver com uma alteração da situação internacional e das condições internas, além da já referida passagem e, por vezes, estabelecimento de refugiados. A intensa propaganda realizada pelos beligerantes no território português teve grande impacto e também contribuiu para a mudança. Numa população que tinha poucos contactos com o exterior, o impacto teve um efeito extraordinário, embora toda a informação vinda do exterior fosse em grande parte filtrada pelos meios de censura e de controlo de comunicação.

De repente tudo mudou. Os alemães, primeiro, seguindo-se os ingleses e os norte-americanos, começaram a disparar informação para a população portuguesa através de vários meios de informação, jornais, revistas, folhetos, cartazes e livros, que trazem para Portugal uma visão perturbadora da Guerra que se vivia. Ao mesmo tempo que a propaganda surgia nos meios de informação, também se divulgam e popularizam novos meios técnicos, como o rádio e o cinema.

O território português é «invadido» por estrangeiros, na sua maioria refugiados, movimento que se prolonga até 1945. Embora estas populações, na sua vasta maioria, permaneçam durante pouco tempo em território português e o poder político tenha

procurado restringir o mais possível o contacto entre estrangeiros refugiados e a população portuguesa, o impacto na população portuguesa foi imenso. Um país fechado sobre si próprio viu-se de repente perante manifestações de formas de estar e costumes diversos que certamente influenciaram os seus hábitos e a sua mentalidade.

O regime português conhecia a importância da propaganda. Ainda assim, foi com alguma surpresa que se apercebeu do impacto da propaganda estrangeira a partir de 1940. Esta surpresa foi visível num dos Boletins da União Nacional que dizia: «Rebentada a guerra, o país foi pouco a pouco avassalado pela propaganda dos beligerantes, e depressa se verificou um estado de saturação completamente deletério, do ponto de vista nacional. A opinião portuguesa intoxicou-se progressivamente (...) já quase não sabem distinguir a fantasia da realidade»²⁵.

O regime vê com muitas reservas a chegada e expansão da propaganda dos beligerantes, independentemente do seu conteúdo e origem: «A nossa posição de neutralidade afirmada pelo Governo de acordo com os mais evidentes imperativos do interesse nacional e exemplarmente seguida tem condicionado a atividade jornalística e publicitária dos portugueses. Procura-se, na atual emergência defender como o bem mais precioso a unidade moral dos portugueses, de todas as paixões e ódios que a possam enfraquecer ou dividir, de modo a nunca permitir que prevaleçam os interesses dos países estrangeiros sobre a Nação portuguesa.»²⁶.

Com o objetivo de combater essa propaganda, as suas «más influências» e manter a neutralidade de Portugal, o poder político desenvolve esforços para controlar a difusão de mensagens de propaganda. Os principais órgãos encarregues deste controlo foram o Secretariado de Propaganda Nacional e os serviços de Censura, com a colaboração das forças policiais e da alfândega.

Os serviços de Censura estavam entregues aos militares e mantêm um controlo profundo da imprensa, seja ela nacional ou regional. Todos os escritos que se pretendiam publicar tinham obrigatoriamente que passar pela Censura, que corta o que pensa que deve cortar, aprova os diretores dos jornais, dá acordo à venda das publicações e elabora a listagem de publicações que se podem publicitar.

²⁵ Telo, António José (1990). *Propaganda e guerra secreta em Portugal (1939-1945)*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, p. 14.

²⁶ Cf. *Diário da Manhã*, 20 de Março de 1941, p. 1.

A Censura produz um «Boletim Diário» onde estão presentes os principais cortes efetuados. Os «Boletins Diários» servem para enviar instruções e exemplos às delegações situadas na província e para controlar as atividades. São também distribuídos ao presidente da República, à Presidência do Conselho, à SPN, ao Estado-Maior do Exército e ao Ministério do Interior.

A Censura tenta reforçar a posição de neutralidade no país e evitar ataques frontais aos beligerantes por parte dos órgãos de informação. A propaganda vinda do exterior era na sua maior parte alemã, dando a Censura pouca importância e não prestando muita atenção à informação que circulava.

Existe, desde 1939, uma clara simpatia pelos Aliados em Portugal por parte da imprensa nacional. Contudo, seguindo as indicações do Governo, a Censura atua no sentido de favorecer a vinda de fotografias e notícias provenientes das agências do Eixo, de modo a compensar a parcialidade da imprensa portuguesa²⁷. Desta forma, é possível ver na imprensa os vários anúncios de canais radiofónicos dos dois lados beligerantes, representados pela Alemanha («Berlim, a Alemanha fala!») e pela Inglaterra («BBC, a voz de Londres fala e o Mundo acredita»)²⁸.

A partir de 1942, afirma-se de forma mais acentuada a manifestação de uma maior simpatia dos órgãos de informação portugueses pelos Aliados. Por outro lado, a Censura continua a lutar contra esta tendência²⁹.

Em agosto de 1942, o próprio Ministério da Guerra vê-se obrigado a editar uma Circular onde se constatava que vários militares de diversas categorias e graus manifestavam publicamente as suas simpatias e antipatias pessoais por cada um dos lados beligerantes, sendo necessárias aplicar sanções disciplinares. Foi então apresentada uma série de medidas para evitar futuros confrontos. Foi proibido aos militares manifestar publicamente uma posição favorável a qualquer um dos beligerantes, fazer circular ou afixar qualquer documento que sugira favoritismo por qualquer um dos Estados em guerra em estabelecimentos pertencentes ao Ministério da Guerra, publicar qualquer crónica militar sobre o conflito, tanto a militares no ativo como em situação de reserva. Apenas eram permitidas sessões de cinema de guerra. No entanto, deveriam ser filmes apenas de carácter militar fornecidos pelos exércitos dos

²⁷ Telo (1990), *Propaganda e guerra secreta em Portugal*, p. 16; Carrilho, Maria (1989), *Portugal na Segunda Guerra Mundial: Contributos para uma reavaliação*, Lisboa, D. Quixote, pp. 107-108.

²⁸ Cf. *Diário de Lisboa*, 24 de maio de 1942, p. 2.

²⁹ Telo (1990), *Propaganda e guerra secreta em Portugal (1939-1945)*, p. 26.

países em conflito. Era permitida também a publicação de artigos técnicos sobre a arte da guerra³⁰.

A luta da Censura no combate à parcialidade mostrou-se cada vez mais votada ao fracasso. Em 1943, o SPN refere que apenas o *Diário de Manhã* manteve a imparcialidade possível, os restantes jornais portugueses são antigermânicos, tanto nas notícias como nos comentários, como, por exemplo o *Diário de Notícias*, *O Século*, ou a *República*. Sendo assim, a política da Censura também se modifica, rende-se, tornando-se cada vez mais pró-aliada, mesmo após a guerra: «Os principais jornais estabeleceram canais diretos de ligação com países anglo-saxónicos, passando a dedicar-lhes muito maior atenção³¹».

Como a Propaganda se espalhou em Portugal: Anglofilia e Germanofilia

A Inglaterra é pioneira no campo da propaganda. A sua ação durante a Primeira Guerra foi invencível. Sob o comando de Lord Northcliffe montou-se uma máquina pequena, mas eficaz e de muita importância na mobilização da frente interna, na entrada na guerra dos EUA e de diversos outros países, como Portugal.

Com a Segunda Guerra Mundial, a Inglaterra lança-se de novo na batalha da propaganda. A propaganda realizada em Portugal variou muito. Pode distinguir-se três fases: uma propaganda defensiva até 1942; uma propaganda de equilíbrio até 1943; uma última propaganda ofensiva.

Nos primeiros tempos, a Inglaterra vê-se surpreendida com a qualidade da propaganda do Eixo e pelos recursos de que dispunha. Nas publicações editadas em Portugal, como o *Mundo Gráfico* e o *Anglo Portuguese News*, também pelo facto de a Inglaterra não se identificar com o regime vigente em Portugal, preferencialmente promovia-se a figura de Carmona e de personalidades mais ligadas à causa da Inglaterra.

Durante a Segunda Guerra Mundial a anglofilia desempenhou um papel importante na política em Portugal. Desde logo, foi clara a tendência anglófila dos portugueses. Existia um difuso «sentimento popular pró-britânico».

O conflito mundial é visto como um choque ideológico no qual se jogava o futuro dos regimes democráticos face à ameaça dos regimes fascistas. Os Aliados usavam o tema do choque ideológico para dar a conhecer as vantagens de um regime

³⁰ Cf. Arquivo Histórico-Militar, 37/2, doc. 5; Circular nº 38 de 15 de agosto de 1942.

³¹ Telo (1990), *Propaganda e guerra secreta em Portugal (1939-1945)*, p. 28.

democrático, através de ações como o voto e o funcionamento de uma assembleia de deputados. Estas ações seriam uma forma indireta de influenciar a evolução do regime português em direção a um estado liberal.

A partir de 1941, a Inglaterra apresenta melhores resultados na guerra de propaganda, conseguindo cada vez mais apoiantes. Causa impacto o lançamento da campanha VV, lançada na Bélgica e que se expande pela Europa, aclamando a Vitória dos Aliados (o conhecido «V de Vitória»). Em Portugal esta manifestação surge em cartazes com objetivos de propaganda e cartazes publicitários das empresas ligadas aos Aliados.

Em 1942 também os EUA manifestam interesse em publicar a sua propaganda em Portugal de forma a reunir simpatizantes, lançando a revista *Em Guarda*. Para além das reportagens de guerra, este periódico reunia vários artigos sobre a cultura e costumes dos países do continente americano.

Neste conflito, a Alemanha seguiu as lições obtidas da Inglaterra na Primeira Guerra e assim que Hitler sobe ao poder é criado o Ministério da Educação Popular e Propaganda, entregue a Joseph Goebbels, sendo o primeiro país a criar um ministério dedicado à propaganda ainda em tempo de paz.

Goebbels mostrou ser muito eficiente na exploração dos meios e técnicas de propaganda, usando com grande mestria a rádio, o cinema e as encenações de rua para transmitir uma imagem de forma, poder e futuro que altera a mentalidade alemã na década de 30. Quando adquiriu o controlo nazi a nível interno, Goebbels vira-se para o exterior. O seu objetivo era dar uma imagem da Alemanha renovada. As transmissões de rádio noutras línguas surgem a partir de 1933.

As influências germanófilas em Portugal surgem nos anos 30. O primeiro objetivo dos germanófilos era o de persuadir os portugueses a manter o apoio ao regime autoritário. Para isso, enaltecem a figura de Salazar, elogiando-o. Nos primeiros meses de guerra, a propaganda do Eixo em Portugal oculta a inglesa, tanto em termos de quantidade, como qualidade. A Alemanha é a primeira a criar centros de propaganda do Eixo em Portugal, sendo copiada pelos ingleses.

A Alemanha mostrou sempre uma versão de propaganda negra. Os nazis não hesitaram aplicar em Portugal novas técnicas e métodos de propaganda. Um deles teve como alvo a imprensa. Nos primeiros anos de conflito os principais jornais manifestavam uma tendência pró-aliada. Assim, o Eixo criou a sua própria imprensa de propaganda, onde se distinguiam três principais órgãos da propaganda alemã: *Sinal*

(*Signal*), *A Esfera* (revista editada e publicada em Portugal) e a *Jovem Europa*. A Alemanha nacional-socialista vê em Portugal uma grande possibilidade de implantar as suas ações de propaganda, defendendo desde sempre que a vitória dos Aliados significará o fim do Estado Novo.

Para os germanófilos, a Aliança Luso-Britânica era uma fraude, sendo a Inglaterra a única beneficiária. A Alemanha afirmava que esta aliança não era justa para ambas as partes, pelo contrário, procurava mostrar como essa aliança favorecia mais os interesses dos britânicos do que os interesses dos portugueses.

Ao contrário da Inglaterra, a Alemanha não poupou nos elogios a Salazar, muitas vezes caindo em exageros. Aproveitando o facto de Portugal ser também um regime autoritário de direita, a Alemanha nazi começa a revelar as semelhanças do regime português com o nazi, sendo uma das suas armas para reunir adeptos para a sua causa.

A política externa portuguesa

A Segunda Guerra Mundial provocou no país periférico e neutral que Portugal era grandes efeitos ao nível da economia, da sociedade e da política. Pode considerar-se que se a Segunda Guerra Mundial, que por um lado, provocou aquela que foi a primeira crise do regime fundado com o golpe de estado de 1926, por outro lado, graças à política habilidosa, no campo nacional e internacional, do presidente de Conselho, António de Oliveira Salazar, conseguiu que esse regime se mantivesse por muito mais tempo.

Salazar era conhecedor dos efeitos que a guerra tinha no plano económico, financeiro, político e ainda no garante da manutenção do império português e até mesmo da independência nacional. A agravar esta situação, a Segunda Guerra Mundial foi uma guerra fortemente ideologizada, onde a Democracia tendencialmente combatia o Totalitarismo, mais especificamente os regimes nazi e os fascismo italiano.

A política externa implementada procurava essencialmente a defesa da independência nacional. Assim, os grandes pilares da diplomacia salazarista passavam por evitar envolver-se nos conflitos europeus, manter a amizade peninsular e desenvolver as potencialidades coloniais.

No entanto, a pedra angular do edifício estratégico de Portugal era a velha Aliança Luso-Britânica. Não se tratava de uma escolha portuguesa, mas sim de uma realidade estrutural que condicionava Portugal, interna e externamente. A Grã-Bretanha

era ainda senhora dos mares e tinha uma vasta fronteira com as colónias portuguesas em África e na Índia. Era também o grande fornecedor da economia portuguesa, o seu principal cliente e o transportador do grosso das exportações portuguesas; era também o principal investidor estrangeiro e fora o principal credor externo. São condicionais que limitam a ação do Governo português e explicam muitas das posições manifestadas por Portugal durante o conflito.

O período da guerra

Assim, a 1 de setembro de 1939, aquando da invasão da Polónia pelas tropas nazis, Portugal declarava a neutralidade: «O Governo considerará como maior alto serviço ou a maior graça da Providência poder manter a paz para o povo português, e espera que nem os interesses do País, nem a dignidade, nem as obrigações, lhe imponham compromete-la.³²».

Este pedido foi tomado por livre iniciativa de Portugal. Declarava apenas a neutralidade e não a não-beligerância. Com esta decisão procurava distanciava-se da Grã-Bretanha, bem como da Alemanha.

Pretendia-se uma neutralidade politicamente ativa, que, mesmo no quadro da aliança luso-britânica não deveria ser abandonada: «Felizmente os deveres da nossa aliança com a Inglaterra, que não queremos eximir-nos a confirmar em momento tão grave, não nos obriga a abandonar nesta emergência a situação de neutralidade.³³».

O Governo português estava decidido a afastar-se do conflito procurando ser acompanhado nesta atitude pela Espanha. Com o Tratado de Amizade e Não Agressão, assinado a 17 de março de 1939, Portugal comprometia-se a manter o espaço ibérico fora da Segunda Guerra Mundial. Este tratado estabelecia respeito mútuo de fronteiras e territórios, abstenção de atos de agressão ou invasão, ou de ato violento contra a integridade e inviolabilidade do território; a não prestação de auxílio a cada um dos beligerantes; a não participação em pacto ou aliança com qualquer um dos beligerantes; a não assunção de futuros compromissos, assumidos para com terceiros, ressalvando sempre os compromissos definidos no pacto. Considera-se a duração de dez anos para a sua vigência, admitindo-se a sua prorrogação, se não houvesse denúncia com seis meses de antecedência. A entrada em vigor era a da data da ratificação».

³² Cf. *Diário de Lisboa*, 2 de Setembro de 1939, p. 5.

³³ Cf. *Diário de Lisboa*, 2 de Setembro de 1939, p. 5.

*

Durante o período de 1939/1940, Portugal mal sentiu os efeitos da guerra. A península neutral estava longe do conflito, cujo fim, acreditava-se, estaria para breve. Tendo em conta isto, Portugal mantinha boas relações com o Reino Unido, uma relação de amizade com a Alemanha e a Itália e um Tratado de Amizade com a Espanha.

Portugal era considerado o país que abriria as «Portas da Europa», facilitando a comunicação com a América. Como se afirma no *Diário de Notícias*, os países beligerantes consideravam a «neutralidade da Península como a última ponte lançada entre os dois continentes é expressa na imprensa estrangeira.³⁴»

No período entre 1940 e 1942, com a capitulação da França em Junho de 1940, a posição da Península Ibérica em relação ao conflito, nomeadamente de Portugal, veio a alterar-se radicalmente. Isto porque a Alemanha chegava aos Pirenéus e aguardava ordem para efetuar a «Operação Félix» que consistia em invadir a Espanha para conquistar Gibraltar e, caso necessário, tomar Portugal.

O governo português chegou a temer pela independência da metrópole, e conseguiu fazer com que a Espanha assinasse um Protocolo Adicional ao Tratado de Amizade e Não-Agressão, a 29 de julho de 1940, para salvaguardar os interesses mútuos sobre qualquer acontecimento que pudesse expor a viabilidade dos seus territórios³⁵. Com este reforço, Portugal assegurou a não entrada de Franco na guerra, face às pressões que este havia sentido por parte dos países do Eixo. Era a obsessão diplomática portuguesa, apoiada pela Grã-Bretanha. Ao mesmo tempo, e sem conhecimento de Portugal, as potências Aliadas faziam estudos para o caso de os territórios insulares portugueses no Atlântico serem invadidos.

A partir de Dezembro de 1940, iniciam-se negociações militares para assegurar a proteção e o apoio inglês a um plano de retirada do governo português para os Açores, em caso de um ataque alemão ou espanhol.

A guerra, nesta altura, invade o quotidiano português. Tanto que se realizavam exercícios noturnos de vigilância para proteger a cidade de Lisboa de um presumível ataque. As próprias casas eram protegidas pelos seus moradores que colocavam fita e ripas de madeira nas janelas para que, em caso de bombardeamento, não houvesse estilhaços.

³⁴ Cf. *Diário de Notícias*, 28 de julho de 1940, p. 1.

³⁵ Cf. *Diário de Notícias*, 30 de junho de 1940, p. 1; *Diário da Manhã*, 31 de julho de 1940, p. 1.

Para Salazar, era pouco provável uma vitória, fosse alemã ou inglesa. Para ele, a paz chegaria através de um compromisso entre as duas fações em conflito – Aliados contra o Eixo. Prossegue a posição de neutralidade colaborante.

O que condicionou decisivamente a neutralidade e a independência portuguesas foi, a 22 de junho de 1941, o ataque alemão à URSS, desfraldando na Europa os estandartes da «Cruzada anti-Bolchevique». Em Portugal os efeitos políticos não se fizeram esperar. Os membros simpatizantes da germanofilia, como a Legião Portuguesa rejubilaram e muitos se ofereceram como voluntários para participar na ofensiva a Leste: «(...) alguns legionários se põem sobre a aplicação de tal doutrina em relação à nova fase do conflito que se desenvolve a leste da Europa, e não faltam os que desejariam participar nela alistando-se como voluntários da campanha contra a Rússia comunista. (...) O comunismo visa a destruição de todos os princípios morais, sociais e políticos (...) dele somos por isso irreconsideráveis inimigos.³⁶».

Com o ataque alemão à URSS e a pedido desta, os Aliados abriram uma frente no Médio Oriente, no Mediterrâneo e em África, o que levou à dispersão dos exércitos do Eixo. Se com o ataque à URSS Salazar sossegara, o mesmo não se passou com a abertura de frentes de combate que trouxeram novas preocupações para Portugal. Estes problemas foram resolvidos através de duas frentes:

A primeira foi a de encontrar-se com Franco, em Sevilha, de onde veio com a informação de que a Espanha não entraria no conflito. Em segundo lugar, este problema ficou resolvido com as garantias dadas pelo governo inglês, de que a operação militar jamais afetaria a posição neutral de Portugal. Apesar dessas garantias, Salazar deu ordens para que os soldados portugueses ripostassem contra qualquer ataque das forças alemãs, nos Açores, e ainda declarou o estado de alerta e ordenou a vigilância das comunicações telegráficas por submarino.

Em 1942 escasseavam em Portugal os fornecimentos de combustíveis, como o carvão, que faziam funcionar as centrais elétricas. Por isso, o Governo português viu-se obrigado a decretar medidas de emergência impostas pelo estado de guerra que se vivia, apelando à compreensão dos portugueses sobre a necessidade de poupar no consumo de energia elétrica e de combustíveis³⁷.

³⁶ Cf. *Diário de Lisboa*, 11 de julho de 1941, p. 5.

³⁷ Cf. *Diário da Manhã*, 21 de março de 1942, p. 1.

Entre 1943 a 1945 deparamo-nos com um novo período. Podemos dizer que o ano de 1943 é o ano decisivo para a vitória dos Aliados. Para o regime de Salazar, esta é uma altura de mudança, uma vez que, a ameaça de invasão da Península Ibérica por parte das forças alemãs, nesta altura, já dificilmente se realizaria.

Desta forma, a posição dos Aliados sobre Portugal endurece, quer do ponto de vista económico, quer político. A Grã-Bretanha e os EUA necessitam dos Açores para prosseguirem com o seu esforço de guerra e, se da parte inglesa se privilegia a via diplomática, os restantes Aliados não admitiam aceitar uma recusa por parte de Salazar.

Assim, o governo inglês solicitou ao governo português, a 18 de Junho de 1943, a cedência de instalações nos Açores, invocando a aliança. Com isto, os britânicos não perderam tempo em desembarcar no arquipélago. O acordo principal foi assinado a 17 de agosto de 1943 e a data fixada para a entrada em vigor do mesmo seria a de 8 de outubro do mesmo ano. Portugal comprometia-se a ceder a base das Lajes, nos Açores, bem como o reabastecimento dos navios ingleses. A defesa dos Açores seria responsabilidade de Portugal, com exceção das imediações da base das Lajes³⁸.

No entanto, Salazar não aceitou estas facilidades sem antes ter conseguido algumas garantias para Portugal. Desta forma, o começo das facilidades nos Açores ficava dependente dos seguintes aspetos: a) compromisso assumido pelo Governo britânico de prestar ao Governo português todo o apoio e auxílio militar no caso de ataque; b) compromisso da elaboração de um plano de cooperação britânica na defesa de Portugal, para o que uma delegação portuguesa seria imediatamente enviada para o Reino Unido; c) fornecimento de material de guerra e de pessoal técnico³⁹.

Por fim, que garantisse toda a proteção aos navios mercantes portugueses e a revisão dos acordos comerciais e facilidades de transportes, destinadas a resolver as dificuldades do abastecimento público português, designadamente em alimentação e combustível. Passados dias, o Governo português recebia da Grã-Bretanha a garantia de que, findas as hostilidades, as forças inglesas, sul-africanas e australianas respeitariam a manutenção da soberania portuguesa sobre as nossas colónias.

As consequências da colaboração com os Aliados levaram Salazar a temer o pior por parte da Alemanha e da Espanha. Porém, quando Salazar assinou o acordo, os perigos de uma invasão por parte da Alemanha já eram muito pequenos; a Espanha

³⁸ Cf. *Guerra Ilustrada*, janeiro de 1944, pp. 2- 3.

³⁹ Ver: Telo, António (1991), *Portugal na Segunda Guerra (1941-1945)*, vol. I, Lisboa, Vega; Nogueira, Francisco Miguel Lima (2008), *O Impacto da presença britânica na ilha Terceira (1943-1946)*, Lisboa, ISCTE.

tinha relações reforçadas com Portugal depois do encontro entre Salazar e Franco em Sevilha. Logo, esta tomada de posição apenas se saldou por um protesto apresentado pelo embaixador alemão em Portugal.

Uma vez que os EUA não estavam incluídos neste acordo, também quiseram ter benefícios iguais ou melhores a estes. Salazar aceitou e estabeleceu-se que os EUA deveriam construir um aeroporto na ilha de Santa Maria, sendo que no final da guerra essas instalações passariam para a propriedade do Estado português.

O fim da guerra foi motivo de exultação por parte do povo português. Foi festejada a vitória dos Aliados em vários pontos do país, sobretudo em Lisboa: «O povo de Lisboa continuou hoje, durante a manhã, nas suas demonstrações espontâneas de alegria, organizando pequenas manifestações às embaixadas e ligações das Nações Unidas. (...) Uma grande parte empunhava bandeiras das Nações Unidas.»; e no Porto: «Desde ontem à tarde que a cidade se mantém em alvorça alegria com a notícia da vitória das Nações Unidas. (...) Estende-se por toda a cidade como verdadeira onda de alegria. (...) começaram a percorrer as principais artérias cantando a “Portuguesa” e soltando “vivas” às figuras mais representativas das nações vitoriosas.⁴⁰»

Por parte da população houve dúvidas sobre a continuidade do Estado Novo em Portugal, devido à derrota dos regimes fascista e nazi. No entanto o regime permaneceu, assim como as suas colónias ultramarinas⁴¹.

*

Em género de conclusão, pode fazer-se uma síntese sobre este período e a neutralidade portuguesa.

A política de neutralidade adotada por Portugal tornou-se colaborante com os vários beligerantes. Durante o período da guerra, Portugal tentou sempre adotar uma política diplomática defensiva, que protegesse a independência nacional. Existem momentos-chave sobre a neutralidade, como a declaração de neutralidade no início do conflito e o Pacto Ibérico de Não-Agressão, mas existiram também momentos de neutralidade colaborante, como a entrada da propaganda no país, a presenças das forças Aliadas nos Açores e a política económica, nomeadamente o comércio do volfrâmio.

⁴⁰ Cf. *Diário de Lisboa*, 8 de maio de 1945, p. 7.

⁴¹ Ver: Rosas, Fernando (1994), *O Estado Novo (1926-1974)*, vol. VI da *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso, Lisboa, Estampa, p. 316; Carrilho (1989), *Portugal na Segunda Guerra Mundial: Contributos para uma reavaliação*, pp. 135-136.

Apesar de nunca ter sido invadido, Portugal vivia com o receio de um presumível ataque por parte dos vários beligerantes. No entanto, os beligerantes viam vantagens em manter o território português neutro, tanto geopolíticas, como económicas, ou até devido à fácil expansão da sua propaganda.

A situação de neutralidade portuguesa não foi fácil para o Estado português. Gozou da sua posição geográfica – peninsular, europeia e atlântica – mas também dependeu de muitos sacrifícios para manter a paz na Península Ibérica. A permanência de Portugal como Estado neutro foi permanentemente ativada e construtiva.

A proliferação de propaganda dos beligerantes em território português não foi bem vista pelo governo português, pois poderia reunir favoritismos. Mesmo assim, a propaganda expandiu-se e formaram-se grupos de opinião que dividiram a sociedade.

Parte IV - Portugal, a propaganda e a guerra

Apesar de Portugal não participar ativamente no conflito, a sua capital, Lisboa, foi uma cidade que viveu em função da guerra. Durante esse período recebeu inúmeros refugiados, diplomatas e espiões, vendo-se mergulhada num imenso mar dos mais variados géneros de propaganda dos beligerantes.

Durante todo o conflito, Portugal conseguiu manter a sua neutralidade. Apesar de a sua condição política não permitir liberdade de expressão, as manifestações de propaganda dos beligerantes circulavam com poucas restrições. Graças a essa propaganda, a sociedade portuguesa dividiu-se entre germanófilos e anglófilos. Esta divisão sentiu-se no seio do governo, no corpo diplomático, no exército e na polícia política, nas unidades hoteleiras e nos estabelecimentos.

Apesar da população reduzida e de se tratar de um país com fracos recursos comparado com as grandes potências europeias, Portugal era importante no que toca à sua posição geográfica. Portugal era a principal via para o tráfego de informações e espionagem. Lisboa era considerada pelos beligerantes o principal ponto de entrada e saída de agentes entre a Europa e o resto do Mundo. Foi devido a estas condições que numa primeira fase, alemães e ingleses e, numa segunda fase, os americanos, decidiram lançar as suas ações de propaganda.

Os inúmeros refugiados e intensa propaganda dos beligerantes causa grande impacto numa população que tinha pouco contacto com o exterior, pois toda a informação era filtrada pelos meios de censura e controlo da comunicação. Com o conflito tudo muda. Os alemães em primeiro lugar, seguindo-se os ingleses, os Serviços de Informação das Embaixadas dos respetivos países em guerra começaram a espalhar informação à população portuguesa, os mais variados episódios da guerra que se vivia, quer numa questão de conquistas, poder e destruição do inimigo, como atos de coragem e de solidariedade.

A imprensa de propaganda

No que toca à imprensa, os jornais nacionais e regionais estavam sujeitos a censura, como habitualmente era realizado. Com a vinda de revistas de propaganda dos beligerantes, em 1940, o modo de fazer propaganda transformou-se. Mesmo contrariado, o governo permite a venda livre de publicações de propaganda, como A

Esfera (pró-Eixo) e o *Mundo Ilustrado* (pró-Aliados), de edição e distribuição portuguesa e *Signal* (pró-Eixo) e *Guerra Ilustrada* (pró-Aliados), editadas e distribuídas pelos beligerantes para Portugal.

Ambas as revistas tinham uma periodicidade quinzenal e as suas sedes situavam-se em Lisboa. *A Esfera* era distribuída nos dias 5 e 20 de cada mês. O seu primeiro número de série foi publicado no dia 6 de Julho de 1940, sendo a sua última edição no dia 20 de Abril de 1945. *A Mundo Gráfico* era publicada nos dias 15 e 30. A sua primeira publicação foi mais tardia do que *A Esfera*. O seu primeiro número foi distribuído o dia 15 de outubro de 1940, tendo continuação para além do período do conflito, durando até Fevereiro de 1948.

A revista *A Esfera* teve como primeiro diretor Álvaro Maia, que esteve à frente das primeiras edições até Novembro de 1940, havendo assumido o respetivo cargo um dos seus colaboradores, Félix Correia. A direção de *Mundo Gráfico* esteve a cabo de Artur Portela, não havendo registos de que a revista mudasse de diretor durante a sua existência em Portugal. Estas revistas eram constantemente ilustradas com reportagens fotográficas sobre a guerra.

As revistas *Signal* e *Guerra Ilustrada*, também em análise neste trabalho, são revistas publicadas nos países beligerantes e distribuídas em Portugal. Tinham uma periodicidade mensal e entraram em Portugal em 1940, terminando a sua distribuição em 1945. A revista *Guerra Ilustrada* contém reportagens publicadas em português. No caso da revista *Signal*, a análise foi feita em revistas distribuídas em França, visto que não foi possível encontrar esta revista na versão em português.

De forma geral, e como já vimos, havia uma tendência anglófila por parte da opinião pública portuguesa. Do ponto de vista do regime, a propaganda vinda dos dois beligerantes despertou preocupação, procurando-se evitar tendências para um ou outro lado da guerra, estabelecendo algum equilíbrio em relação a manifestações públicas de preferências⁴². No ponto de vista da Censura, vinda por parte dos militares, estas revistas eram consideradas pelos mesmos como de interesse militar, devido às fotografias de guerra que apresentavam em cada número, sendo que em 1942 essas revistas continuavam a não integrar a lista de publicações que passariam pela Censura⁴³. No entanto, no meu ponto de vista, a ação de censura pode ter contemplado as

⁴² Carrilho (1989), *Portugal na Segunda Guerra Mundial*, p.107.

⁴³ Cf. Arquivo Histórico-Militar, 37/2, doc. 5. Carta de caráter confidencial do Comandante da 1.ª Região Militar, Cor. Jorge Dias da Costa ao Chefe de Repartição do Gabinete do Ministério da Guerra a 8 de setembro de 1942.

fotografias analisadas nesta dissertação. A noção da existência de censura nas fotografias aqui em estudo baseia-se em alguns aspetos:

- A de não chocar, evitando imagens de soldados mortos em combate, por exemplo;
- Sempre em defesa do regime: evitar propaganda a favor de regimes opostos, como o Bolchevismo;
- Publicação autorizada de modo a que os dois lados da guerra sejam apresentados de forma igual, para não demonstrar e não incentivar favoritismos.

As fotografias em análise

No que toca às ações de propaganda publicadas nestas revistas, estas podem dividir-se em três grandes períodos: De 1940 a junho de 1941, de junho de 1941 a finais de 1942 e de inícios de 1942 a maio de 1945.

No caso da Alemanha, a sua propaganda surge em Portugal logo após a capitulação de Paris, prolongando-se até ao início da campanha de Leste. Neste primeiro período é realçada a ideia de uma guerra indesejada: a Alemanha sofreu um ataque por parte do inimigo. No entanto, a Inglaterra não teria qualquer hipótese de alcançar a vitória devido ao seu poder, através do poderio dos seus submarinos e aviões, nem mesmo através do poder que a marinha inglesa tinha sobre os mares.

Defende também que o envolvimento dos EUA na guerra em território europeu seria uma ameaça para toda a Europa, especialmente para Portugal. O seu único objetivo era o de dominar o mundo. Em relação à aliança realizada entre a Alemanha e a URSS, esta era justificável e não uma traição aos princípios do regime.

A segunda fase realiza-se entre o início da avançada na Frente Leste até à derrota de Estalinegrado. A Campanha de Leste compara-se a uma nova Cruzada em defesa de uma Europa livre, sendo a ameaça do domínio da URSS e do bolchevismo. Apresenta este tema como uma missão de Libertação da Europa e de defesa da religião cristã.

Desvaloriza a entrada dos EUA na guerra e defende que com o ataque à URSS as forças Aliadas perderam poder e a sua derrota está iminente. Não se refere apenas o combate na Leste da Europa, mas em todas as frentes.

Na terceira fase, que vai deste a derrota em Estalinegrado até ao final do conflito, a Alemanha reforça a ideia de que a sua derrota significava a tomada do poder pelos comunistas, assim como a ideia de que a democracia trazida pelos Aliados era falsa e que a Europa seria dominada pelo capitalismo. A vitória dos Aliados significaria,

assim, o fim da liberdade europeia, poderia tornar-se palco de uma terceira guerra mundial. A Europa caminhava desta forma para a sua própria destruição.

A mensagem trazida pela Alemanha é sobretudo acerca da defesa do regime português vigente, realçando sempre o espírito nacional e acentuando as semelhanças entre as políticas defendidas por Portugal e pela Alemanha, tendo bastante impacto em grupos mais ligados ao regime português. Ao atacar o bolchevismo, revelando o que para eles seriam as suas verdadeiras intenções, reforça a ideia de ameaça e a importância que teria no futuro, preparando os portugueses para um clima de guerra que se seguiria se a Alemanha saísse derrotada.

A Inglaterra apresenta um género de propaganda muito mais reconciliadora do que a Alemanha na primeira fase; uma segunda fase em que as duas forças de equilibram e na terceira, que dura até ao final do conflito, torna-se mais ofensiva. Até meados do ano de 1941, as suas ações de propaganda baseiam-se em demonstrar o poder da sua marinha e da Royal Air Force (RAF) – reforçando-a com o afundamento no navio alemão Bismark –, assim como a corajosa defesa do seu território e a coragem da sua gente perante a adversidade. Tal como a Alemanha, a Inglaterra, nesta fase, reforça a ideia de uma guerra indesejada.

Na segunda fase realça a presença dos EUA na guerra e começam as campanhas de libertação. No final do ano de 1942, consideram este o ano da vitória dos Aliados, devido às suas conquistas em todas as frentes.

Na última fase, o tom de agressividade acentua-se com uma propaganda mais dinâmica. As campanhas de libertação e reconstrução da Europa ocupam cada vez mais o lugar de destaque nas suas ações de propaganda.

Uma discreta propaganda dos Aliados e a supremacia do Eixo: 1940 a junho de 1941

Neste período é visível uma discreta anglofilia. A propaganda inglesa limitava-se a mostrar ações dos Aliados e a reforçar a união do povo britânico e entre os Estados pertencentes à causa Aliada e o Império Britânico. Destacava também o poder da sua Marinha (Royal Navy) e da RAF.

A Inglaterra era bastante cuidadosa na sua propaganda. Dentro de certos limites, teve o cuidado de não entrar em choque com os ideais do regime português para não complicar as relações diplomáticas com Portugal. Procurou contrariar as ideias da

propaganda alemã e apoiou-se de certa forma nos métodos e nos resultados da propaganda do inimigo.

Poderio militar (homens e armas): Inglaterra sem hipóteses de vitória e luta conjunta dos Aliados contra o Eixo

Em primeiro lugar surge o Eixo que apresenta a sua primeira conquista: a capitulação de Paris, consequência da batalha de Dunquerque. Durante o Inverno de 1939, a Grã-Bretanha e a França passaram por um período de ausência de combates, a chamada Guerra Falsa. Enquanto a Alemanha avançava na Frente Ocidental, os franceses, apaticamente aguardavam a sua chegada.

Já no final da ofensiva, os exércitos representantes das forças Aliadas viram-se encurralados na região entre Calais e Dunquerque. Apesar de tudo, o avanço alemão parou e os sobreviventes das forças Aliadas fugiram para as praias de Dunquerque. Entretanto, os franceses recuaram e Paris foi declarada uma cidade aberta. A 16 de junho de 1940, a Grã-Bretanha libertou a França das obrigações do tratado assinado entre os dois Estados de que nunca negociariam separadamente e esta pôde negociar a paz com a Alemanha⁴⁴.

A figura 1 apresenta um grupo de oficiais alemães junto de um monumento aos heróis da guerra de 1914/1918, em França. Para celebrar a sua vitória em Paris, resultante da batalha de Dunquerque, o monumento foi coberto com uma bandeira nazi, demonstrando a supremacia das forças do Eixo e da sua inevitável vitória neste conflito⁴⁵.

Em setembro o Eixo começa a apresentar o seu poderoso arsenal e também os danos que causa no território inimigo.

Na figura 2, o elemento central é o poderio militar alemão, com especial destaque à aviação. Aviões alemães (construídos em fábricas alemães, em grande número, como se pode verificar na imagem em baixo à direita) sobrevoam o Canal da Mancha durante a Batalha de Inglaterra, sob o olhar vigilante dos soldados e aviões ingleses que tentam a todo o custo defender a sua costa⁴⁶.

Na Batalha de Inglaterra, com início a 10 de junho de 1940, os objetivos de Hitler eram de diminuir cada vez mais o poder da Royal Air Force, que se encontrava

⁴⁴ Davies, Norman (2008), *A Europa em Guerra, 1939-1945*, Lisboa, Edições 70, pp. 101-102.

⁴⁵ Cf. *A Esfera*, 7 de Junho de 1940, p. 1.

⁴⁶ Cf. *A Esfera*, 20 de setembro de 1940, p. 4.

fragilizada após a capitulação da França, para além de querer adquirir o domínio do Canal da Mancha. Nos primeiros dias a Alemanha gozava de uma superioridade aérea de três para um, em relação à Inglaterra.

Nos primeiros dias, a Alemanha detinha mais de 3000 aviões e três frotas aéreas alemãs com uma curta distância em relação à Inglaterra. A Inglaterra reunia apenas 591 monomotores Spitfire e Hurricane. Foi uma batalha sobretudo aérea, com uma poderosa ofensiva dos aviões da Luftwaffe (Força Aérea alemã). Apesar disso, graças à presença de radares, os pilotos da RAF eram avisados antecipadamente dos ataques do inimigo.

A 17 de setembro de 1940, a Luftwaffe concentrou os seus recursos para bombardear a cidade de Londres. Seguiram-se 56 noites de pesados bombardeamentos, acabando com a capital inglesa em ruínas e com os pilotos alemães à beira de um esgotamento devido a ataques permanentes contra as bases de comando inglesas.

É visível a imagem que se pretende transmitir. Para a propaganda alemã, a Inglaterra não tem hipóteses de vitória e que essa vitória seria alcançada brevemente pelas forças do Eixo.

No entanto os danos não existem apenas em Londres. Esta reportagem apresenta uma série de fotografias que relatam pela primeira vez a destruição que a guerra causa. Estas fotografias mostram cidades alemãs e italianas em ruínas. No entanto, existem também fotografias que retratam a mesma destruição nas ruas de Londres, sublinhando a derrota inevitável dos Aliados⁴⁷(ver anexos – Figura 1).

Em outubro, os Aliados respondem à propaganda do Eixo mostrando também a sua capacidade material e humana dos seus exércitos, assim como a captura dos primeiros prisioneiros, neste caso, alemães.

Nesta reportagem fotográfica os Estados Unidos preparam o seu exército do ar, realizando exercícios de pára-quedismo para novos recrutas (ver anexos – Figura 2). Nas duas fotografias acima, pode-se ver vários exercícios de queda, um primeiro de salto em altura para a aprendizagem da queda e outro para testar a qualidade dos pára-quedas. Na fotografia em baixo, à esquerda, vê-se mais exercícios de pára-quedismo, já com os aprendizes, que se lançam do alto das torres metálicas. A fotografia em baixo, à direita, apresenta um treino de caças que aproveitam para realizar as suas acrobacias aéreas, mostrando, como diz a legenda, que «A aviação também tem artistas».

⁴⁷ Cf. *A Esfera*, 5 de outubro de 1940, p. 12.

Este conjunto de fotografias demonstra que o apoio americano à Inglaterra é um poder de reserva para as forças aliadas se tornarem mais fortes. O seu objetivo é o de intimidar o inimigo e demonstrar a sua supremacia⁴⁸.

Nesta reportagem de fotografias destaca-se o poderio que estas duas forças militares inglesas (Royal Navy e RAF) possuem (Figura 3). A fotografia acima retrata um grupo de pilotos que regressa à base após uma missão de reconhecimento e vigilância na ilha de Sylt, no mar do Norte. Na fotografia abaixo, no lado esquerdo, são bem expressadas as intenções de reforçar a ideia de poderio militar superior no que toca à defesa dos navios: é exibida uma metralhadora antiaérea de quatro bocas, que dispara milhares de munições por minuto, munições essas que são inspecionadas por um militar inglês. Na imagem ao lado está representada a figura de um prisioneiro, um piloto alemão, que foi resgatado no mar do Norte após o seu avião ter sido abatido⁴⁹.

Esta foto tem o objetivo de intimidar o adversário, mostrando as suas armas para comprovar o seu superior poderio militar. Atua também como resposta à propaganda alemã, que publicou dois meses antes uma reportagem fotográfica com aviões alemães em missão e o seu fabrico⁵⁰.

Esta reportagem apresenta cinco imagens de operações o Norte de África por parte da Inglaterra (Figura 4). Aqui é sublinhada a importância do apoio de outros povos na sua missão, como é o caso do povo árabe. Este conjunto de fotografias apresenta vários episódios do quotidiano dos militares ingleses e árabes que se encontram no vale do Nilo e fronteira com a Transjordânia. A principal mensagem nesta reportagem é de que a situação no Norte de África se revela pacífica e as missões efetuadas são apenas de patrulha da área, tanto por via aérea, como vemos na fotografia ao centro do lado esquerdo, como por via terrestre, a cavalo, como se pode ver na fotografia em baixo à direita. O objetivo desta publicação é salientar que a Inglaterra tem vários aliados que, ao seu lado, lutam contra as forças do Eixo, atuando como forma de intimidar o seu adversário⁵¹.

Neste conjunto de fotografias é possível ver a dedicação que os militares das forças Aliadas demonstram para com as suas mascotes (Figura 5). É possível ver

⁴⁸ Cf. *Mundo Gráfico*, 15 de outubro de 1940, p. 12.

⁴⁹ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de novembro de 1940, p. 16.

⁵⁰ Cf. *A Esfera*, 20 de setembro de 1940, p. 4.

⁵¹ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de novembro de 1940, p. 21.

também que estas ajudam bastante no que toca ao fato de unir e de reforçar o poder da marinha e da RAF para se tornar invencível e assim alcançar a vitória⁵².

O poderio militar é a principal mensagem desta reportagem fotografia (ver anexos – Figura 3). A demonstração da força inglesa e escocesa através da Marinha, da RAF e da defesa territorial são aqui realçadas com o título «A Inglaterra é uma fortaleza». Claramente esta é uma representação pensada com o objetivo de intimidar o inimigo⁵³.

Com o objetivo de demonstrar a sua superioridade, as forças aliadas demonstram na fotografia central e de maior destaque uma patrulha de militares australianos que fez prisioneiros cinco militares italianos (ver anexos – Figura 4). Com isto realça-se a ideia de luta conjunta dos Aliados contra o Eixo com o objetivo de intimidar o inimigo.

É de realçar também a ideia de que houve pouca resistência por parte dos militares presos dando a entender que se entregaram facilmente sem grande recurso à violência⁵⁴.

Nesta fotografia soldados ingleses preparam-se para atravessar o rio Nilo em exercícios de embarque (Figura 6). Sob severas condições, os soldados ingleses já dentro dos barcos carregam as espingardas dos seus camaradas para poderem entrar também para o barco. Neste exercício é visível a boa vontade e eficiência que a infantaria britânica demonstra nestes exercícios.

Esta fotografia pretende mostrar que a Inglaterra não se renderá e continuará a lutar para alcançar a vitória. Para além de demonstrar a sua determinação, pretende também intimidar o inimigo com a sua supremacia e coragem, mesmo em condições adversas⁵⁵.

Entretanto, é a vez das forças do Eixo se deslocarem para esta frente, marcando o início do combate no Norte de África.

Esta reportagem fotográfica (ver anexos – Figura 5) apresenta a chegada das primeiras tropas do Eixo ao Norte de África. Em Trípoli, na Líbia, as tropas desfilam a pé ou nos carros e motorizadas, exibindo o poderio de armas e homens. A exibição de todo este poderio militar tem a intenção de fazer convencer que o conflito está praticamente ganho e que os Aliados não têm qualquer hipóteses de vitória. O principal objetivo do Eixo ao publicar esta reportagem é a de intimidar o inimigo com o seu

⁵² Cf. *Mundo Gráfico* 30 de janeiro de 1941, p. 23.

⁵³ Cf. *Mundo Gráfico*, 15 de fevereiro de 1941, pp. 16-17.

⁵⁴ Cf. *Mundo Gráfico*, 28 de fevereiro de 1941, pp. 16-17.

⁵⁵ Cf. *Guerra Ilustrada*, fevereiro de 1941, p. 3.

poderio militar, afirmar o seu poder, mostrando os seus corajosos homens e a sua poderosa artilharia⁵⁶.

A dinâmica da propaganda tornou-se cada vez mais forte. Os adversários estão em pé de igualdade e existe um equilíbrio de forças. O avanço das tropas do Eixo pela Europa não oferece descanso.

Neste conjunto de fotografias o Eixo encontra-se junto aos Balcãs, neste caso específico, na Grécia (Figura 7). Na fotografia central do lado direito, mostra os poderosos recursos militares do Eixo que desfilam triunfantes na Acrópole ocupada, exibindo a sua artilharia e infantaria. Patenteiam assim a sua superioridade, procurando afirmar que a Inglaterra não teria quaisquer hipóteses de vitória com um exército tão poderoso. Transmite também a ideia de que a guerra está praticamente ganha. As restantes fotografias refletem a ideia de que a conquista de foi feita de forma pacífica e a vitória alcançada sem recursos à luta armada e a violência excessiva dando entender que esta vitória foi bem recebida pelo povo conquistado⁵⁷.

A batalha realizada na Grécia teve início em outubro de 1940, quando Mussolini invade o Norte da Grécia. Os gregos lutaram destemidamente, fazendo com que a Itália recuasse. No entanto, o Duce pediu auxílio ao Führer.

Três semanas foram suficientes para a Alemanha dominar os países da península Balcânica, nomeadamente a Grécia, Roménia e Bulgária. Na primeira metade de 1941, a Grécia estava completamente dominada pelas forças do Eixo. O desfecho desta batalha deu-se em Creta.

Neste momento, os Aliados apresentaram a sua primeira grande vitória: o afundamento do Bismark.

O couraçado Bismark foi lançado à água em fevereiro de 1939, nos estaleiros de Blohm & Voss, em Hamburgo. Foi armado em agosto de 1940, passando a ser considerado o navio mais poderoso da época.

A 27 de maio de 1941, os couraçados ingleses King George V e Rodney abriram fogo sobre o Bismark em pleno Oceano Atlântico, após o navio alemão ficar fragilizado na noite anterior por ter sido atingido na proa.

Este conjunto de fotografias revela uma das grandes conquistas desta fase da guerra: o afundamento do navio alemão de guerra Bismark (Figura 8). Nesta reportagem é possível ver uma demonstração de poderio militar e do poder que a Royal Navy e a

⁵⁶ Cf. *A Esfera*, 20 de abril de 1941, p. 12

⁵⁷ Cf. *A Esfera*, 5 de junho de 1941, p. 17.

RAF representavam. Pode ver-se também num ambiente de festa. Na fotografia de destaque, em cima, vários marinheiros festejam a vitória como se esta representasse o fim do conflito, com demonstração de grande alegria⁵⁸.

Lado humano da Guerra

Guerra Indesejada

Esta primeira fase teve uma referência muito forte no que toca ao tema Guerra Indesejada. É aqui que os beligerantes informam o recetor que todas as ações apresentadas nas fotografias seguintes são consequências de pressões causadas pelo inimigo, mas que terminariam brevemente.

Na fotografia em cima (Figura 9), no lado direito, dois militares alemães alimentam uma criança francesa. Esta imagem pode ser interpretada como demonstrando um sentimento de uma guerra indesejada. Com esta ação, o autor da fotografia pretende mostrar que o conflito não foi provocado pelas forças do Eixo, mas sim pelo inimigo que não lhes deu outra alternativa senão partirem para o conflito armado.

Na fotografia ao centro, militares pertencentes às forças Imperial Camel Corps Brigade⁵⁹ que, montados nos seus cavalos e camelos defendiam o território do inimigo, procurando transmitir a ideia de que o inimigo está à espreita.

Na fotografia em baixo à direita, Mussolini visita os feridos num hospital situado na Frente Ocidental. Ter feridos num hospital não era um desejo do Eixo, mas sim uma fatalidade. Mais uma vez, o inimigo não lhes deu outra alternativa senão partir para a luta⁶⁰.

A destruição de cidades é um meio de demonstração da guerra indesejada. Os beligerantes usam estas imagens para se referir ao poder destrutivo do inimigo.

Este conjunto de fotografias⁶¹ mostra a destruição de cidades alemãs e italianas realizada pelos bombardeamentos dos Aliados (ver anexos – Figura 1). Demonstra uma ideia de guerra indesejada, pois o parecer que tenta passar é que o inimigo atacou e bombardeou agressivamente e sem piedade localidades como Milão. O objetivo destas

⁵⁸ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de junho de 1941, p.13.

⁵⁹ Imperial Camel Corps Brigade eram brigadas de Infantaria destacadas pelo Império Britânico para o Médio Oriente e Norte de África em dezembro de 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, onde, montados em camelos, os militares patrulhavam a zona, sendo o camelo o meio de transporte mais adequado para deslocações no deserto.

⁶⁰ Cf. *A Esfera*, 5 de setembro de 1940, p. 4.

⁶¹ Cf. *A Esfera*, 5 de outubro de 1940, pp. 12-13.

fotografias é demonstrar que as ambições do inimigo são as de destruir as nações representantes do Eixo, inclusive os seus civis.

A solidariedade é também um modo de transmitir este sentimento. Os militares entreadjudam-se, como nesta fotografia em que um piloto alemão ferido é cuidadosamente auxiliado por um soldado e uma polícia, ambos ingleses⁶² (Figura 10). Através desta legenda é possível reparar que a ideia transmitida é a de uma guerra indesejada, mas principalmente procura veicular a ideia de que nem tudo é violência e destruição, e que o auxílio ao combatente ferido, mesmo que seja inimigo, está sempre presente.

Também se pode demonstrar a guerra indesejada observando o rosto do inimigo (Figura 3). Nesta fotografia, apesar de toda a demonstração de poderio militar, sobressai também a ideia de guerra indesejada⁶³. O investimento em armas resultou da agressividade demonstrada pelo inimigo, sendo que não houve outra alternativa senão defender-se. A imagem do prisioneiro alemão realça essa ideia com o olhar vazio que demonstra talvez significando que não compreende a razão desta guerra.

A proteção dos mais fracos, os que deixam a família para ir combater e os que se ferem em combate, são temas que sensibilizam o recetor. A guerra indesejada também pode ser aplicada neste sentido.

Nas quatro fotografias desta reportagem fotográfica é possível analisar casos de guerra indesejada⁶⁴ (Figura 11). Nas duas fotografias à esquerda, num *bunker* protegem-se as crianças e bebés durante a noite. A guerra indesejada aparece nestas duas fotografias, pois não existe alternativa se não fugir à guerra e proteger os civis, principalmente as crianças.

A fotografia em cima no lado direito, da mesma figura 11, apresenta um hospital na zona do Báltico em que um médico trata os feridos e doentes. A fotografia em baixo retrata um episódio familiar, em que um militar regressa a casa e reencontra a mulher e a filha. Nestas duas fotografias está também presente o sentimento de guerra indesejada, visto que os militares viram-se obrigados a combater com a missão de defender a pátria, mas com a consciência de que deixaram para trás a família, e que se encontram ferido no meio de um conflito violento do qual desconhecem a verdadeira razão.

⁶² Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de outubro de 1940, p. 8.

⁶³ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de novembro de 1940, p. 16.

⁶⁴ Cf. *A Esfera*, 5 de dezembro de 1940, p. 12.

Mostrar a guerra através dos civis é outra estratégia utilizada. Os civis são os que mais sofrem com a guerra, principalmente as crianças, como querem demonstrar as fotografias (ver anexos – Figura 3).

O rosto de esperança dos civis, apesar da adversidade da guerra, é também apresentada pelos beligerantes. Nesta fotografia existe uma ideia de guerra indesejada⁶⁵. O inimigo não deu alternativa senão fazer com que a Inglaterra se defendesse com as suas armas e os seus homens. Na Figura 3, na fotografia central, em baixo, podemos ver a multidão que olha para o céu admirando a patrulha feita pelo ar. Apesar de desejar a vitória Aliada, o povo representado nesta fotografia anseia que o final de guerra seja para breve.

A coragem de um povo

Dois fotografias mostram o sentimento de guerra indesejada (Figura 12). O gesto do menino que pede ao polícia que lhe indique o caminho para sair da cidade e a mulher que protege a criança contra os bombardeamentos. Representam a luta corajosa dos civis pela sobrevivência, mostrando que nenhum dos personagens que se apresentam nas fotografias deseja este acontecimento. Estas duas fotografias pretendem demonstrar o lado mais humano da guerra através da coragem dos seus civis perante as adversidades da guerra⁶⁶. Os bombardeamentos levaram muitos a refugiarem-se fora das cidades, como acontece com este menino que pergunta a um polícia qual o caminho a seguir para sair da cidade. A defesa dos mais fracos também está presente como acontece com esta mulher que defende uma criança com o seu próprio corpo dos bombardeamentos (Figura 12).

No conjunto de fotos (ver anexos – Figura 3), destaca-se mais uma vez a presença da população inglesa⁶⁷. Aqui é possível ver o lado humano da guerra através da coragem e do sentimento de esperança presentes na fotografia. Desejam que o conflito termine rapidamente para poder viver em paz. A entreatura entre ingleses e escoceses demonstrada na fotografia central em cima do título é um exemplo de união entre nações que defendem o seu território corajosamente.

⁶⁵ Cf. *Mundo Gráfico*, 15 de fevereiro de 1941, pp. 16-17.

⁶⁶ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de dezembro de 1940, p. 16.

⁶⁷ Cf. *Mundo Gráfico*, 15 de fevereiro de 1941, pp. 16-17.

Mascotes

Este conjunto de fotografias apresenta a dedicação às mascotes (Figura 5). É visível o afeto demonstrado que são o orgulho da bateria. As mascotes são destacadas e valorizadas pela sua bravura. Apesar da sua aparente fragilidade, as mascotes inspiram confiança e, mesmo em desenho, representam momentos de alguma alegria que aqui aparentam⁶⁸.

A mensagem que este conjunto de fotografias pretende mostrar é de que, apesar das adversidades que este conflito proporciona, existem momentos de boa disposição que fazem com a guerra não seja apenas composta por violência e destruição.

Solidariedade

A solidariedade é outra arma de propaganda utilizada para sensibilizar o recetor a apoiar a sua causa que pode ser apresentada em vários aspetos.

Esta reportagem fotográfica retrata a solidariedade em dois sentidos (Figura 9): a solidariedade para com o povo conquistado e a solidariedade para com os feridos deste ingrato conflito⁶⁹. A foto acima à direita, procura demonstrar a compaixão dos militares alemães pelo povo conquistado, principalmente para com as crianças, através de uma ação de ternura e de preocupação para com o seu bem-estar.

Na fotografia em baixo, à direita (Figura 9), Mussolini visita um hospital na Frente Ocidental. Aqui a preocupação para com os militares que combatem pelas forças do Eixo é o ponto de maior impacto. Esta fotografia demonstra que para as forças do Eixo todos são importantes para a vitória, inclusive os feridos, a quem se deseja uma rápida recuperação.

Neste conjunto de fotos o lado humano aparece em duas vertentes distintas (Figura 11): uma primeira sobre a preocupação e solidariedade demonstrada para com os civis, principalmente as crianças e bebés que têm de ser resguardados em locais seguros devido a possíveis bombardeamentos. A outra vertente surge a partir de um apelo de compaixão pelos soldados que estão longe das suas famílias e muitos deles feridos em combate, como apresenta a fotografia em cima. Na fotografia em baixo (Figura 11) está presente um militar que regressa a casa, sendo este um motivo de

⁶⁸ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de janeiro de 1941, p. 23.

⁶⁹ Cf. *A Esfera*, 5 de setembro de 1940, p. 4.

festejo por parte da sua mulher e filha que vêm que o seu marido e pai regressa da guerra⁷⁰.

Além da demonstração de felicidade, existem também fotos de prisioneiros, tripulantes sobreviventes do navio afundado, no conjunto de fotografias abaixo do título (Figura 8). Saliente-se que são acolhidos pelos militares ingleses sem quaisquer demonstrações de violência. É também dada a ideia de solidariedade para com o inimigo ferido que é auxiliado com o maior dos cuidados⁷¹.

De junho de 1941 a finais de 1942 - A «Cruzada Anti-bolchevique» e as primeiras conquistas Aliadas

Nesta fase da guerra, que corresponde quase inteiramente ao avanço alemão na Frente Leste, o conflito torna-se mundial, com a resistência da URSS ao avanço da Alemanha, a ocupação do Norte de África por parte da Alemanha e a entrada dos EUA na guerra em finais de 1941⁷².

Após o verão de 1941, existe uma inclinação germanófila visível na atuação do regime. O início da luta na frente Leste com o objetivo de tomar territórios dominados pelos soviéticos e a entrada dos EUA no conflito ao lado da Inglaterra, tornaram a guerra um palco de disputas entre ideologias e totalitarismos, colocando em causa a sobrevivência do próprio regime de tipo autoritário português no pós-guerra. O perigo de uma invasão alemã está também constantemente presente com as pressões feitas por parte de Hitler, a nível económico, político e militar.

No entanto, na propaganda publicada pelo Eixo, destaca-se o anti-Bolchevismo e a luta pela libertação dos territórios dominados pelo inimigo, sendo vangloriada por entidades portuguesas, como a Legião Portuguesa. Sobressai também as parecências do regime Nazi e Fascista para com o Estado Novo através da Mocidade Portuguesa. Defende-se a causa do regime político para angariar apoiantes e simpatizantes⁷³ (ver anexos – Figura 6 e 7).

A forma encontrada pelos ingleses para contrariar esta tendência foi a de engrandecer a «inesperada» resistência que o Exército Vermelho mostrava no início de 1942. No entanto, Salazar não manifesta agrado em relação a esta situação, não

⁷⁰ Cf. *A Esfera*, 5 de dezembro de 1940, p. 12.

⁷¹ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de junho de 1941, p.13.

⁷² Telo, António José (2000), *A neutralidade portuguesa e o ouro nazi*, Lisboa, Quetzal, p. 52.

⁷³ Cf. *A Esfera*, 5 de dezembro de 1941, pp. 10-11; *A Esfera*, 20 de setembro de 1941, p. 3 (em anexo).

permitindo que a Inglaterra se transforme num canal transmissor de propaganda soviética no país, tomando medidas para esse efeito, encurtando todas as notícias sobre a URSS. Em contrapartida as notícias alemãs poderiam ser publicadas sem sofrer uma intervenção da Censura tão intensa.

Com a entrada dos EUA na guerra, em Dezembro de 1941, e sendo este aliado da Inglaterra, surgiu, em 1942, uma outra revista de natureza pró-Aliada: *Em Guarda*. Vinda dos EUA e distribuída em Portugal, esta iniciativa teve o objetivo de conquistar a confiança dos portugueses por este país de regime capitalista, tal como fora já feito nas revistas *Mundo Gráfico* e *Guerra Ilustrada*.

Poderio militar: Libertação da Europa: A Cruzada anti-Bolchevique/Luta conjunta dos Aliados contra o Eixo

Nesta fase os Aliados sublinham a importância da sua presença no Norte de África. Reforçam também a ideia de colaboração de militares de outros povos do Império Britânico a favor da sua causa, compondo um só exército.

Nesta reportagem vêem-se várias fotografias de artilharia e cavalaria no Médio Oriente⁷⁴, as tropas que compõem o exército Imperial Britânico constituído por tropas mistas (Figura 13). Encontram-se na Transjordânia, na Síria, onde a ofensiva continua e os seus soldados lutam corajosamente no deserto. Devido à forte resistência das tropas Aliadas no Médio Oriente e Norte de África, o objetivo deste conjunto de fotografias é o que intimidar o inimigo, demonstrando que não será derrotada facilmente.

Entretanto, as forças do Eixo apresentam a operação que seria base da sua propaganda para esta fase: a invasão à Frente Leste com o objetivo de derrubar Estaline. A batalha na Frente Leste adquiriu um carácter «sagrado», sendo apelidada de Cruzada anti-Bolchevique.

Foi na madrugada de 22 de junho de 1941 que as tropas alemãs atravessaram a Polónia ocupada e atacaram a base soviética no território. Deu-se o início da Operação Barbarossa. O exército do Eixo dividiu-se em três frentes: a Norte, que se dirigia a até à cidade de Leninegrado; a Sul, em direção a Kiev; ao Centro, em direção a Moscovo.

Na Ucrânia as tropas alemãs são gloriosamente recebidas, passando por debaixo de um arco decorativo construído pelos aldeões (Figura 14). Existe aqui a ideia de festa

⁷⁴ Cf. *Mundo Gráfico*, 15 de julho de 1941, p. 21.

e libertação da opressão do inimigo e ameaça soviética. Discretamente, tenta também transmitir que se tratou de uma vitória pacífica, com pouco recurso à violência⁷⁵.

A supremacia do Eixo dá a ideia de que o inimigo se rendeu sem o recurso excessivo de violência, como se vê no olhar derrotado e rendido dos prisioneiros. Aqui se iniciam as sucessivas imagens da sua principal ambição: a destruição da «ameaça» bolchevique.

Apesar dessa demonstração de poderio militar, nesta reportagem fotográfica destaca-se uma fotografia onde um soldado alemão está a dar de comer a uma criança lituana, mostrando solidariedade para com o povo conquistado que, em resultado do domínio bolchevique, demonstra fraqueza devido à fome e pobreza (ver anexos – Figura 8). Apesar da presença desses elementos, existe uma esperança na libertação da Europa do «perigo soviético», devolvendo a esperança aos povos conquistados⁷⁶.

A demonstração de poderio militar, para além da manifestação da força das suas armas e homens, fez-se também através dos prisioneiros de guerra.

As fotografias acima (ver anexos – Figura 9), do lado esquerdo e ao centro, apresentam prisioneiros soviéticos. Na primeira, os prisioneiros foram capturados perto da cidade de Minsk (atual capital da Bielorrússia). Na segunda é destacado um prisioneiro soviético, sendo considerado o rosto de um inimigo terrível e opressor. Destaca-se, por último, a terceira fotografia, abaixo, que denuncia a existência de crianças ao serviço do Exército Vermelho, sendo uma prova da crueldade soviética, que força as suas crianças a cumprir serviço militar e destacá-las para a frente de combate.

Para além da sua presença no Leste Europeu, as tropas do Eixo mantinham presença no Norte de África, não sendo esquecida a oportunidade de demonstração das suas vitórias. Esta reportagem fotográfica apresenta também uma manifestação de poderio militar através dos prisioneiros que se renderam às forças do Eixo⁷⁷ (ver anexos – Figura 9). Vê-se na fotografia, em cima, à esquerda, que três generais ingleses foram feitos prisioneiros em Derna, na Líbia, e posteriormente levados para a Alemanha.

Tal como os Aliados, que mostram as suas tropas mistas que operavam no Norte de África, o Eixo quis também mostrar outros povos que apoiavam a causa anti-Bolchevique.

⁷⁵ Cf. *A Esfera*, 20 de julho de 1941, p. 15.

⁷⁶ Cf. *A Esfera*, 5 de agosto de 1941, p. 26.

⁷⁷ Cf. *A Esfera*, 20 de agosto de 1941, p. 13.

Neste conjunto de fotografias, povos e seus exércitos de várias nacionalidades demonstram a sua simpatia pela causa alemã, desde dinamarqueses, italianos, húngaros, finlandeses, eslovacos e noruegueses. Como se esta fosse a sua causa, unem-se contra as forças Aliadas para assim libertarem a Europa da ameaça bolchevique.

Esta reportagem de fotos tem como objetivo de intimidar o adversário e de demonstrar o seu poderio militar, nomeadamente de homens, no que toca ao número de exércitos que ilustra este conjunto de fotografias (Figura 15). Tem também o objetivo de demonstrar às forças Aliadas que conseguem reunir apoiantes que lutam em conjunto, criando uma Europa unida⁷⁸.

Esta reportagem fotográfica também mostra várias nações que defendem a causa apresentada pelas forças do Eixo (ver anexos – Figura 10). Apresentam-se em várias situações, desde manifestações militares a civis em favor do avanço da «Cruzada anti-Bolchevique».

Na Roménia, uma multidão manifesta-se contra o bolchevismo na Praça da Universidade, em Bucareste, na primeira fotografia acima, no lado esquerdo. Na fotografia acima, à direita, tal como na fotografia abaixo, estão representadas as forças da Divisão Azul espanhola⁷⁹. Húngaros e dinamarqueses juntam-se à causa do Eixo contra o bolchevismo, destacando as suas tropas para a Frente Leste (ver anexos – Figura 10).

O seu objetivo ao publicar estas fotografias é o de intimidar o inimigo com demonstrações da sua supremacia através dos vários apoiantes espalhados por toda a Europa⁸⁰.

A necessidade de demonstrar o apoio de outras nações para a sua causa, faz com que as tropas Aliadas realcem a importância da colaboração dos EUA, não só para vencer a guerra, mas também para a reconstituição da Europa democrática. Nesta fotografia vemos duas grandes figuras deste conflito: Franklin Roosevelt e Winston Churchill⁸¹ (Figura 16). Este encontro levou à enunciação de oito princípios comuns nas democracias dos dois países, que alicerçam a esperança para um melhor futuro:

Os seus países não procuram qualquer engrandecimento territorial; não desejam qualquer modificação territorial; respeitam o direito de todos os povos a escolher o

⁷⁸ Cf. *A Esfera*, 20 de setembro de 1941, p. 11.

⁷⁹ A Divisão Azul é uma unidade de voluntários espanhóis e portugueses que servia as forças alemãs, na Frente Leste, durante a Segunda Guerra Mundial, utilizando fardamento alemão e identificado com o símbolo da Divisão do seu capacete.

⁸⁰ Cf. *A Esfera*, 20 de outubro de 1941, p. 22.

⁸¹ Cf. *Guerra Ilustrada*, novembro de 1941, p. 5.

governo e regime político; irão esforçar-se por promover que países grandes e pequenos gozem de igual acesso ao comércio e matérias-primas; desejam a total cooperação entre os países a nível económico para assegurar melhores condições de trabalho e de bem-estar; após a destruição do regime nazi, espera-se ver estabelecida a paz, dando a todas as nações a possibilidade de viver em segurança nas suas fronteiras; a paz, após a vitória Aliada, poderá levar todos os países a terem livre navegação de todos mares; os EUA e a Inglaterra desejam com a sua vitória alcançar o fim do trabalho forçado em todas as nações⁸².

Com estes princípios, a Inglaterra conta com o total apoio dos EUA para combater e conseguir, conseqüentemente, a vitória sobre as tropas do Eixo. Assim luta-se pela humanidade.

Esta fotografia tem por objetivo intimidar o inimigo com o reforço das forças Aliadas que a entrada dos EUA no conflito mundial significou.

A batalha de Moscovo foi um dos pontos altos da «Cruzada anti-Bolchevique» que contribuiu para um avanço considerável das forças do Eixo na URSS. No final de Novembro de 1941, o exército alemão estava praticamente às portas de Moscovo. Desde o começo da Operação Barbarossa, em cinco meses, o exército alemão tinha-se deslocado cerca de 966 km e derrotado as tropas soviéticas de forma esmagadora. No entanto, a 26 de Novembro, em Istra, perto de Moscovo, os alemães sentiram-se cansados, com fome e frio, havia falta de combustível e bens essenciais e os soviéticos tinham maior capacidade de fornecer roupa e alimentos. Desta forma, a tentativa de conquistar Moscovo falhou⁸³.

Esta reportagem fotográfica mostra um voo noturno em Moscovo para bombardear a cidade (Figura 17). Como ilustram as imagens acima, descreve o momento, desde a preparação e descolagem dos aviões ao anoitecer, em direção a Moscovo, até à altura em que iniciam o bombardeamento, deixando a cidade em chamas, como mostra a fotografia em baixo⁸⁴.

Neste conjunto de fotos (Figura 17) tenta mostrar-se um ato de heroísmo contra a ameaça bolchevique, como surge na expressão facial do piloto alemão, na fotografia ao centro, como se a sua missão tivesse um carácter sagrado.

⁸² Cf. *Guerra Ilustrada*, novembro de 1941, pp. 2-3 (suplemento) (em anexo).

⁸³ Macdonald, John (1994), *Grandes Batalhas da II Guerra Mundial*, Lisboa, Diário de Notícias, p.40.

⁸⁴ Cf. *A Esfera*, 5 de dezembro de 1941, p. 15.



Figura 1 – A Esfera, 7 de junho de 1940, p. 1



Figura 2 – A Esfera, 20 de setembro de 1940, p. 4



Regresso de um bombardeiro da Royal Air Force. O "raid", foi longo, mas os aviadores regressam satisfeitos com os resultados obtidos. A tripulação sai da cabine e o piloto-chefe troca impressões com os outros elementos da equipa. Foi assim que, numa noite, a ilha de Sylt, no Mar do Norte, foi violentamente bombardeada



A defesa dos navios ingleses contra os aviões inimigos. Uma metralhadora quadrupla, anti-aérea, está sendo carregada. As quatro bocas de fogo despejam milhares de balas por minuto



Um prisioneiro alemão. Depois de um longo "raid", através do Mar do Norte, o avião deste piloto foi abatido, quando tentava atravessar as linhas da defesa



GUERRA EM ÁFRICA



O marechal do Ar, Sir Arthur Longmor, passa revista aos aviadores de uma esquadilha da Real Força Aérea do Egípto

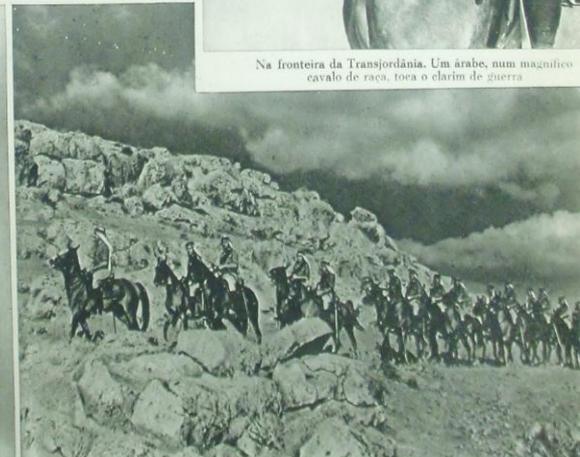


O velho Islam ao lado da Inglaterra. Alguns soldados árabes, filhos do deserto, com os seus característicos turbantes

Na fronteira da Transjordânia. Um árabe, num magnífico cavalo de raça, toca o clarim de guerra



Enquanto o Inverno da guerra assola a Europa, no vale do Nilo há um sol de Primavera. As uvas são boas



Começa o deserto. Nuvens sombrias. Terra incandescente. Eis uma patrulha de cavalaria com oficiais ingleses e árabes em vigilância

Figura 3 – Mundo Gráfico, 30 de novembro de 1940, p. 16

Figura 4 – Mundo Gráfico, 30 de novembro de 1940, p. 21



MASCOTES DE GUERRA

São as companheiras inseparáveis dos soldados da Gran-Bretanha. Com elas nas fuselagens esguias e elegantes dos aviões, os bravos rapazes da Royal Air Force partem a sorrir — o sorriso que é o seu triunfo — em busca do inimigo. Com elas, os alegres "tomys", marcham para a luta a cantar e os marinheiros do Império levam a Armada Real a todos os mares do mundo.

São um constante desafio à morte, onde quer que ela esteja, um desafio irônico, sorridente, um desafio que é uma certeza — a certeza de vencer. E a morte afasta-se para deixar passar, altiva, a mocidade gloriosa de Inglaterra.

Pois quem duvida que as mascotes fazem milagres de bravura e de heroísmo? Quando o perigo se avizinha, dir-se-iam couraças do aço mais duro a proteger arcanos de energia e de audácia. E parecem tão frágeis! Um "mickey" impertinente risonho ou um grilozito circunspeto com a consciência do "Senhor", Pinóchio, no corpo afuselado de um "caça"; uma cabrinha de olhos meigos, dócil e resignada, acompanhando uma formatura; um cãozinho rasteiro e peludo, jovial e brincalhão, no convex de um couraçado; um gesto apenas, muitas vezes, consagrado por um grupo e até por um povo inteiro, dominado pela mesma fé na vitória. Mas, é precisamente nessa fragili-

dade quase imaterial que se oculta toda a transcendência do seu poder. Há forças imponderáveis a que nada resiste, nem mesmo a morte. Elas são o próprio espírito britânico — a mais extraordinária dessas forças. Cada mascote é uma legenda de bom-humor.

É a guerra feita a rir — de todas as ameaças e de todas as vicissitudes. E, quando assim é, pode confiar-se absolutamente no moral de um povo.

Essas mascotes graciosas, otimistas, não são produto de superstições grosseiras. Só o desconhecimento faz o homem supersticioso. E os soldados da Gran-Bretanha sabem o que querem. Confiam no valor alheio como no próprio e, assim, adquirem a consciência do extraordinário potencial que representa o somatório dos valores individuais.

As suas mascotes são o índice dessa confiança.

Quando do céu de Inglaterra chove impiedosamente a metralha dos aviões inimigos, avulta sobre os montes de destroços fumegantes o sorriso irônico e otimista de um povo que quer lutar e vencer e que, de polegares arrebitados, deixa vibrar no espaço, como uma gargalhada estridente, a sua canção-mascote — o "lambeth walk".

W. Gilbert



Figura 5 – Mundo Gráfico, 30 de janeiro de 1941, p. 23

Figura 6 – Guerra Ilustrada, fevereiro de 1941, p. 3



Actualidades Internacionais

1) As bandeiras alemã e grega flutuam diante da Acropole. — 2) Soldados alemães que visitaram a Acropole, ouvem, atentos, as explicações de um guia. — 3) Diante da Acropole desfilou artilharia alemã. — 4) Parada da Vitória, em Atenas. Passagem das tropas motociclistas. — 5) O Parihénon apresenta-se majestoso aos olhos dos soldados alemães. — 6) O marechal von Brauchitsch, comandante em chefe das forças armadas alemãs, visitou a Acropole.

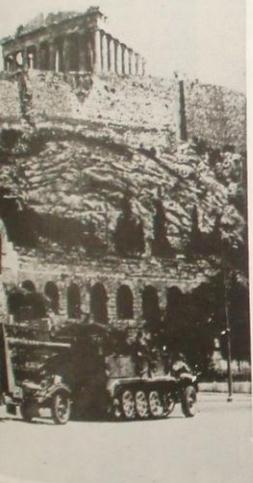


Figura 7 – A Esfera, 5 de junho de 1941, p. 17



Os valentes marinheiros do cruzador "Dorsetshire", que afundou a torpedeiro o "Bismark", entusiasticamente recebidos no seu regresso a Inglaterra, gritam: Vitória!

O FIM DO "BISMARCK"



Outros marinheiros do couraçado alemão destruído no Atlântico, no momento de chegarem à Inglaterra



Os sobreviventes do "Bismark" desembarcam na costa inglesa sob a curiosidade da multidão



Um ferido da tripulação do "Bismark" é conduzido para terra por dois soldados ingleses

Figura 8 – Mundo Gráfico, 30 de junho de 1941, p. 13

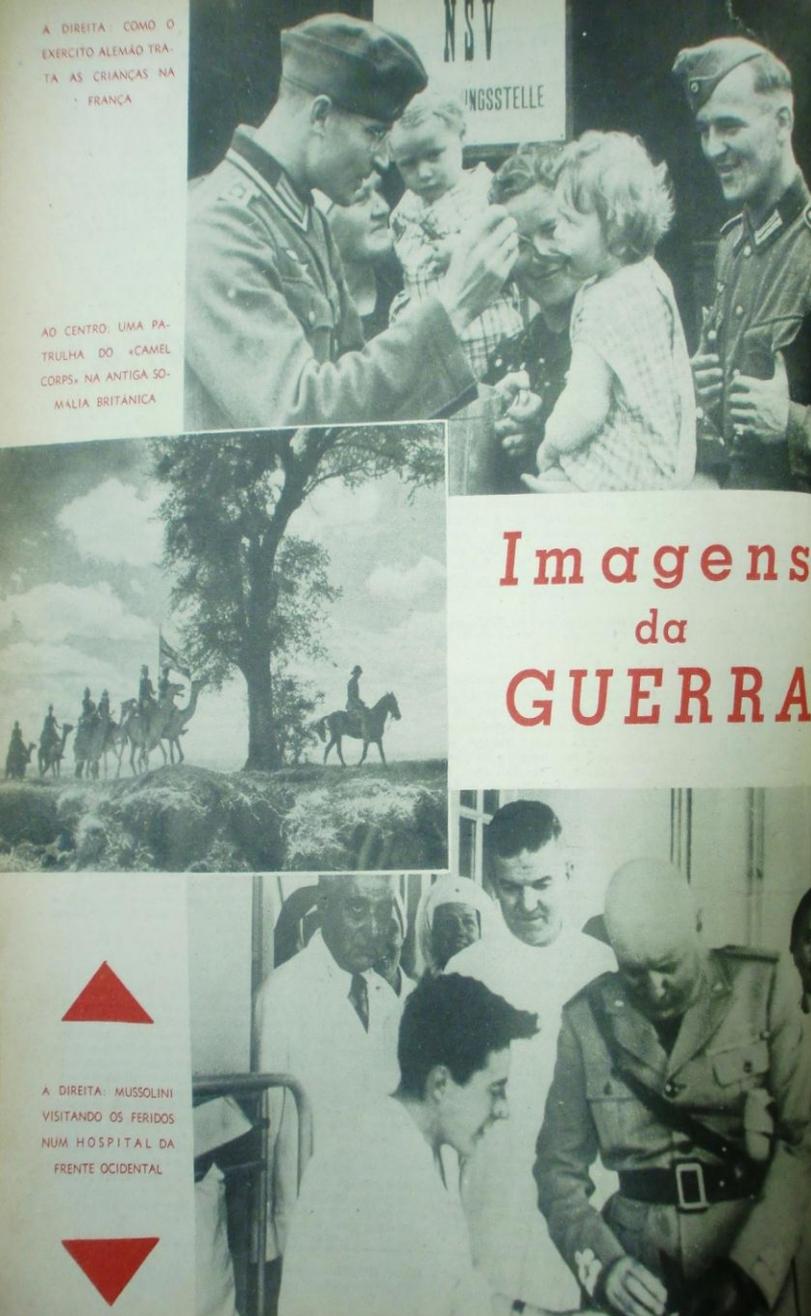


Figura 9 – A Esfera, 5 de setembro de 1940, p. 12



Como a Inglaterra trata os prisioneiros de guerra. Um piloto inimigo, que caiu ferido, é amparado carinhosamente por um soldado e um polícia

Figura 10 – Mundo Gráfico, 30 de outubro de 1940, p. 8

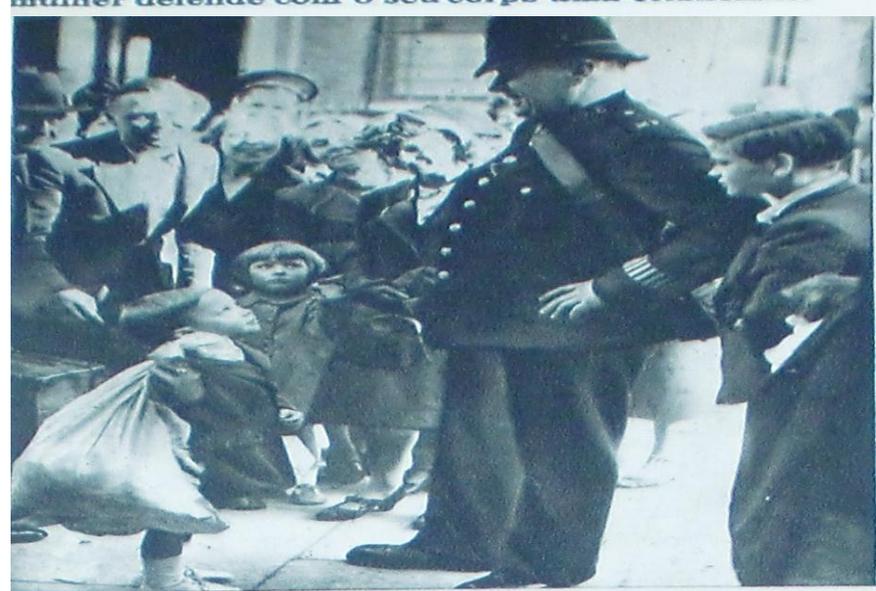
IMAGENS DA GUERRA



1—Tôdas as noites, centenas de crianças são transportadas para abrigos especiais, onde repousam até ao outro dia de manhã. 2—Nos abrigos especiais para crianças, cada cama possui um número, de maneira que tôdas as manhãs as mães encontram facilmente os filhos. 3—O médico militar verifica consideráveis melhoras nos seus doentes instalados num hotel de luxo de uma praia do Báltico. 4—Convalescentes de guerra entretêm-se a jogar as cartas. 5—Campeonato de «ping-pong» disputado por convalescentes. 6—Um dia que era esperado ansiosamente, minuto a minuto... 7—O pequeno Kurt espera vir a ser soldado tão valeroso como o pai. Por isso mesmo, o capacete de aço, as botas e a cartucheira constituem o seu brinquedo mais querido. 8—O pequeno Kurt entretém-se, também, a cuidar das botas do pai.



Numa cidade inglêsa. As bombas caem, mas esta mulher defende com o seu corpo uma criança



Este pequeno inglês, antes de sair da cidade, pergunta a um «policeman», o caminho a seguir

Figura 11 – A Esfera, 5 de dezembro de 1940, p. 12

Figura 12 – Mundo Gráfico, 30 de dezembro 1940, p. 16



OS INGLÊSES EM ÁFRICA

A guarnição de uma metralhadora fazendo fogo contra um avião, quando da conquista de Damasco. O indiano aponta bem pois tem no seu activo dois aviões inimigos

A célebre cavalaria sirassiana, do coronel francês Collet, herói da outra guerra, dezassete vezes ferido em campanha, que, sob o seu comando se juntou às forças dos franceses livres e que, neste momento toma parte na campanha da Síria



Tobruk, a cidade heroica, resiste há mais de três meses. A sua guarnição é composta de tropas mistas do exército Imperial britânico. Um belo tipo de soldado indiano



Um esquadrão motorizado das forças da Transjordânia, que combate agora na Síria, cujo poder ofensivo tem excedido toda a expectativa. Filhos do deserto, eles não têm medo nem do sol nem do fogo



Uma formação de forças da Transjordânia que fazem parte do Exército Inglês que está conquistando a Síria. Belicosos e endurecidos pelo clima, estes árabes têm feito prodígios de valor tanto na Líbia como na Síria



A legião árabe da Transjordânia, comandada por oficiais ingleses, tomou parte activa na pacificação do Iraque. Os soldados são dos mais famosos do mundo

Figura 13 – Mundo Gráfico, 15 de julho de 1941, p. 21



Países libertados

Tanto nos países baltas, como na Ucrânia, Bessarábia, Bucovina, as tropas alemãs que estão destruindo o poder militar do bolchevismo, são acolhidas como libertadoras...E a vida começou a renascer para a Civilização!

A ESQUERDA: — Os lituanos derrubaram um monumento de Estaline, assim que as tropas alemãs surgiram como libertadoras

EM BAIXO: — Assim foram recebidas as tropas alemãs, numa aldeia da Ucrânia



Figura 14 – A Esfera, 20 de julho de 1941, p. 15



Figura 15 – A Esfera, 20 de setembro de 1941, p. 11



Figura 16 – Guerra Ilustrada, novembro de 1941, p. 22



UM VÔO NOCTURNO CONTRA MOSCOVO

AO ALTO, à esquerda: Esquadilha da Luftwaffe levantando vôo em direção a Moscou. O sol já começa a baixar. O caminho conduz por sobre Smolensk, que se estende lá em baixo nos nossos olhos.

AO ALTO, à direita: Caiu a noite. Os aviadores sobem a uma altura extraordinária, para voar sobre o fogo táctico. Os pontos focos ultravioleta atingem o arido, iluminando o seu interior.

AO CENTRO, à esquerda: Fria decisão do combate e firme energia transparecem na fisionomia deste aviador alemão.

EM BAIXO. O inimigo mundial foi atingido no coração. Debaxo de nós está Moscovo em chama! São observados inúmeras explosões e arguem-se, alastrando gigantescos focos de incêndio. A luta de gigantes entre Nacional Socialismo e comunismo, entre claridade e trevas da cultura humana, encontrará em breve o seu fim.



O PODER INVENCÍVEL DA AMÉRICA

OS ESTADOS UNIDOS EM GUERRA

Os Estados Unidos entraram, oficialmente, em guerra no dia 7 de Dezembro. É inútil pôr em relevo a importância desse factor essencial para a decisão da luta. Quisquer que tenham sido a natureza e as repercussões dos primeiros episódios que caracterizaram as hostilidades nipo-americanas, o que gira como facto incontestável, para o presente e para o futuro,

é a realidade da intervenção americana.

Que elementos novos trouxe essa intervenção para o panorama geral da guerra? É possível enumerá-los, rapidamente, assim:

- 1.º Criou-se nos Estados Unidos a unidade nacional que, em circunstâncias diferentes, dificilmente se alcançaria;
- 2.º O presidente e a Administração

foram, rapidamente, investidos dos mais altos poderes para conduzir as operações;

3.º Mobilizou-se uma grande potência militar, em terra, no mar e no ar;

4.º Mobilizou-se a maior potência industrial do mundo, em matérias primas, instalações, pessoal técnico, especializados e mão de obra;

Figura 17 – A Esfera, 5 de dezembro de 1941, p. 15

Figura 18 – Mundo Gráfico, 30 de dezembro de 1942, p. 10



A retirada de Moscovo. Material abandonado pelos alemães na estrada de Klin

UMA FASE DECISIVA

DURANTE a última quinzena as operações militares na frente oriental entraram numa fase decisiva. Dos três sectores em que se reparte a vasta frente que vai do Oceano Ártico ao mar Negro, o sector central, cujo objectivo principal foi até 7 de dezembro de 1941 a cidade de Moscovo, continua a chamar as atenções gerais. É ali que, de facto ou como finta de qualquer manobra de maior envergadura, se concentram os principais recursos dos dois adversários em homens e material. É por isso que as peripécias da luta nesse sector são seguidas com interesse e curiosidade.

Iniciada a contra ofensiva soviética em 7 de dezembro, o sector de Moscovo animou-se extraordinariamente conseguindo os russos forçar a primeira linha defensiva alemã, a qual se apoiava em três pontos fortificados: Kalénine (Iver), ao norte; Mojaisk, ao centro na estrada principal que conduz à fronteira polaca; Tula, ao sul, que marcava um dos locais extremos do avanço da Wehrmacht em território soviético. Kalénine e Tula foram rapidamente e a contra ofensiva prosseguiu em condições favoráveis nas extremidades do semicírculo de investimentos. Mas o saliente de Mojaisk, onde se tinham concentrado importantes efectivos alemães continuou a resistir vigorosamente. O ataque frontal à cidade realizado no fim da primeira quinzena de dezembro não decidiu da sorte da cidade. Os atacantes iniciaram, então, uma das suas manobras de cerco que, ao fim dum mês, deu os seus frutos. Em 15 de Janeiro iniciou-se a evacuação dos defensores que foi metódicamente realizada, embora tivesse acarretado sacrifícios apreciáveis. Em 20 a cidade caiu em poder das tropas russas.

Entretanto, ao longo dessas quatro semanas, a progressão na ala esquerda do exército soviético continuou. Deixando para trás cercados dois importantes centros de população (Orel e Kozlov), a contra ofensiva russa penetrou profundamente no território ocupado pelo adversário formando uma extensa bolina que inclui o caminho de ferro Kursk-Viasna e se estende até à província de Smolensk. Algumas povoações recobradas, como Kirov, pertencem já a essa província.

Nos outros sectores as operações, embora com um ritmo mais lento, não deixaram, por isso, de se revestir de significado digno de registo. No sector de Leninegrado, ultrapassando o curso do Vológa e desafiada, em parte, a cidade, as forças russas desencadearam ataques de envergadura, partindo da cordilheira Valdai a fim de se juntarem com os sitiados. No sul, a contra ofensiva no Donetz, embora aproximando os russos de

(Continua na pág. 29)



Prisioneiros alemães

A ESFERA



A CRUZADA EU
PEIA CONTR
BOLCHEVISM

Pela primeira vez na
história da Europa, as
continente unificadas
nunca que consiga
tudo a a realização
O entusiasmo popular
adventado na Rússia
sua própria
Vive em uma
tracção
Bolsa
«Comitê de
Bolsa»
Vive em uma
tracção
Bolsa
«Comitê de
Bolsa»
Vive em uma
tracção
Bolsa
«Comitê de
Bolsa»

Figura 19 – Mundo Gráfico, 30 de janeiro de 1942, p. 19

Figura 20 – A Esfera, 5 de fevereiro de 1942, p. 32

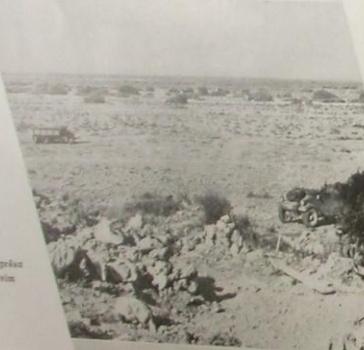
Vitória na África

As armas alemãs prosseguem vitoriosas no norte de África. Após uma ofensiva de cerca de 15 dias, os carros blindados de Rommel percorreram distâncias enormes, batendo as tropas inglesas em El-Adem, Bir-Hakeim e Sidi-Rezegh, em toda a parte onde elas se apresentaram a combater, vitórias que culminaram com a ocupação de Tobruk e Bardia, posições inexpugnáveis, segundo a propaganda italiana. O avanço germano-italiano continua sem obstáculos sérios. O avanço já atingiu o coração do Egípcio. O general-marechal de campo Rommel, que o circunspecto «Times» classifica entre os maiores estrategas modernos, justificou nesta acção a adocção dos próprios inimigos

As unidades alemãs no deserto de Líbia



Forças blindadas alemãs avançando sobre Tobruk



Um golpe de surpresa contra Bir-Hakeim



O general-marechal de campo Rommel, vencedor da campanha no Norte

Campo de concentração de prisioneiros ingleses



Um ME 109 presente em um vôo sobre o deserto de Líbia



Maneiras de ação caracterizam os movimentos das vitórias



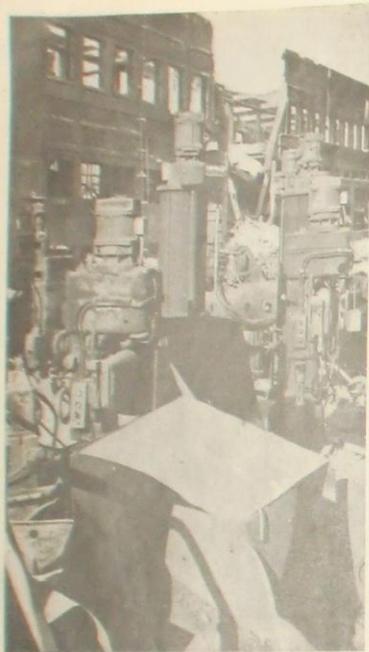
Explosão num campo de minas perto de Bir-Hakeim



Interrogatório de prisioneiros ingleses

Figura 21 – A Esfera, 5 de julho de 1942, p. 16-17

A batalha de Estalinegrado



Fábrica de trancas em Estalinegrado ocupada pelas forças alemãs



Junto duma fábrica de «tanks» encontra-se um transporte de munições e aviação bolchevista, o qual foi interceptado pelas forças alemãs



«Tanks» russos que nunca chegaram a entrar em ação



Aspecto duma fábrica de armamento em Estalinegrado destruída completamente



Telegrafistas alemães estabelecem comunicação com o Estado-Maior, em Estalinegrado



Documento comprovativo da eficácia da artilharia e da aviação alemãs



Junto das grandes oficinas de montagem de Estalinegrado vivem-se as máquinas enfiadas

A ocupação e destruição sistemática dos pontos vitais de Estalinegrado, cidade de primordial importância para a União Soviética, têm sido feitas pelas forças alemãs em estreita colaboração com os seus aliados e segundo os planos previamente estabelecidos pelos Altos Comandos.

A cidade ainda não foi totalmente ocupada; no entanto, o objetivo principal, a interrupção da navegação bolchevista através do Volga, foi atingido. E o coração da máquina de guerra de Estaline deixou de pulsar: os grandes centros industriais bolchevistas já não fabricam mais engenhos perigosos para a Europa.

Estalinegrado, o maior centro industrial da União Soviética, está, portanto, ao sob o domínio das forças alemãs, cu sob o fogo directo dos seus canhões.

O ANO DA VITÓRIA



Simbolicamente, os ingleses abateram a este avião de bombardeamento a picos "Vengeance". Foi construído na América, sob planos britânicos, e é superior aos "Stukas". É um verdadeiro mestre e a precisão dos seus bombardeamentos ultrapassa tudo quanto até agora tem sido alcançado.



São estes os homens que vão a caminho da Tunísia e que já andaram cerca de mil quilómetros em perseguição das tropas de Rommel em retirada. Na ponta das suas baionetas fêz a vitória, nos lances mais decisivos desta guerra.



Um aspecto impressionante dos campos de batalha.



Os líderes do 6º Exército que regressaram às tropas do "Lixo", consultando a Cirenaica e a Trípolitânia em marchas fulgurantes.



Caça nocturna. Um jacto de fogo que se eleva ao alto e vai incendiar o avião inimigo.



Um cheio, no alvo. Uma granada de artilharia britânica acertou num pesado tank germânico provocando uma tremenda explosão.

Figura 23 – Mundo Gráfico, 31 de dezembro de 1942, p. 16-17



De ingleses abandonaram este burro na França. Agora encontrou novos amigos



Dois aviadores

ANIMAIS NOSSOS AMIGOS

Os soldados que se batem como leões têm, entre dois combates, um pouco de ternura para os animais. Eles amenizam a vida do homem e fazem, por vezes, esquecer as asperezas do dia a dia. Até os mais ferozes se habitam ao convívio humano. Tem razão o poeta que os classifica de «animais nossos amigos».

Uma gazela africana hóspede dum aeródromo na Itália



Três cães de raça, orgulho da bateria



Figura 24 – A Esfera, 5 de julho de 1942, p. 21

Salvamento dum aviador inglês por marinheiros alemães



O capitão dum pronto-socorro alemão avista ao longe um homem fazendo sinais

Um gole do canil vivifica as forças do inimigo esgotado



Quando o barco se aproxima, é reconhecido um aviador inglês a asa do seu avião abatido

O aviador inglês é transportado para bordo do pronto-socorro



Figura 25 – A Esfera, 20 de março de 1942, p. 8



Em cima, à esquerda — Encontro com a população da Ucrânia. As tropas alemãs são recebidas com grande cordialidade, como libertadoras do jugo judaico-soviético.

Em cima, à direita — O júbilo das populações libertadas do jugo soviético traduz-se em ofertas aos soldados alemães, de flores, pão e ovos.

Ao lado — As ofertas aos soldados alemães são constantes na Ucrânia.

Em baixo, à esquerda — Saltos! Carros com alto-falantes anunciam à população, que as tropas alemãs não veem como conquistadoras, mas sim como libertadoras. O júbilo é, manifesto, em todos os rostos.

Em baixo, à direita — Durante o avanço houve uma surpresa alegre. A população da Ucrânia ofereceu aos soldados alemães flores, ovos e pão e ajudou-os onde foi necessário, para lhes mostrar o seu agradecimento pela libertação.



Na Ucrânia libertada



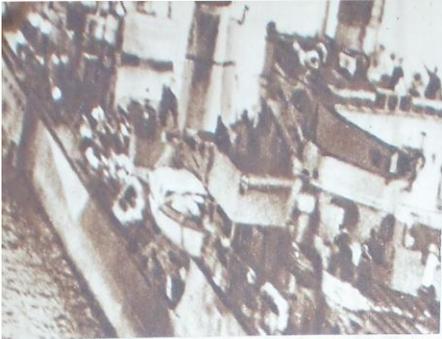
Figura 26 – A Esfera, 20 de agosto de 1941, p. 19



Figura 27 – Mundo Gráfico, 15 de maio de 1943, p. 22



Figura 28 - A Esfera, 20 de julho de 1943, p. 9



glaterra-America, blocu substituívi. I ratemilidade de armas absoluta. Um Liberador americano
steu no fundo um submarino Nazi cujos tripulantes são agora recolhidos por um destroyer inglês

BERLIM EM CHAMAS



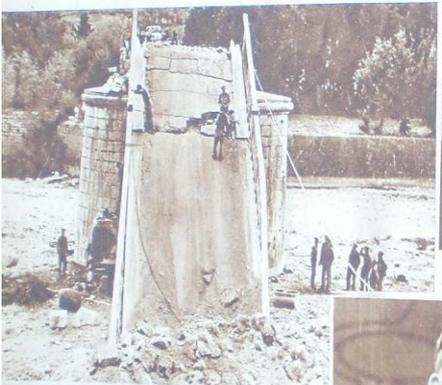
As esquadras aereas inglesas dominam por completo a Alemanha. Em *raids* sucessivas
R. A. F. têm bombardeado Berlim, destruindo todos os centros vitais da resistência
suas fabricas de guerra



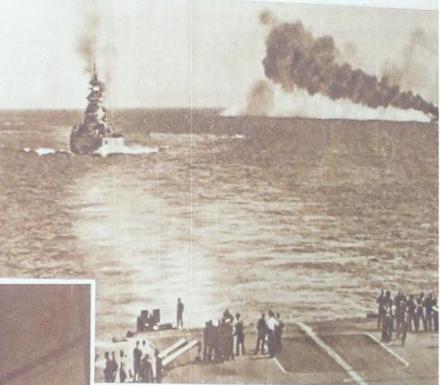
os valerosos pilotos da
inimiga e esmagando as



Em Janeiro de 1943, no porta-aviões «Illustrious», caiu uma bomba que provocou um incêndio
logo localizado. Nem por isso os seus aviões deixaram de levantar vôo, infringindo ao inimigo
uma das derrotas mais memoráveis da guerra aérea



Italia, o avanço prossegue apesar das chuvas. Os alemães destruíram esta
te, mas o 5.º Exército, assim como rence os inimigos, vence as dificuldades
des materiais. Passou por ali e já ultrapassou o Sangro



A armada inglesa protege a liberdade do mundo. Uma esquadra britânica,
ilha, com o seu porta-aviões, e os seus contratorpedeiros, tendose no fundo
destróer desdobrando uma cortina de fumo



alemães acosados na Italia, destroem as vias de comunicação, mas para
Exércitos das Nações Unidas não há dificuldades. Os prusos e as legiões
vão a toda a parte



As fanfonetas do Exército inglês tem perseguido Rommel desde El Alamein,
e, através da Tunísia e da Sicilia, internaram-se na Italia, repulando sempre

Figura 29 – Mundo Gráfico, 30 de novembro de 1943, p. 16-17



...que a Alemanha? Quais os pontos onde se desarticulou a grande operação anfíbia, que será a chave da vitória desta guerra? Exércitos gigantescos vão desembarcar na Europa, com armas desconhecidas, e a certeza absoluta de que a Alemanha, finalmente, será derrotada.

COMEÇA A INVASÃO

SE outros elementos de prova não houvesse, bastaria ler a imprensa adversa às Nações Unidas para ter uma noção perfeita da perturbação e da inquietação com que esses adversários aguardam a abertura da segunda frente. As perguntas nervosas feitas sobre a data e o local da invasão, as conjecturas desorientadas formuladas sobre as probabilidades do seu êxito e as confissões, cada vez mais reveladoras, dando conta do gigantesco poder com que os aliados tencionam levar a cabo essa realização capital, constituem indícios importantes dessa formidável e inédita operação nos annos da história.

Mas a segunda frente não se encontrará já aberta, quando os que tanto a reeciam falam dela como duma hipótese próxima? Que são os bombardeamentos aéreos em escala devastadora? Os comentadores militares reconhecem nelos o prelúdio da segunda frente. Que são as operações heróicas e conduzidas pelos aliados em Itália? Os combatentes de todo o mundo confessam que é de uma nova frente de batalha que se trata.

A verdade é que a segunda frente está em marcha. Independentemente do desenvolvimento da luta na frente oriental (a frente oriental está actualmente nos Carpátos, nas proximidades do Danúbio, nos combates bélicos e na vizinhança de Lvov), essa segunda frente é constituída pela ofensiva da aviação anglo-americana que, depois de ter destruído a me-



"NO ENEMY PLANE WILL OVER THE REICH TERRITORY"

O ar. Goering jactava-se, ao principio da guerra, de que "nenhum avião inimigo voava sobre o território do Reich. Agora, porém, tem de reconhecer a terrível realidade: toda a industria militar alemã, portos, aeródromos, centros e vias de comunicação foram destruídos, e que um raid de 8.000 avião sobre a Alemanha à noite não foi mais que uma demonstração de força."

A BATALHA DA NORMANDIA



TROFÉUS DE GUERRA

A data de 6 de Junho de 1944 assina uma viagem decisiva na história desta guerra. Em 22 de Junho de 1940, o armistício com a França marcou o inicio da dominação do Reich no continente. Em 18 de Agosto de aquele ano, a derrota da Luftwaffe sobre a Grã-Bretanha era o final da reacção que depressa se propagaria ao resto do mundo. Em 22 de Junho de 1941, a entrada das tropas alemãs na Rússia assinalava o começo duma batalha sem precedente pela sua violência, em que a Wehrmacht seria levada a abandonar o território que tinha ocupado. Em 7 de Dezembro d'esse ano, os Estados Unidos entravam na guerra. Em 23 de Outubro de 1942, a batalha vitoriosa de Alamein era a primeira pedra da ofensiva que devia conduzir à vitória. Em 8 de Novembro, ingleses e americanos desembarcaram no Norte de Africa criando a plataforma da invasão no sul da Europa. Em 20 de Maio de 1943, a vitória da Tunísia liquidava a campanha africana do Eixo. Em 6 de Junho de 1944, os Aliados desembarcavam no occidente da Europa. Estava criada a segunda frente.



Figura 30 – Mundo Gráfico, 30 de maio de 1944, p. 7

Figura 31 – Mungo Gráfico, 15 de julho de 1944, p. 7

O «Manchester Guardian Weekly», de 15 de Agosto, escreve: «Devemos enfrentar a verdade corajosamente e reconhecer que o povo italiano está longe de sentir felicidade pela sua libertação. A situação económica é positivamente devastadora e declara-se que os alemães dão mais viveres ao povo italiano do que os aliados».

O «Arriba» de 6 de Setembro informava: «A população italiana sofreu depois de um ano do capitulação um aspecto esqueleto. O resultado dum estudo da situação na Itália apresentado pelo General Calwyer ao Presidente Roosevelt é o seguinte: A mortalidade infantil subiu a 50%. De 1.000 pessoas, 300 sofreram de tuberculose. Actualmente a tuberculose mata por ano 200.000 pessoas contra 60.000 em 1938. Sómente no mês de Junho de 1944 morreram 2.333 pessoas em Roma, vítimas de fome e de fraqueza geral».

Georges Balthazat, representante da Organização Trabalhista Americana e Luigi Antonini, representante da Federação Americana de Trabalho estiveram na Itália, a fim de estudarem a situação dos operários e declararam que os salários e ordenados italianos deviam ser consideravelmente aumentados. Os representantes americanos fizeram referência a um caso em que os operários italianos ganham apenas 6 dólares por mês. Baldanzi declarou:

«Não posso compreender porque motivo os operários italianos ganham agora menos do que sob o domínio alemão e fascista. É uma situação fantástica! Os salários dos operários italianos são tão baixos que nem pagam os géneros de primeira necessidade. Artesãos ganham 4 sh. o que equivale a 80 liras por dia; empregados e vendedores ganham mensalmente 1.200 liras o que corresponde a 3 libras esterlinas. O Governo ordenou um aumento de 70% nos salários dos operários mal pagos. O

A ITÁLIA

VISTA POR VÁRIOS

Vaticano, por sua vez, aspira para os seus empregados, com menos de 80 liras por mês, um aumento de 210%. O custo de vida subiu desde o começo da guerra mais de 700%».

As fábricas mais importantes da Itália estão destruídas. Os transportes civis são ineficazes e o abastecimento com corrente eléctrica é tão diminuto que a situação é considerada crítica. Na Itália Central, 95% das geradoras eléctricas foram destruídas. Há grande falta de automóveis e camionetas que transportem viveres. Em Roma a falta de géneros de primeira necessidade nunca foi tão séria como agora. Aumenta constantemente a tuberculose infantil e morrem 50% dos recém-nascidos. («Goetborgs Handels Och Sjöfartstidning», de 25 de Agosto de 1944).

As informações que chegaram a Inglaterra procedentes da parte italiana ocupada pelos aliados, falam da grande decepção do povo italiano, depois do primitivo jubilo com que receberam o exército libertador. Nesta região da Itália, a situação é terrível. O jornal que só tem uma única folha custa uma lira e o almoço mais humilde custa 120 liras. É verdade que se preparam recepções calorosas aos aliados, mas os dias que se seguem trazem à população fome e miséria. Alastra-se a desilusão que ameaça tudo. (Carta enviada ao «Manchester Guardian» publicada no dia 24 de Agosto de 1944).

O correspondente em Roma da AFI, Jean d'Hôpital escreve: «O Governo de Bonomi sabia muito bem que a demobilização de centenas de milhares de soldados implicaria inúmeras dificuldades, mas de facto a situação revelou-se muito mais grave. O governo está sem meios para enfrentar 600.000 pessoas que ficaram sem trabalho. Estes 600.000 homens estão virtualmente condenados à fome, porque a indústria nas regiões ocupadas ou está destruída ou não tem carvão nem matérias primas. Já não existe administração organizada. Não pode ser iniciada a reconstrução das cidades destruídas por falta de transportes e estradas aproveitadas».

Em Roma, centro do mundo católico, registou-se um incidente antipático entre uma demonstração comunista e uma procissão católica. Os comunistas, entre os quais se encontravam muitas mulheres, acabavam de sair de uma reunião na qual o comunista Togliatti falara sobre o ideal da mulher bolchevista. A procissão católica, composta em grande parte de raparigas, procedia da célebre Basílica de Santa Maria Maggiore. Num dos cruzamentos da grande Via Nazionale, os dois grupos chocaram-se e as mulheres comunistas atacaram a procissão, arrancando das mãos das raparigas velas e rosários. A procissão teve de procurar refúgio na Basílica. A emissora das Nações Unidas que deu esta informação, concluiu dizendo que o facto causou péssima impressão na população de Roma.



Ameaçam e insultam



Assaltam e destroem

Roma "Libertada"

A revista americana «Life» publica com o título «Os americanos conquistam Roma» duas páginas de onde reproduzimos as gravuras que damos aqui. Abre-se o cenário nacionalmente americano, que o fotógrafo deu à sua reportagem, é digno de registro, verificando a forma como a vida decorre na cidade eterna. Enquanto, por um lado os comunistas percorrem os ruas em camionetas, desfilando bandeiras vermelhas, por outro lado, civis armados ameaçam e matam sem que qualquer autoridade entre a toça ao homem.



Agora é que os paços

Figura 32 – A Esfera, 20 de outubro de 1944, p. 16-17

Na Europa "Libertada"

como nos Estados Unidos os métodos são os mesmos -



NO nosso número 108 tivemos de retirar, por falta de espaço, uma página na qual mostrávamos alguns dos processos usados na América do Norte para aqueles que se recusam a trabalhar nas fábricas e minas sem as garantias que entendem ser-lhes devidas. Era o paralelo do que se faz nos países onde há liberdade de fazer greve e o que não é preciso fazer nos países onde se não permite a greve — para não haver necessidade de recorrer aos meios violentos e democráticos de chibotear os grevistas.

Aconteceu, porém, que uma gravura dessa página, saiu isolada com uma legenda que não lhe dizia respeito e que por isso mesmo errada. Rectificamos hoje não só a legenda dessa gravura, como a repetimos e damos as outras fotografias que constituíam a referida página. Do percalço resulta melhor o nosso intento e a explicação para o leitor.

Vejam-se, pois, as fotografias desta página e comente-se depois. Na América do Norte, os trabalhadores são presos e forçados a ir para o trabalho. Na Europa, os soldados americanos obrigam os operários a trabalhar á... ponta de baioneta. Depois venham falar-nos em liberdade.

Em cima—Violento encontro entre a polícia americana e trabalhadores em St. Francisco. Ao meio—A polícia americana trava renhida luta para obrigar a trabalhar os grevistas de Minneapolis. Em baixo—Soldados americanos obrigam os mineiros alemães a trabalhar. Para isso os mantêm sob vigilância.

Ocupação e "libertação"

Eis nesta página um flagrante contraste e para o qual não vale a pena fazer comentários. Simplesmente uma explicação para quem dela necessitar: as fotografias foram obtidas durante a ocupação alemã em França. Os recortes dos jornais são do mês de Fevereiro deste ano, quando em França não há ocupação alemã.



Num porto francês: Os soldados alemães tratavam assim a população civil. — Dunquerque: Milhares de refeições quentes eram distribuídas diariamente pelas organizações alemãs. — Besançon: Afim de evitar especulações, os mineros eram distribuídos por uma organização francesa.

Figura 33 – A Esfera, 5 de março de 1945, p. 9

Figura 34 – A Esfera, 20 de março de 1945, p. 5



Figura 35 – A Esfera, 20 de janeiro de 1944, p. 16-17

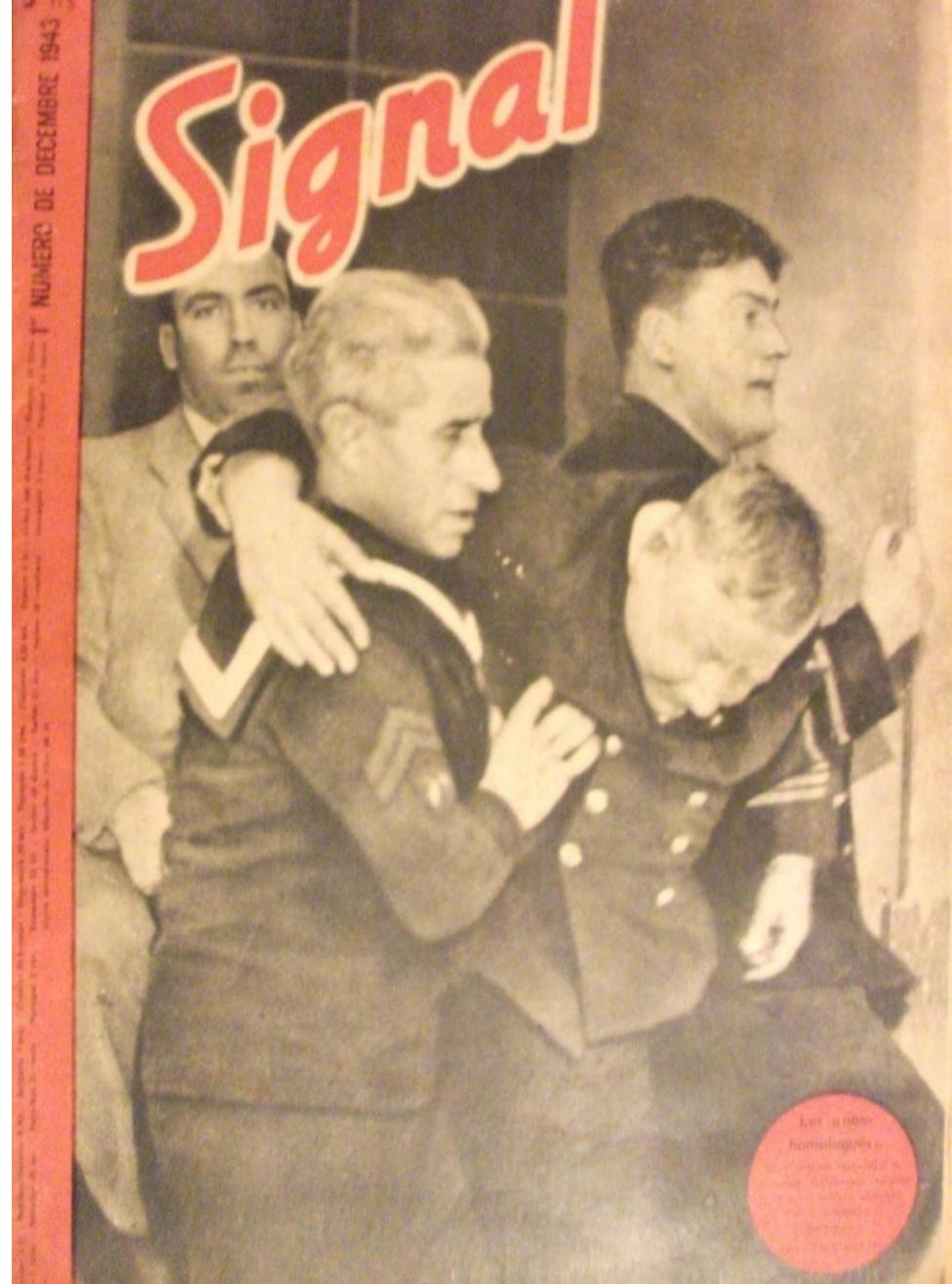


Figura 36 – Signal, dezembro de 1943, p. 1

O objetivo deste é o de demonstrar a sua superioridade em relação ao inimigo através da demonstração do seu poderio militar e mostrá-lo de modo a intimidar o adversário com a sua superior força.

Nesta fotografia vários aviões sobrevoam a Europa Oriental (ver anexos – Figura 11). Dezenas de paraquedistas da Luftwaffe aterram em solo inimigo, prontos a combater. Esta fotografia pretende exibir o seu poderio militar através dos homens que compõem a sua Força Aérea.⁸⁵

O final do ano de 1941 e a conseqüente entrada dos EUA na guerra representou para os Aliados um forte reforço contra o Eixo. Os EUA entraram oficialmente na guerra no dia 7 de dezembro de 1941, após o ataque surpresa à base de Pearl Harbor, efetuada pelas forças militares japonesas. A *Mundo Gráfico* realça aqui a grande importância deste facto para os Aliados alcançarem uma vitória. Nesta fotografia é visível o poder quase monstruoso do poderio militar americano, tanto em valor humano como em todos os recursos utilizados (Figura 18). Numa embarcação, toda a sua numerosa tripulação encontra-se na proa, juntamente como o seu poderoso arsenal.

Nesta fotografia o objetivo é intimidar o inimigo com o reforço das forças Aliadas. Com esta nova aquisição, as forças do Eixo ficarão mais fracas, sendo que a vitória Aliada está cada vez mais perto de ser alcançada⁸⁶.

Entretanto no Norte de África, várias são as vitórias que se fazem sentir por parte dos Aliados. Nas cidades de Benghazi, Cirenaica e Drena, na Líbia, o exército Imperial Britânico vive em plena guerra. A infantaria avança e aos poucos são conquistadas as cidades pelas forças Aliadas. Nesta reportagem fotográfica vê-se também a rendição de militares do Eixo, a queda do inimigo e, do seu poderio militar, o terem caído prisioneiros, o que representa uma poderosa arma para enfraquecer o adversário e mostrar que uma vitória dos Aliados é cada vez mais possível de acontecer⁸⁷ (ver anexos – Figura 12).

No entanto, havia pouca referência às batalhas travadas no Leste da Europa. A forma encontrada pelos ingleses para contrariar a tendência de que a Alemanha sairia vencedora deste confronto na Frente Leste, foi a de engrandecer a inesperada resistência que o Exército Vermelho começou a demonstrar nos inícios de 1942. Nesta fotografia pretende-se mostrar a valentia e resistência dos soldados soviéticos apesar das

⁸⁵ Cf. *A Esfera*, 20 de dezembro de 1941, p. 30.

⁸⁶ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de dezembro de 1941, p. 7.

⁸⁷ Cf. *Mundo Gráfico*, 15 de janeiro de 1942, p. 10.

investidas do inimigo, embora a vitória ainda estivesse longe, realçando mais uma vez a supremacia dos Aliados, neste caso dos aliados oriundos da URSS. É esta uma primeira imagem que demonstra uma ideia de vitória inevitável e a destruição do inimigo⁸⁸ (Figura 19).

Em fevereiro de 1942, a revista *Signal* apresenta uma reportagem fotográfica que mostra a defesa das forças do Eixo, representada por alemães e italianos, contra o ataque dos ingleses (ver anexos – Figura 13). Tudo isto se desenrola no clima árido do deserto do Norte de África.

Sob um ambiente de aparente calma, este conjunto de fotografias (ver anexos – Figura 13) pretende dar a entender que a batalha acabou de terminar, como mostra a fotografia central, acima, ainda com o fumo das munições disparadas. Restam os carros de combate destruídos e a imagem de prisioneiros ingleses, que se concentram em grande número, como ilustra uma das fotografias acima, do lado esquerdo⁸⁹.

Apesar disso, a propaganda publicada pelo Eixo continua a dar ênfase ao anti-Bolchevismo e à luta pela libertação dos territórios dominados pelo inimigo. Esta ideia é apresentada num pavilhão, em Bruxelas, onde se encontra uma grande comitiva que se reúne contra o inimigo bolchevique, apresentando como elemento esmagador da fotografia um enorme cartaz com um soldado soviético, espezinhando e destruindo uma cruz, mas também as armadas do Eixo prontas para enfrentar o «monstro»⁹⁰ (Figura 20).

Porém, o Eixo reconhece importância de se mostrar como uma unidade de países com objetivos em comum, alargando a sua propaganda às várias frentes de combate. Nesta reportagem fotográfica, *A Esfera* mostra quatro fotografias das várias frentes em que se debatem as forças do Eixo (Europa, África, América e Ásia) (ver anexos – Figura 14).

Na fotografia acima, à esquerda, está presente, perante a adversidade da guerra, a vontade e a determinação dos soldados alemães, visível nesta fotografia em que vigiam atentamente as possíveis avançadas do inimigo bolchevique na Frente Leste da Europa. Em África, as forças comandadas por Rommel encontram-se em teatro de guerra no contra-ataque contra as forças Aliadas. Na América do Sul, os submarinos do Eixo patrulham as águas e a marinha mercante americana, Na Ásia, as forças do Eixo, representadas pelo Japão, atuam em função de recuperar os territórios invadidos pelo

⁸⁸ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de janeiro de 1942, p. 19.

⁸⁹ Cf. *Signal*, fevereiro de 1942, pp. 6-7.

⁹⁰ Cf. *A Esfera*, 5 de fevereiro de 1942, p. 32.

inimigo pelo inimigo de demonstrar a sua supremacia para intimidar o adversário através do seu poderio militar (ver anexos – Figura 14)⁹¹.

Entretanto os Aliados mostram os avanços no Norte de África e no Mar Mediterrâneo levando a melhor face ao inimigo. Neste conjunto de fotografias (ver anexos – Figura 15) destacam-se quatro. A terceira fotografia em cima mostra o domínio da Grã-Bretanha nas embarcações à superfície e nos submarinos que, no Mediterrâneo, atacam de forma implacável. Esta fotografia mostra um resgate de naufragos de um submarino do Eixo destruído por um navio de guerra britânico.

Na primeira fotografia abaixo, Tobruk, cidade situada na península oriental da Líbia, vive num ambiente de aparente tranquilidade. Resguardados num posto improvisado de vigia, dois soldados ingleses leem as últimas publicações enviadas pela Grã-Bretanha, enquanto não soa a hora do combate.

A fotografia seguinte, em baixo, apresenta-nos uma missão militar inglesa na Frente Leste, que combatem ao lado dos seus camaradas Aliados. Esta fotografia mostra união entre os vários países Aliados, que se combatem em todas as frentes.

Mais uma vez em Tobruk, na terceira fotografia, em baixo, é significativo o sinal de destruição. Nesta fotografia, um templo em ruínas é visitado por dois militares britânicos que contemplam as imagens de santos que, milagrosamente, resistiram à destruição causada pelos bombardeamentos do inimigo.

Existe nestas fotografias uma ideia de vitória inevitável dos Aliados (ver anexos – Figura 15). Em algumas fotografias a aparente calma demonstrada pode ter como objetivo o de intimidar o inimigo. É visível na terceira fotografia acima uma demonstração de solidariedade para com o inimigo em perigo, apesar de ser uma maior demonstração de superioridade face ao inimigo⁹².

O Eixo apresenta uma ideia contrária. A ofensiva no Norte de África é dominada pelas suas tropas, dando a entender que a vitória está próxima.

Após quinze dias de uma violenta luta entre Aliados e Eixo, as tropas comandadas por Rommel bateram as tropas inglesas no Norte de África. Esta montagem fotográfica em forma de «V» apresenta uma Alemanha que se sente vitoriosa, mostrando vários episódios da ofensiva, desde cenas de combate no deserto a interrogatórios feitos aos prisioneiros (Figura 21).

⁹¹ Cf. *A Esfera*, 20 de fevereiro de 1942, pp. 16-17.

⁹² Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de abril de 1942, pp. 16-17.

Este conjunto de fotografias pretende demonstrar o poderio militar através das suas armas e dos seus homens. Devido a batalhas conquistadas ao inimigo pode concluir-se que o objetivo destas fotografias é dar a conhecer ao adversário a sua superioridade e assim intimidá-lo (Figura 21)⁹³.

Tal como o Eixo, os Aliados vão além da Europa e Norte de África. Desta vez destacam a presença de militares americanos no Pacífico. Pode destacar-se esse aspeto numa fotografia desta reportagem fotográfica, focando-se ainda o poderio militar (ver anexos – Figura 16):

Na fotografia central, em baixo, à direita, é realçada a importância dos EUA na guerra, demonstrando uma ideia de luta conjunta. Na ilha de Salomão, soldados fuzileiros americanos desembarcam para os barcos salva-vidas que os levariam à costa das ilhas no Pacífico. Esta grande operação na Oceânia tem como objetivo diminuir o domínio japonês no terreno. Ao mostrar esta fotografia, a *Mundo Gráfico* tenta transmitir a importância dos EUA na vitória dos Aliados, não só na Europa como no resto do mundo (ver anexos – Figura 16)⁹⁴.

A novembro de 1942, a vitória do 8.º Exército é cada vez mais evidente, saindo vitorioso na batalha de El-Alamein. As tropas de Montgomery e Rommel combatiam-se nesta altura. A 4 de novembro de 1942, os tanques da 22.ª Brigada de Blindados pertencente aos Aliados, atacam em força as tropas alemãs. Para além disso, as tropas Aliadas cortaram a linha de abastecimentos as tropas do Eixo, no trilho de Rahman. A 7 de novembro, Rommel atingiu Sollum, na costa egípcia e líbia. Doze dias depois, em El-Alamein, o 8.º Exército causou ao Eixo grandes perdas. Grande parte das suas tropas tinha sido morta, ferida, ou aprisionada, entre os 100 000 homens que combatiam no território, foram destruídos 450 tanques e cerca de 1000 armas. Os Aliados também registaram grandes baixas - cerca de 13 500 homens e 500 tanques, sendo que, 150 foram reparados.

Tal como mostra esta reportagem fotográfica, as tropas de Montgomery avançam contra as tropas do Eixo sem encontrar resistência (ver anexos – Figura 17). Poderosas cenas de guerra preenchem esta reportagem que mostrar o incrível poderio militar das tropas Aliadas contra Eixo e consequente vitória. As tropas inglesas fazem

⁹³ Cf. *A Esfera*, 5 de julho de 1942, pp. 16-17.

⁹⁴ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de outubro de 1942, pp. 21-22.

recuar o exército de Rommel que se rende, aparentemente, com pouco recurso à violência⁹⁵.

Neste conjunto (ver anexos – Figura 18) destaca-se a fotografia central acima. Apresenta o grande desembarque das Nações Unidas em Itália, iniciando, assim, a conquista de uma Europa livre do fascismo italiano e nazi. Segundo a *Mundo Gráfico* a operação de transição entre o Norte de África e a Europa correu da melhor forma para as tropas Aliadas. Atingem o domínio total do Mar Mediterrâneo.

Neste conjunto de fotografias destacam-se outros episódios no Norte de África, nomeadamente na Tunísia e em Argel onde ingleses e americanos combatem unidos contra as forças do Eixo (ver anexos – Figura 18). É cada vez mais clara a vitória Aliada. O objetivo destas fotografias é o de intimidar o inimigo e demonstrar o seu domínio e superior poderio militar no combate em várias frentes de combate⁹⁶.

Outro ponto alto na «Cruzada Anti-Bolchevique» é também salientada na propaganda do Eixo, no final do ano de 1942: A batalha de Estalinegrado. Em outubro de 1942, o 62.º Exército soviético, comandado por Vasili Chulkov, defendia Estalinegrado e sofria grande pressão por parte do 6.º Exército alemão. Quando, no fim de dezembro, o comandante do 6.º Exército, Von Paulus, viu os seus homens enfraquecidos devido à fome que sentiam, enviou um emissário por via aérea para dar a conhecer a Hitler as condições em que os seus soldados se encontravam. No entanto, Hitler ordenou que continuasse. No início do ano de 1943, as tropas alemãs viram-se cercadas e Von Paulus voltou a informar Hitler das condições em que viva o seu exército. Porém a resposta foi a mesma: continuar a combater até o último homem. No final de janeiro, o 6.º Exército rendeu-se, mas mesmo assim, resistiram até 2 de fevereiro, quando se viram cercados e sem munições⁹⁷.

Em pleno teatro ofensivo em Estalinegrado, a destruição toma conta da cidade, uma das mais importantes da URSS (Figura 22). Até este momento, a presença das tropas alemãs em Estalinegrado obtêm a situação que desejavam: a destruição do poder bolchevique.

Apesar de hoje se conhecer o verdadeiro resultado desta batalha, naquele instante, segundo esta reportagem fotográfica, apesar de a cidade não estar totalmente ocupada, a propaganda do Eixo afirmava que o poderio militar das tropas de Estaline começava a

⁹⁵ Cf. *Mundo Gráfico*, 15 de novembro de 1942, pp. 10-11.

⁹⁶ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de novembro de 1942, pp. 14-15.

⁹⁷ Macdonald (1994), *Grandes Batalhas da II Guerra Mundial*, p. 90.

perder forças depois da destruição de grandes oficinas de montagem, o que se diz que impediria a construção de novas armas (Figura 22). Esta batalha significaria para a Alemanha a libertação da Europa do terror bolchevique. Com esta reportagem fotográfica, as forças do Eixo pretendiam intimidar o seu inimigo com o seu poderio militar superior⁹⁸.

Com o resultado das várias frentes de combate, as forças Aliadas determinam 1942 como o ano da vitória. Os Aliados continuam a escolher, no Norte de África, a Tunísia como o principal cenário das suas reportagens fotográficas. As vitórias repetem-se, dia após dia, e as forças do Eixo estão cada vez mais fragilizadas. Travam-se combates diurnos e noturnos, vêem-se cada vez mais baixas por parte do inimigo. Esta reportagem fotográfica pretende demonstrar o superior poderio militar, com o objetivo de intimidar o inimigo e, assim, continuar o caminho da vitória e da liberdade dos povos dominados pelas tropas opressoras do Eixo⁹⁹ (Figura 23).

Lado humano da guerra

Mascotes

Neste ponto é visível a importância e a dedicação dada às mascotes de guerra, sendo o orgulho da sua bateria e a sua companhia nos momentos de maior adversidade – como se pode ver na fotografia em baixo à esquerda, em que um soldado alemão transporta às costas os cães mascotes da sua bateria (Figura 24). Tal como as suas mascotes, outros animais são adotados pelos militares. Como se pode ver na foto acima à esquerda, a dedicação dada ao burro que os acompanha, à direita o pequeno pássaro que é tratado carinhosamente por um piloto alemão, e ao veado que é carinhosamente acolhido com alguma curiosidade. Existe aqui a ideia de que a guerra é mais que destruição e que também é composta por episódios de boa disposição¹⁰⁰.

Solidariedade para com o inimigo

As forças do Eixo mostram tema de solidariedade ao demonstrar o auxílio demonstrado a um piloto inglês, resgatado do mar. Ao avistar o piloto em dificuldades, a embarcação alemã dirige-se para perto. O militar encontrava-se em perigo de vida e os seus inimigos auxiliaram-no, dando-lhe água para recuperar as suas forças (Figura 25).

⁹⁸ Cf. *A Esfera*, 20 de dezembro de 1942, pp. 16-17.

⁹⁹ Cf. *Mundo Gráfico*, 31 de dezembro de 1942, pp. 16-17.

¹⁰⁰ Cf. *A Esfera*, 5 de julho de 1942, p. 21.

Este conjunto de fotografias pretende transmitir a ideia de que a guerra não é apenas violência e destruição, mas também tem momentos de solidariedade¹⁰¹.

As forças Aliadas apresentam este tema através desta reportagem fotográfica, em que, apesar da forte presença de poderio militar, existe na terceira fotografia, acima, uma demonstração de solidariedade para com o inimigo (ver anexos – Figura 15). Após um ataque por parte de um navio britânico contra um submarino do Eixo, os tripulantes da embarcação inglesa socorrem dois náufragos que se encontravam no submarino que acabou por se afundar. Esta fotografia pretende demonstrar a capacidade de solidariedade para como inimigo, auxiliando-o quando se encontrava em dificuldades e a lutar pela sua sobrevivência¹⁰² (ver anexos – Figura 15).

Coragem de um povo

Para este tema existe, por parte do Eixo, a ideia de transmitir as boas intenções e solidariedade para com o povo conquistado, afastando a ideia de opressão e dando a noção de liberdade do seu povo. O seu objetivo principal é o de afastar a ideia de que a guerra é apenas violência e destruição.

A intenção da propaganda alemã é a de demonstrar o terror em que se vivia enquanto povo dominado pelo inimigo bolchevique, nomeadamente a fome. Em território lituano, um soldado alemão mostra a sua ação de solidariedade oferecendo alimento aos mais pequenos (ver anexos – Figura 8)¹⁰³.

Tanto nos países bálticos como no Leste da Europa, as tropas alemãs saem vitoriosas das batalhas em que se envolveram. Simbolizam assim, a libertação de um povo do domínio bolchevique (ver anexos – Figura 8).

Esta reportagem apresenta duas fotografias em dois locais distintos: na Lituânia e na Ucrânia (Figura 14). Na Lituânia, o povo derruba uma estátua de Estaline, assim que ocorre a vitória alemã. Na Ucrânia as tropas alemãs são gloriosamente recebidas, passando por debaixo de um arco decorativo construído pelos aldeões, improvisando um arco do triunfo.

¹⁰¹ Cf. *A Esfera*, 20 de março de 1942, p. 8.

¹⁰² Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de abril de 1942, pp. 16-17.

¹⁰³ Cf. *A Esfera*, 5 de agosto de 1941, p. 26.

Existe aqui a ideia de festa e libertação da opressão do inimigo e ameaça soviética. Discretamente, tenta também transmitir que se tratou de uma vitória pacífica, com pouco recurso à violência¹⁰⁴.

Para além da coragem, a ideia de solidariedade e libertação também estão presentes neste conjunto de fotografias (Figura 26). Todas as fotografias afirmaram que a presença dos alemães em território ucraniano é sinal de libertação desse povo que se encontrava subordinado ao poder bolchevique e que agora se emancipava. As ofertas aos alemães recém-chegados, como apresenta a fotografia central, são como uma forma de agradecimento por terem sido salvos, surgindo aqui uma ideia de festa e libertação.

O objetivo desta reportagem fotográfica é o de demonstrar a coragem do povo conquistado que se vê livre da opressão bolchevique (Figura 26). Surge também como uma forma de intimidar o adversário pela conquista de um território dominado pelo inimigo opressor¹⁰⁵.

Para as forças Aliadas, a coragem dos civis é também crucial para a vitória contra o Eixo. A terceira fotografia (ver anexos – Figura 16), acima, demonstra uma cidade europeia que oferece resistência aos invasores alemães que pretendem conquistá-la. Duas cidadãs vagueiam no meio dos edifícios em ruínas, com os seus pertences em malas, prontas para sair da cidade. A coragem dos habitantes desta cidade europeia é demonstrada através destas duas civis que, com todo o esforço partem para outro local¹⁰⁶ (ver anexos – Figura 16).

De inícios de 1943 a maio 1945 – O fim da guerra: Libertação ou «Libertação»

Em fins de 1942 o curso da guerra começa a mudar o seu rumo e a sua sorte para o lado dos Aliados em batalhas como a de Estalinegrado e a de El-Alamein. Com isto, a crença na invencibilidade alemã é posta em causa e a convicção na vitória aliada surge, pois os Aliados avançam cada vez mais do Norte de Africa, na Frente Leste e Sul e no Noroeste Europeu, com destino à Alemanha. A atividade do regime português transforma-se e adapta-se à mudança, assim como os propósitos ingleses e alemães, no que toca às suas ações de propaganda.

O peso dos acontecimentos ocorridos no conflito era sentido de duas formas distintas: por um lado, o regime português temia que a URSS expandisse o comunismo

¹⁰⁴ Cf. *A Esfera*, 20 de julho de 1941, p. 19.

¹⁰⁵ Cf. *A Esfera*, 20 de agosto de 1941, p. 19.

¹⁰⁶ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de outubro de 1942, pp. 16-17.

pela Europa e destruísse a cultura cristã. Neste caso é apresentada uma forte crítica aos métodos usados pelos norte-americanos para estabelecer a ordem com a intenção de desvalorizar a ideia de democracia trazida pelos Aliados. Antecipam assim uma Europa condenada à opressão capitalista e uma ideia de falsa libertação. Por outro lado, esperava colaborar com os restantes Aliados e demonstrar que os ideais nacionalistas que se viviam em Portugal não se baseavam em princípios falsos.

Esta mudança causou dúvidas em relação à permanência do regime em Portugal, devido à derrota eminente dos regimes fascista e nazi. No entanto o regime permaneceu, sendo este um fator indispensável para defesa dos interesses coloniais e de estabilidade na Europa pós-guerra.

Poderio militar – Libertação e «Libertação» da Europa e o fim da guerra: As vitórias dos Aliados e a resistência germânica

Nesta fase os Aliados mostram-se cada vez mais confiantes na vitória contra o inimigo através das diversas conquistas e da coragem dos seus soldados. Este conjunto de imagens apresenta como título «A marcha da vitória» (ver anexos – Figura 19). O tema principal é a libertação da Europa e a dissolução do inimigo opressor. No entanto, existe também a ideia de intimidar o adversário através do seu poderio militar. Ao demonstrar a sua supremacia, as forças aliadas sublinham a inevitável vitória¹⁰⁷.

Na seguinte reportagem, as quatro fotografias acima do título, fazem um todo (Figura 27). Todas transmitem uma mensagem de conquistas feitas com grande coragem demonstrada por militares e civis que lutavam pela sua liberdade. Até este momento, as reportagens fotográficas com imagens mais chocantes consistiam em destroços causados por bombardeamentos. Agora é possível ver que a propaganda Aliada se torna mais dinâmica, passando de ação pacifista e discreta para uma ação mais agressiva¹⁰⁸.

Entretanto, o Eixo não baixa os braços. Mostra-se determinado em sair vitorioso da guerra. Para demonstrar isso, nesta fotografia as forças do Eixo apresentam a sua mais recente arma para combater o inimigo e proteger os seus (Figura 28). É apresentada um novo modelo de carro de combate: o *Tanque Tigre*. Segundo a reportagem apresentada, este carro de combate caracterizava-se pela sua potência e com

¹⁰⁷ Cf. *Mundo Gráfico*, 15/3/1943, pp. 16-17.

¹⁰⁸ Cf. *Mundo Gráfico*, 15/5/1943, p. 22.

um poder de perfuração que ultrapassa qualquer arma do inimigo. Destaca-se também a sua velocidade e a capacidade de se deslocar em qualquer terreno.

Esta fotografia tem o objetivo de intimidar o inimigo e de mostrar a sua supremacia ao exhibir novas armas. Pretende também impor-se e afirmar que não se renderá com facilidade.¹⁰⁹

Entre 1943 e 1944 decorreu a Campanha Italiana. Também conhecida como Operação Husky, a missão dos Aliados era a conquista da Sicília. Durante sete semanas o 7.º Exército comandado por Patton avançou pela costa Oeste a fim de tomar Palermo e o 8.º exército pela costa a Este, com destino ao Monte Etna. A conquista de Itália até Roma durou nove meses. A Campanha Italiana pôs fim ao fascismo e fez com que Hitler perdesse o seu principal aliado e ocupou os territórios onde o exército alemão se encontrava¹¹⁰.

Na seguinte fotografia, é apresentado o principal objetivo nesta fase da guerra: o fim do nazismo e do fascismo italiano.

Nesta reportagem fotográfica, as tropas Aliadas dirigem-se para libertar a Sicília das mãos do fascismo (ver anexos – Figura 20). O título «A dissolução do fascismo» dá de imediato a ideia de libertação do inimigo opressor. Existe também a ideia de festa pela vitória Aliada, dando a entender que esta é a melhor das notícias.

Também apresenta sinais de poderio militar e de superioridade face ao inimigo, no que toca a homens e armas. Dá assim a entender a vitória inevitável dos Aliados. Por estas razões, o objetivo desta reportagem fotográfica é de intimidar o adversário (ver anexos – Figura 20)¹¹¹.

Enquanto isso, o Eixo ataca contra os Aliados através da religião. Neste conjunto de fotografias a catedral de Colónia encontra-se reduzida a escombros devido aos bombardeamentos dos Aliados (ver anexos – Figura 21). Existe aqui uma ideia de falsa libertação. As forças do Eixo acusam os Aliados de tentar demolir a cultura cristã e que a sua vitória representaria a destruição da Europa cristã¹¹².

No final do ano de 1943, os Aliados reforçam a ideia de coragem dos seus militares. Neste conjunto de fotografia (Figura 29), para além das demonstrações de poderio militar e supremacia face ao adversário, a reportagem destaca-se uma das

¹⁰⁹ Cf. *A Esfera*, 20/7/1943, p. 9.

¹¹⁰ Davies, Norman, *Europa em Guerra 1939-1945*, pp. 134-135.

¹¹¹ Cf. *Mundo Gráfico*, 15 de agosto de 1943, pp. 12-13.

¹¹² Cf. *A Esfera*, 5 de agosto de 1943, pp. 6-7.

fotografias centrais, em baixo, em que um militar inglês está rodeado de crianças órfãs, segurando um deles ao colo numa pose heroica e de dever cumprido¹¹³.

Num todo, este conjunto de fotografias (ver anexos – Figura 22) ilustra a chegada dos militares das forças Aliadas ao Norte de França, Neste caso, o poderio militar é tema central. Homens deslocam-se com todos os recursos com o objetivo de libertar a Europa do fascismo.

O objetivo desta campanha, de propaganda foi o de demonstrar a supremacia dos Aliados, com o fim de intimidar o adversário. Sendo assim, a vitória do conflito armado por parte dos Aliados seria inevitável¹¹⁴.

No entanto, a propaganda inglesa mantém-se também como forma de resposta à propaganda feita pelo Eixo, ao usar uma frase proferida por Goering no início da guerra: «Nenhum avião sobrevoará o território do Reich» (Figura 30). Destaca-se mais uma vez o poderio militar superior quando o piloto inglês exhibe no seu avião o número de bombas largadas em território inimigo como troféus e vitórias de guerra. É assim reforçado o objetivo de intimidar o inimigo, assim como a destruição do mesmo¹¹⁵.

É em julho de 1944 que os Aliados exibem a sua mais forte ação de propaganda apresentando a sua principal vitória: a batalha da Normandia. A 6 de junho de 1944, deu-se a invasão na Normandia, na praia de Omaha – Dia D – por parte da 1.ª Divisão de Infantaria Norte-Americana com o objetivo de derrubar as tropas do da 352.ª Divisão de Elite Alemã. No entanto, a resistência dos alemães foi mais forte do que se esperava por parte dos americanos, de tal modo que se considerou a sua retirada. A 9 de julho de 1944 as forças alemãs foram travadas pelos ingleses e canadianos. A 22 de Agosto de 1944, as tropas alemãs renderam-se. Desta campanha resultou na libertação de França do domínio nazi em dezembro de 1944¹¹⁶.

Esta fotografia é uma demonstração de poder de destruição do inimigo, com a exibição dos capacetes e armas do inimigo, como troféus de guerra. No entanto, esta fotografia (Figura 31) tem mais uma interpretação: nesta imagem está representada a ideia de guerra indesejada. Apesar da vitória, não se deixa de fazer o luto pelos mortos em combate. Quer apoiantes, quer inimigos, como é possível ver a expressão de pesar do militar das forças Aliadas perante a enorme pirâmide e capacetes alemães¹¹⁷.

¹¹³ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de novembro de 1943, pp. 16-17.

¹¹⁴ Cf. *Guerra Ilustrada*, fevereiro de 1944, p. 8.

¹¹⁵ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de maio de 1944, p. 7.

¹¹⁶ Macdonald (1994), *Grandes Batalhas da II Guerra Mundial*, pp. 128-147.

¹¹⁷ Cf. *Mundo Gráfico*, 15 de julho de 1944, p. 7.

Entretanto, o Eixo mostra mais uma vez que recusa admitir uma possível derrota e para o comprovar, a propaganda alemã não desiste de exibir o seu poderio militar, apesar da perda de território para o inimigo. Desta vez fá-lo através da exibição de novas armas no quinto ano de guerra (ver anexos – Figura 23). Esta foi a forma de demonstrar ao inimigo que as forças do Eixo nunca desistiram da vitória, com o objetivo de intimidar o inimigo. Agora que a guerra entrou no seu capítulo final, com um final desconhecido, a Alemanha relembra que no campo da ciência foi sempre quem mais se destacou¹¹⁸.

Por sua vez, os Aliados demonstram as suas ações de libertação da Europa. Nesta reportagem fotográfica abaixo do título é possível ver confrontos armados dentro e fora das cidades, militares das forças do Eixo caídos no chão, gravemente feridos e feitos prisioneiros. A libertação de França do regime nazi é cada vez mais um fato consumado assim como a admiração dos civis pelos Aliados. A fotografia à esquerda, em cima do título, mostra civis que aguardam ansiosamente pela libertação. Mostra também a simpatia demonstrada para com os militares ingleses da RAF.

A vitória está cada vez mais perto e a fotografia que melhor demonstra essa ideia é a terceira fotografia a contar da esquerda, em que os principais militares vencedores das várias batalhas se encontram em Paris com o Arco do Triunfo como plano de fundo, dando a entender que a vitória Aliada seria um ato já consumado (ver anexos – Figura 24).

O objetivo desta campanha, de propaganda foi o de exibir a supremacia dos Aliados, com o fim de intimidar o adversário. Sendo assim, a vitória do conflito armado por parte dos Aliados seria inevitável¹¹⁹.

No final do ano de 1944, o Eixo apresenta-se cada vez mais fraco. Assim, apresenta uma das suas últimas armas para denegrir o adversário. Neste conjunto de fotografias, apresentam-se as duas faces da guerra. As forças do Eixo apresentam aqui as duas versões de Libertação.

Na versão dos Aliados, como ilustra a fotografia na página 16 (Figura 32), a sua campanha para a democracia decorria pacificamente e foi recebida em festa. Porém, para as forças do Eixo a realidade era muito diferente: Como mostra na página 17 (Figura 32), nas ruas viram-se perseguições, roubos e violência. Com esta seleção de fotografias, é pretendido demonstrar a ideia de falsa libertação e que uma vitória dos

¹¹⁸ Cf. *A Esfera*, 20 de julho de 1944, pp. 18-19.

¹¹⁹ Cf. *Mundo Gráfico*, 15 de setembro de 1944, pp. 10-11.

Aliados provocaria a destruição da Europa que estaria condenada à opressão (Figura 32). Existe portanto a ideia de desvalorizar a ideia de liberdade e democracia trazida pelos Aliados¹²⁰.

Apesar da perda de territórios, o Eixo recusa render-se ao inimigo, apresentando o seu poderio militar. Este conjunto de fotografias tem como objetivo demonstrar a resistência germânica face aos acontecimentos da guerra (ver anexos – Figura 25). Para provar o poderio da sua resistência, é apresentada a sua força militar, com os seus homens e armas com fim de intimidar o inimigo e de demonstrar a sua supremacia. Com a demonstração de novas armas no final da guerra, esta reportagem fotográfica deixa a mensagem de que a Alemanha não renderia facilmente¹²¹.

O Eixo apresenta também os principais perigos para a Europa no caso de vitória das forças Aliadas. Nesta reportagem fotográfica destaca-se no título a URSS como principal inimigo opressor. Este conjunto de fotografias pretende também demonstrar que uma vitória dos Aliados traria o comunismo à Europa Ocidental, destruindo assim a sua cultura e identidade (ver anexos – Figura 26). Existe, portanto, a ideia de falsa libertação, pois a população indefesa, desde crianças a idosos, foge àquele que se dá como o vencedor do conflito armado¹²².

Nesta reportagem fotográfica, os métodos utilizados pelos EUA são criticados (Figura 33). Segundo *A Esfera*, os EUA usavam a violência para instaurar da pior forma a ordem e a estabilidade no mesmo país. O mesmo acontecia em toda a Europa e a fotografia do lado esquerdo em baixo, que apresenta um soldado americano armado a vigiar dois mineiros alemães, enquanto trabalhavam forçadamente.

Este conjunto de fotografias transmite uma ideia de falsa libertação e que uma possível vitória dos Aliados provocaria a destruição da Europa. Sendo assim, a Europa estaria condenada à opressão, fome e miséria¹²³.

Para provar a invencibilidade do Eixo, *A Esfera* relembra o passado¹²⁴. Recorda a Batalha de Dunquerque e consequente capitulação de Paris. A mensagem transmite o lado negro de uma possível vitória dos Aliados. A fome e a pobreza tomam proporções preocupantes que fazem com as forças do Eixo sintam a missão de as mostrar publicamente (Figura 34).

¹²⁰ Cf. *A Esfera*, 20 de outubro de 1944, pp. 16-17.

¹²¹ Cf. *A Esfera*, 5 de janeiro de 1945, pp. 16-17.

¹²² Cf. *A Esfera*, 5 de fevereiro de 1945, pp. 16-17.

¹²³ Cf. *A Esfera*, 5 de março de 1945, p. 9.

¹²⁴ Cf. *A Esfera*, 5 de setembro de 1940, p. 4.

Pretendem assim demonstrar, através de fotografias publicadas anteriormente, uma ideia de falsa libertação por parte das intenções dos Aliados. Sublinham mais uma vez que a vitória dos Aliados traria uma opressiva ditadura capitalista disfarçada de democracia¹²⁵ (Figura 34).

Apesar de todas as ações da propaganda do Eixo, os Aliados continuam a anunciar a sua vitória, facto que acabou por se confirmar em maio de 1945. Em inícios de 1945, o III Reich encontrava-se à beira do colapso. As tropas Aliadas dirigiam-se a Berlim com o objetivo de forçar a rendição dos Alemães, tomando a cidade pelo Ocidente – pelos Norte-Americanos – e pelo Oriente – pelo Exército Vermelho. O ataque soviético a Berlim iniciou-se na manhã de 26 de abril de 1945, porém, a resistência alemã foi feroz. A 30 de abril dirigiram-se as tropas soviéticas até ao Reichstag, fixando um deles a bandeira Vermelha numa coluna da fachada principal.

A 25 de abril, as tropas americanas iniciaram a sua ofensiva alcançando Postdam até encontrar a capital do III Reich prestes a sofrer um colapso total. No dia 2 de maio, os 2500 sobreviventes das tropas alemãs renderam-se perante a força esmagadora das forças Aliadas que cercaram a cidade¹²⁶.

Neste conjunto de fotografias, com o título «Agora é o fim», o tema central é a Libertação da Europa (ver anexos – Figura 27). Aqui está também inserido o poderio militar que através da demonstração da sua supremacia. Tem o objetivo de intimidar o seu adversário e sublinhar a vitória inevitável dos Aliados na reta final do conflito. Mais uma vez surge fotografias de militares inimigos mortos em combate enquanto os soldados das forças Aliadas avançam para mais uma vitória¹²⁷.

O título «É o final!» mostra a derradeira batalha que marcou o fim da guerra na Europa (ver anexos – Figura 28). Soldados das forças Aliadas e do Eixo defrontam-se em Berlim e os primeiros mostram os seus recursos a armas, demonstrando os locais da cidade os locais conquistados e onde existiam confrontos¹²⁸.

Lado humano da guerra

A coragem de um povo

Nesta última fase, ambos os beligerantes apresentam exemplos de coragem dos seus civis perante a guerra. A fotografia em baixo apresenta as boas intenções da

¹²⁵ Cf. *A Esfera*, 20 de março de 1945, p. 5.

¹²⁶ Macdonald (1994), *Grandes Batalhas da II Guerra Mundial*, p. 180.

¹²⁷ Cf. *Mundo Gráfico*, 15 de abril de 1945, pp. 15-16.

¹²⁸ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de abril de 1945, pp. 10-11.

propaganda Aliada. É clara a ideia de festa e libertação. Para esta mulher francesa que abraça um dos soldados momento retratado que se vê que a vitória, apesar de se demonstrar difícil, valeu a pena e esta fotografia que é destacada transmite isso mesmo¹²⁹ (Figura 27).

Nesta reportagem, na fotografia central, em baixo, é demonstrado o lado humano da guerra através da coragem demonstrada pelos órfãos de Berlim que aguardam o final da guerra (Figura 29). Outra manifestação de coragem é a do militar inglês que age com o fim de proteger os mais fracos das adversidades da guerra, dando a entender a ideia de que esta foi uma guerra indesejada¹³⁰.

Quanto à propaganda do Eixo, nestas fotografias pretende-se mostrar o lado humano da guerra através da coragem dos civis perante as adversidades da guerra e dos bombardeamentos. Nestas fotografias (Figura 35) é possível ver a coragem dos civis vagueando pelas ruas de Berlim reduzida a escombros. No entanto, apesar do terror aéreo, a vida continua¹³¹.

Apresentam também um exemplo nesta reportagem fotográfica em que se destaca uma fotografia (ver anexos – Figura 25). Mostra o quotidiano rural na Alemanha, em que dois agricultores lavram a terra pacificamente por acreditarem numa vitória alemã no conflito. Mostra a coragem de um povo perante as adversidades da guerra¹³².

Num outro exemplo de coragem dos civis, destaca-se no título desta reportagem fotográfica a URSS como principal inimigo opressor (ver anexos – Figura 26). Apesar disso, a população dos países próximos da URSS desloca-se em massa para um local seguro. Sendo assim, este conjunto de fotografias mostra a coragem de vários povos, povos esses que não têm outro remédio se não o de abandonarem a sua terra e refugiar-se noutros países¹³³.

Solidariedade

Nesta fotografia, capa da revista *Signal*, dois oficiais britânicos são resgatados para terra, estando um deles ferido, foi auxiliado por um marinheiro português. Apesar

¹²⁹ Cf. *Mundo Gráfico*, 15 de maio de 1943, p. 22.

¹³⁰ Cf. *Mundo Gráfico*, 30 de novembro de 1943, pp. 16-17.

¹³¹ Cf. *A Esfera*, 20 de janeiro de 1944, pp. 16-17.

¹³² Cf. *A Esfera*, 5 de janeiro de 1945, pp. 16-17.

¹³³ Cf. *A Esfera*, 5 de fevereiro de 1945, pp. 16-17.

de Portugal não ser um país beligerante, ao encontrar dois marinheiros em perigo presta auxílio numa ação de solidariedade.

A *Signal* mostra aqui a solidariedade para com o inimigo, mesmo não se tratando de um representante das forças do Eixo, demonstra uma ação de socorro desinteressada a quem se encontra em perigo de vida¹³⁴ (Figura 36).

Para representar o tema de solidariedade, os Aliados apresentam os civis que prestam o seu auxílio aos militares. Na terceira fotografia, acima, uma mulher francesa auxilia um soldado inglês ao dar-lhe água para matar a sede provocada pela pólvora (ver anexos – Figura 24). Esta fotografia mostra o favoritismo da população francesa pelos militares das forças Aliadas, prestando ajuda aos militares ingleses e americanos. Independentemente do perigo iminente devido ao fogo cruzado em teatro de guerra, a mulher sai de casa para socorrer o soldado em dificuldades. Esta fotografia representa a apoio dado por parte dos civis às tropas libertadoras, essencial para a vitória das forças Aliadas¹³⁵.

Por último, *A Esfera* relembra o passado. Relembra Batalha de Dunquerque e consequente capitulação de Paris. Nesta reunião de fotografias publicadas no início da guerra é possível reaver a fotografia da criança francesa alimentada por um militar alemão¹³⁶ (Figura 9 e 34).

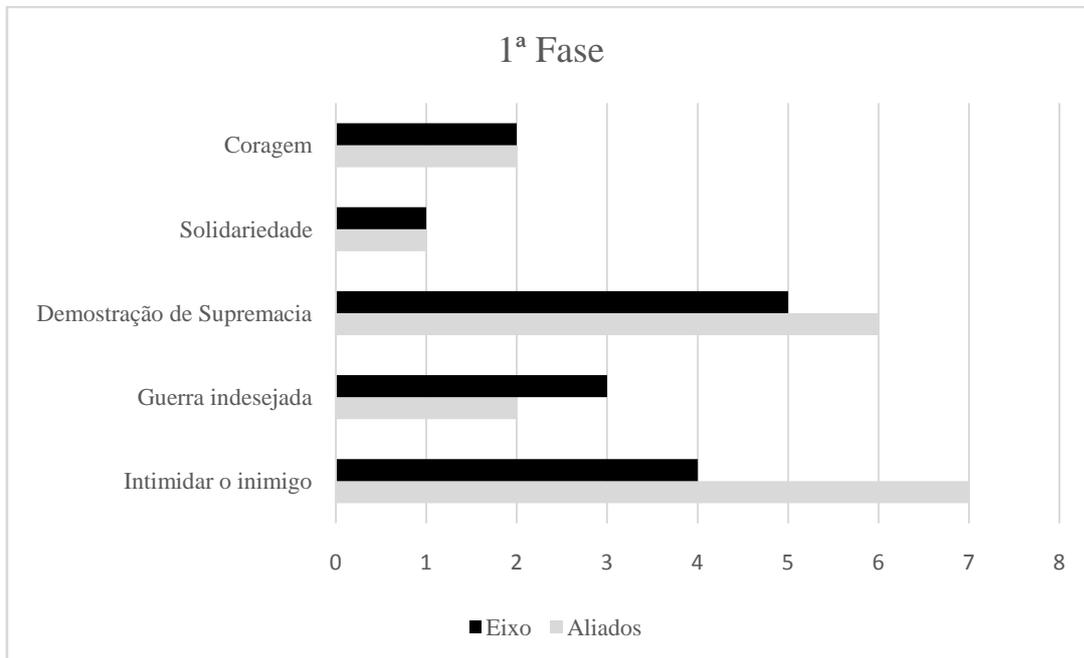
¹³⁴ Cf. *Signal*, dezembro de 1943, p. 1.

¹³⁵ Cf. *Mundo Gráfico*, 15 de setembro de 1944, p. 11.

¹³⁶ Cf. *A Esfera*, 5 de setembro de 1940, p. 4 (Imagem inserida na primeira fase); *A Esfera*, 20 de março de 1945, p. 5

Uma análise quantitativa das fotografias

1.ª Fase



Poderio militar

Existe nesta fase um equilíbrio de forças. O objetivo de demonstração de supremacia é muito próximo a nível da sua dimensão e objetivos. As intenções de mostrar maior poder militar, a sua dimensão humana e de fabrico de artilharia, para reunir mais apoiantes através da sua capacidade de combate.

Os Aliados fazem grande destaque ao objetivo de intimidar o inimigo, sendo base da sua propaganda ao responder à propaganda lançada pelo Eixo, principalmente com a amostra de fotografias de resistência.

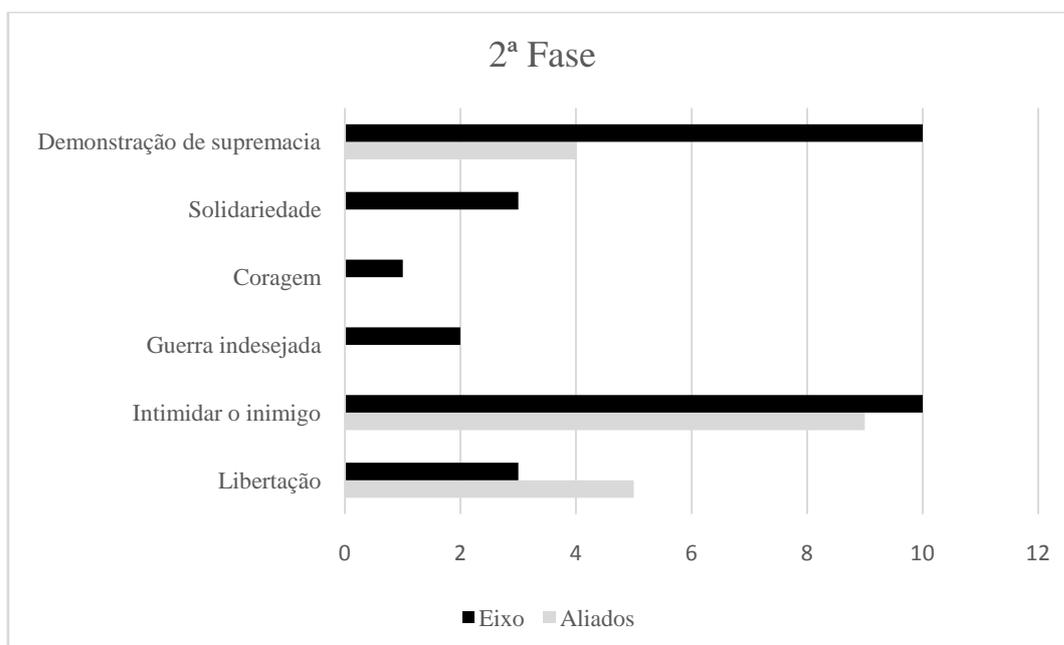
Lado humano da guerra

Fase muito equilibrada com demonstrações de ambos os beligerantes, tanto de episódios de coragem, como de solidariedade. A estes dois temas está ligada a intensão de demonstrar a ideia de que a guerra é um acontecimento não desejado por ambos.

No caso de guerra indesejada pode considerar-se que está presente em todas as manifestações apresentadas. Ambos os beligerantes afirmam que se viram forçados a se armar para combater, muitas reportagens fotográficas têm fotografias que sugerem esse

tema ao mostrar imagens de feridos de guerra, de civis que se encontram nas cidades sob a guerra, de soldados feridos em combate e imagens de destruição.

2.^a Fase



Poderio militar

Nesta fase existe uma tentativa de demonstração de supremacia por parte do Eixo e consequente intenção de intimidar o inimigo. Apresentam quase na totalidade fotografias sobre as ações na Frente Leste e em menor número noutras frentes de combate. Sendo a Frente Leste, ou a Cruzada Anti-Bolchevique, a sua mais importante missão nesta fase da guerra, ao mesmo tempo mostram os apoiantes da sua causa.

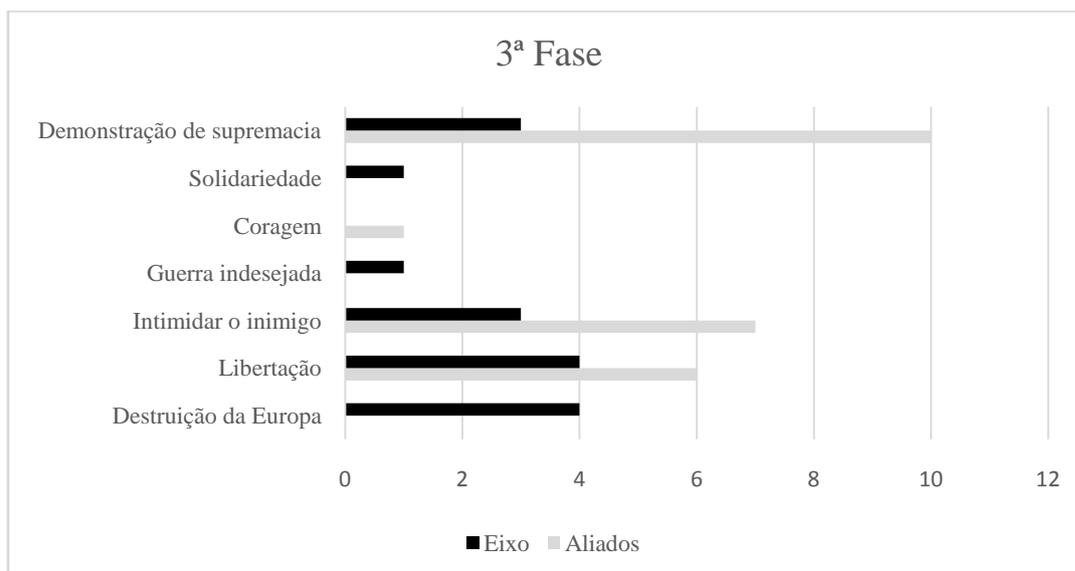
Os Aliados concentram a energia para explodir no final da fase, em finais de 1942. Neste momento, as repetitivas vitórias fazem com que os Aliados ganhem confiança e acreditem na sua vitória, querendo, consequentemente, reunir simpatizantes para que acreditem também na sua vitória.

Lado humano da guerra

O Eixo destaca-se na intenção de mostrar os males causados pelo domínio bolchevique faz com estes aspetos sejam mais tocados pelas forças do Eixo. A demonstração de guerra indesejada e libertação aparecem ligadas, sendo a primeira uma fatalidade e a segunda uma conquista.

Também os Aliados fazem referência à libertação. Já no final da fase, após a vitória do 8.º Exército, as tropas Aliadas começam a dirigir-se do Norte de África para a Europa, iniciando, assim, o caminho para a libertação da Europa do domínio fascista.

3.ª Fase



Poderio militar

Os Aliados dominam esta fase no que toca à demonstração de supremacia e intenção de intimidar o adversário com fotografias das suas conquistas. Dão a entender que seja cada vez mais possível a sua vitória no conflito. Com as suas demonstrações as fotografias apresentadas, intensifica-se a missão de dissolver o fascismo da Europa.

No caso das forças do Eixo, estes objetivos apresentados pelas fotografias, constam na apresentação de novas armas. Com estas demonstrações dariam a ideia de não se renderiam facilmente, pelo contrário, fabricavam novas armas, mais poderosas, para continuar o conflito armado até à vitória.

Lado humano da guerra

No que toca ao objetivo libertação, ambos os beligerantes apresentam-na de formas diferentes:

O Eixo defende que se trata de uma falsa libertação e conseqüente destruição da Europa pelo Capitalismo e falsa Democracia, vinda dos EUA e da Inglaterra e o retorno

da opressão bolchevique. Os Aliados apresentam o objetivo libertação como o fim do domínio do fascismo e o fim da guerra.

Juntos, estes vários pontos, relacionados com o objetivo Libertação são apresentados de igual forma, no que toca ao número de fotografias analisadas com este objetivo.

Numa época de final de guerra em que o cenário é de destruição, é também importante salientar a adversidade em que os civis vivem devido aos bombardeamentos. A coragem de sair dos seus abrigos para se descolar para outro local, ou para acudir alguém em dificuldades, é aqui salientada. Os objetivos solidariedade e guerra indesejada existem por parte das forças do Eixo quando, em jeito de lamentação relembram a fotografia dos dois soldados alemães a alimentar uma criança francesa, ainda na primeira fase.

O que falta nas fotografias?

Para este ponto a análise será realizada a partir dos princípios elementares da propaganda de guerra sintetizados pela autora Anne Morelli. Esta foi a forma encontrada para melhor interpretar os elementos ausentes nas fotografias e as medidas da propaganda de guerra que foram adotadas pelos beligerantes. Assim, reuni os princípios que mais se identificam com as mensagens e os objetivos transmitidos pelas fotografias e as realidades que foram omitidas pelos beligerantes.

Nós não queremos a guerra/O campo adversário é o único responsável da guerra

É na primeira fase da guerra que são mais visíveis as provas de que os dois beligerantes não queriam a guerra. Ambos os beligerantes culpam o adversário, que os forçou a combater. Querem assim demonstrar que se viram sem outro remédio do que iniciar uma luta armada, tentando aniquilar o inimigo que iniciou a guerra.

No entanto, a guerra aconteceu. A guerra teve lugar, fizeram-se alianças e armaram-se os exércitos para combater, apesar de todas as consequências que pudessem surgir contra o seu povo. Mais tarde mostram fotografias de demonstração de coragem do seu povo, que se vê mergulhado numa guerra terrível, supostamente causado pelo inimigo.

Defendemos uma causa nobre e não interesses específicos

O Eixo invade a Frente Leste para destruir o bolchevismo e eliminar uma Inglaterra colonizadora. A Inglaterra apresenta a intenção de dissolver o fascismo na Europa e de travar os avanços de Hitler.

Será que as suas intenções são reais? A verdade é que os seus interesses não são apenas esses. São sobretudo disputas territoriais. Enquanto o Eixo quer o domínio de toda a Europa e Norte de África, os Aliados manifestam o seu interesse em manter as suas colónias.

O inimigo provoca conscientemente atrocidades; se nós cometemos erros, é involuntariamente

Este princípio é mais visível no campo do Eixo. Na «Cruzada anti-Bolchevique», o Eixo mostra as atrocidades cometidas pelos bolcheviques por cada território conquistado. Retratam a sua chegada como sendo uma festa por parte dos populares perante a chegada dos militares das forças do Eixo. No entanto, são conhecidas as deportações para os campos de concentração, principalmente de prisioneiros soviéticos e judeus. Nos dois lados da guerra, em especial no Norte de África, são bastantes as fotografias de carros de combate destruídos e abandonados no deserto e, na Europa, cidades em ruínas.

Dão assim a entender com estas fotografias que a destruição foi uma fatalidade e consequência da agressão do inimigo, sendo obrigados a defenderem-se. Sabendo que numa guerra total não se olha a meios para aniquilar o inimigo, especialmente neste conflito em que nem os civis – adultos e crianças – foram poupados. Sabendo que as atrocidades cometidas nesta guerra não foram apenas acidentes.

Sofremos muito poucas perdas, as perdas do inimigo são enormes

O uso deste princípio nestas fotografias é provavelmente para reunir mais simpatizantes para a sua causa, através da intenção de demonstrar supremacia militar, que faz grande parte dos objetivos apresentados pelos beligerantes.

Existe uma grande tendência em demonstrar a destruição do lado inimigo, muitas vezes passado ao lado a sua própria, ou então em dimensões mínimas e quase sempre com o intuito de mostrar que as baixas não são tantas quanto as do inimigo. Porém, as estatísticas da guerra mostram que ambos os lados sofreram baixas muito numerosas.

A nossa causa tem um caráter sagrado

Para o Eixo, o seu objetivo é o de travar o controlo que o bolchevismo tinha na Europa e acabar com os interesses das falsas democracias europeias, assim como a destruição da cultura liberal. Principalmente no caso do combate contra o bolchevismo a sua causa tem um caráter sagrado, sendo encarado como uma cruzada, a «Cruzada Anti-Bolchevique», definindo-o como principal inimigo, apesar da aliança que mantinham no início da guerra.

Os Aliados apresentam o objetivo de travar o avanço de Hitler que está a causar a destruição da Europa. Neste sentido, mostram a vontade de aniquilar o regime nazi e fascista italiano que aterroriza o continente europeu.

Ambos os beligerantes defendem que a sua causa é de caráter heróico e que iria salvar a Europa da opressão e destruição. No entanto, as disputas territoriais eram os principais objetivos dos dois lados, assim como a intenção de destruir o inimigo a todo o custo.

Os dois lados beligerantes em confronto

Guerra Indesejada e Libertação

A demonstração de Guerra Indesejada surge sobretudo na primeira fase da guerra. Aparece como sendo uma inevitabilidade, um acontecimento que o adversário provocou, sendo que não existe outro remédio senão lutar para defender a sua identidade e lutar pela liberdade.

A Libertação surge em resultado da Guerra Indesejada, mostrada na primeira fase da guerra. Ambos os beligerantes querem devolver a liberdade e a identidade aos povos conquistados pelo inimigo e ao seu território inclusive.

É na segunda fase que este tema se introduz na propaganda, aquando do início da avançada da Alemanha na Frente Leste. A ideia de libertar os territórios ocupados pelos bolcheviques é considerada uma obra equivalente a «uma guerra-santa para defender a cultura europeia contra a barbárie bolchevista¹³⁷». Intitula-se, assim, de «Cruzada Anti-Bolchevique», ou seja uma missão sagrada em luta pela liberdade europeia.

¹³⁷ Cf. *A Esfera*, 5 de agosto de 1941, p. 14.

Não tão intensamente, pelo menos no início da segunda fase, a Inglaterra, demonstra as primeiras grandes vitórias contra o fascismo. Sobretudo no Norte de África e Mediterrâneo, assim como a entrada dos EUA na guerra, para a Inglaterra estes acontecimentos representam a grande reviravolta na guerra, chegando a determinar o ano de 1942, como o ano da vitória.

É na terceira fase da guerra que o tema da Libertação está presente em todas as fontes fotográficas consultadas. No entanto, o significado de Libertação não é abordado da mesma forma. Apesar de ambos os beligerantes afirmarem a libertação da Europa como um passo determinante para o futuro do Continente, a Inglaterra, em vantagem para sair vitoriosa da guerra, entende a libertação como uma vitória sobre o fascismo e o fim do terror causado por este regime político que tanto ameaçava a Europa.

Já a Alemanha, ao ver a sua situação piorar, argumenta que uma vitória dos Aliados seria um sinal de falsa libertação e o fim da Europa e da doutrina cristã, condenando-a à opressão.

Supremacia militar e intimidação do inimigo

Estes dois temas apresentam-se repetidas vezes em conjunto, sendo o segundo objetivo do primeiro. Este objetivo de intimidação do inimigo surge em várias reportagens fotográficas, fazendo passar para a opinião pública a ideia da supremacia de um lado e a impossibilidade do outro lado lhe fazer frente, estando, desta forma, a sua ação votada ao fracasso.

Outra questão importante, no que toca a estes dois temas, é a demonstração da existência de simpatizantes de cada beligerante, quer pela defesa da sua causa, como pela afinidade política, ou ainda por ser um território sob o seu domínio (como é o caso das colónias do Império Britânico), ou por ser contra o regime político de um beligerante (vários países, como a Roménia, são contra o bolchevismo, logo, defendem a causa que os enfrenta: o Eixo).

Estes dois temas encontram-se assim interligados. Querem defender a sua causa e enfraquecer o adversário através de demonstrações do poderio militar.

Solidariedade militar e prisioneiros

A diferença entre estes dois temas e a razão por se interligarem tem a ver com a intenção com que são publicadas as fotografias. Como já foi referido, esta análise divide-se em dois temas: poderio militar e lado humano da guerra. Ambos servem para

enaltecer o seu perfil, como sendo o mais poderoso, com melhor exército e recursos, mas também o mais solidário.

A amostra de prisioneiros após a sua rendição é símbolo da derrota do inimigo. Por consequência de uma luta armada, o vencedor exhibe os seus prisioneiros como troféus de guerra e comprova a sua superioridade.

Apesar de todas essas ações de propaganda de poderio militar, existe a necessidade de mostrar a sua solidariedade para com o inimigo. O seu objetivo é de reforçar a sua dignidade ao mostrar uma ação de não-violência para com o inimigo que tanto mal faz.

Regra geral, os casos de solidariedade para com o inimigo são referidos em episódios isolados, sem história, nem local e ocorrem após naufrágios ou acidentes de aviação. No caso de prisioneiros, estes aparecem quando se fala de uma vitória numa determinada batalha, sempre anexada a uma reportagem fotográfica em que o tema principal é o poderio militar e demonstração de supremacia.

Solidariedade civil e coragem civil

Nas fotografias apresentadas, vários são os exemplos de coragem do povo que se encontra num cenário de guerra. Apesar de todo este palco de destruição, atreve-se a sair à rua e levantar os olhos ao céu, de onde caem das bombas, a proteger as suas crianças e até a auxiliar soldados que necessitam de ajuda para continuar a combater.

Cada beligerante demonstra a coragem do seu povo, que tenta sobreviver aos ataques inimigos que não poupam homens, mulheres e crianças. Demonstram também a coragem do povo conquistado que se encontrava sob domínio do inimigo agora derrotado.

Mostra a esperança que no suceder dos acontecimentos. A ação de fugir e deslocar-se para territórios mais seguros também é considerado pelos beligerantes como um ato de coragem contra o inimigo opressor e impiedoso.

Parte V - Conclusão

Durante o período da guerra, Portugal tentou adotar uma política de neutralidade, atitude defensiva, que se afirmava ser a melhor forma de proteger a independência nacional. A declaração de neutralidade no início do conflito e o Pacto Ibérico de Não-Agressão inscrevem-se no conjunto dos momentos de afirmação e concretização da neutralidade. Porém, momentos de neutralidade colaborante foram visíveis, através da propaganda que cada vez mais se incluía no quotidiano dos portugueses. A presença das forças Aliadas no arquipélago dos Açores e a política económica, tendo como exemplo a exploração do volfrâmio, são também episódios de neutralidade colaborante.

O território português nunca foi invadido, no entanto, vivia com o receio de um iminente ataque por qualquer um dos beligerantes. Mesmo em colaboração com os respetivos beligerantes, estes viam vantagens em manter o território português neutro por razões geo-políticas e económicas, o que levou a que aqui desenvolvessem ações de propaganda.

Essa propaganda não foi bem recebida por parte do governo português, pois a neutralidade deveria ser mantida e esse aspeto era considerado como podendo por em causa a condição de neutralidade, pois influenciaria os portugueses a apoiar a causa com que se identificavam mais. Apesar dos esforços, a propaganda introduziu-se na sociedade e formaram-se grupos de opinião que a dividiram. Lisboa, apesar de não ter sido invadida militarmente, foi uma cidade que viveu intensamente a guerra, assistindo à chegada de milhares de refugiados, diplomatas e espiões.

A propaganda era publicada sem restrições. A sociedade portuguesa dividiu-se entre germanófilos e anglófilos, sentindo-se esta divisão nos mais variados serviços do Estado português.

Portugal era um território importante no que toca à sua posição geográfica. Era considerado pelos beligerantes o território que abria as portas ao mundo fora da Europa. Por isso, os beligerantes decidiram lançar em Portugal fortes ações de propaganda que se destinam não só à população portuguesa. Mas a todos os que passavam e permaneciam em território português.

A neutralidade colaborante portuguesa, e a entrada pouco limitada da propaganda dos beligerantes no território, permitiu aos beligerantes a publicação nos

vários meios de propaganda de referências às suas ações e opiniões. Com isto dividiu a sociedade portuguesa entre Anglófilos e Germanófilos, que defendiam afincadamente a sua causa.

No caso da propaganda apresentada em Portugal, os beligerantes pretendem construir uma imagem de que são os “Bons”. São salvadores do mundo que se arrisca a cair na miséria e opressão no caso de vitória do inimigo. Tentam sempre explicar que as suas intenções são as melhores e que merecem toda a confiança por parte dos seus cidadãos, através das justas e protetoras ações demonstradas para com os povos conquistados, ou em episódios de solidariedade para com o inimigo. Através das armas de propaganda, procuram dar solidez à sua causa. A propaganda demonstrada nas fontes em estudo escolheu não só atrair adeptos a partir da bondade das ações, mas também com o sentimento de guerra indesejada, de coragem e da defesa do seu território e dos seus habitantes.

As mensagens que transmitem são as de uma vitória inevitável, a defesa de que a sua causa é a mais nobre e que o inimigo tem como objetivo espalhar o terror, condenar o povo à opressão. A vitória traria, finalmente, a paz, atribuindo às suas campanhas um caráter sagrado.

Os beligerantes usam sobretudo a propaganda negra. Utilizam a manipulação para influenciar o público-alvo e levá-lo a defender a sua causa, usando pequenos títulos para introduzir uma mensagem direta com que pretendem denegrir o adversário com insinuações de que são os verdadeiros responsáveis pelos acontecimentos e pelo mal que estaria para vir caso vencessem o conflito. Tentam também intimidar o inimigo com a sua força militar. Pretendem mostrar uma única face da guerra – a sua – para encorajar os seus e querer mostrar que os objetivos do inimigo são apenas de destruição.

As fotografias retratam sobretudo cenas de guerra. Surgem soldados e os seus comandantes, as suas armas e os seus transportes – aviões, navios e carros de combate. Mostram também os civis – homens, mulheres e crianças – e animais como suas mascotes. As suas ações são sobretudo em posição de combate, em marcha. No entanto, agem também em auxílio para com o próximo, momentos de descanso entre batalhas e sentimentos de festejo e libertação.

No decorrer do período, pode-se notar que ambos os beligerantes têm o mesmo objetivo. No caso do Eixo (mais especificamente da Alemanha), na primeira fase realça a ideia de uma guerra indesejada. No entanto, os Aliados não teriam qualquer hipótese de alcançar a vitória devido ao seu poder, concretizado através dos seus submarinos e

aviões. É uma campanha dirigida mais diretamente à Inglaterra. As ações de propaganda vindas dos Aliados (mais concretamente da Inglaterra), até meados do ano de 1941, baseiam-se em demonstrar o poder da Royal Navy e da RAF. Reforça também a ideia de guerra indesejada.

A segunda fase a Campanha de Leste adquire um caráter «sagrado» com o objetivo de libertar os países dominados pela URSS de Estaline. Apresenta este tema como uma missão de Libertação da Europa. Nesta fase o Eixo não se refere apenas ao combate na Leste da Europa mas em todas as frentes, embora seja a Campanha de Leste a mais referida nas suas ações de propaganda. Quanto aos Aliados, estes também apresentam a sua campanha de libertação acentuando-a com a entrada dos EUA na guerra e, no final do ano de 1942, com as vitórias em El-Alamein e Estalinegrado, consideram este o ano da vitória dos Aliados.

Na terceira fase, o Eixo insinua que a liberdade trazida pelos Aliados era falsa e que a Europa seria dominada pelo capitalismo e, conseqüentemente, condenada à opressão. Apresenta novas armas no combate ao inimigo demonstrando que não se renderia. Na última fase, os Aliados anunciam repetitivamente as campanhas de libertação e reconstrução da Europa, que ocupam cada vez mais o lugar de destaque nas suas ações de propaganda, dando lugar às demonstrações do seu poderio militar.

No entanto, apesar de toda esta expressão de poderio militar, que mostrava homens e armas, as conquistas e a destruição do inimigo, a propaganda dos beligerantes baseou-se também num aspeto igualmente importante: o lado humano da Guerra.

Demonstra assim que a guerra não é apenas violência e destruição, mas também tem momentos de solidariedade e até de alguma alegria. Ao longo do período de guerra ambas as publicações demonstravam a coragem do seu povo na adversidade e festa na libertação, o carinho e dedicação às suas mascotes de guerra, a solidariedade para com o inimigo ferido pela violência das batalhas e a liberdade dos povos.

De acordo com a pesquisa feita, foram encontrados alguns mas fortes exemplos de solidariedade, coragem e o carinho e confiança que fazia das mascotes de guerra o maior apoio que os militares tinham em momentos de adversidade que a guerra proporcionava. Na análise das fotografias, a presença do sentimento de guerra indesejada e libertação é demonstrada ao longo de todo o período, sendo uma consequência da outra.

Quando surgiu a possibilidade de interpretar fotografias de guerra numa perspetiva comparada, presumia-se que se tratariam temas e objetivos distintos. No

entanto, ao longo da pesquisa e interpretação das fotografias por temas concluiu-se o contrário.

De facto, os dois grandes blocos em conflito, centrados na Alemanha e na Inglaterra, abordam dois principais temas: sublinham o poderio militar e a força militar, mas também sublinham o outro lado da guerra, a vertente mais humana, tentando provar que a guerra não é apenas destruição.

Em relação ao poderio militar ambos os beligerantes pretendem realçar a supremacia e mostrar que a vitória é inevitável, assim como a destruição do inimigo. Isto leva a que as suas fotografias demonstrem superioridade face ao inimigo, que será derrotado facilmente, de uma forma natural e sem recurso excessivo à violência e luta armada.

A dignidade das suas forças em relação ao inimigo é realçada, assim como a ideia de união entre os países apoiantes de cada uma das causas, a exibição das suas poderosas armas e os troféus de guerra conquistados ao inimigo. Estes dois casos são exemplos de intenção de ambos os beligerantes que pretendem com estas ações intimidar o inimigo através da sua força superior.

Ambos os blocos em conflito afirmam também que se a vitória pertencer ao adversário, a Europa estaria condenada à opressão, dando a ideia de falsa libertação, assim como a opinião de que uma Europa libertada só seria possível se a vitória for das suas forças. Realça-se então que a conquista de territórios ao inimigo é sinal libertação e o fim da ameaça e opressão gerada pelo mesmo. Também é bem presente o objetivo de intimidar o inimigo com as suas poderosas armas e com a exibição de troféus de guerra.

O lado humano da guerra apresenta também bastantes semelhanças no que toca às opiniões que pretende formar. São demonstradas ações de solidariedade para com o inimigo com o objetivo de mostrar de que nem tudo é violência e destruição. A coragem do seu povo perante a adversidade e defesa do mais fraco são fatores que destacam a ideia de uma guerra indesejada, tendo sido forçada e incentivada pelo inimigo. Do mesmo modo, é realçada a dedicação às mascotes de guerra por parte das tropas durante a guerra, assim como a importância das mesmas, pelo facto de trazer alguns episódios de boa disposição.

Por cada território conquistado ao inimigo, é transmitida a ideia de festa e libertação. Com a conquista de territórios, a demonstração de boas intenções de solidariedade para como povo conquistado, para afastar a ideia de opressão, é

salientada, assim como a denúncia do terror em que vivia o povo conquistado enquanto dominado pelo inimigo.

Assim sendo, os dois beligerantes apresentam temas idênticos com objetivos semelhantes. Existe no entanto uma ligeira diferença no que toca ao período em que são publicadas, assim como se diferenciam através das ideias que transmitem, em favor das características políticas que cada beligerante defende.

Pode concluir-se que cada um dos beligerantes sublinha os seus objetivos, sendo completamente opostos. Todavia, estes assemelham-se no que toca à forma de os abordar.

Com esta pesquisa foi possível concluir que a fotografia pode ser considerada como um documento histórico como qualquer outro. A fotografia não serve apenas como ilustração, sem qualquer análise ou destaque, pode também conter uma mensagem que contribui para o enriquecimento de um trabalho historiográfico.

A imagem/fotografia tem um carácter visual que pode ajudar a realizar uma reconstituição do passado, demonstrando a visualização de um determinado acontecimento ou momento, como foi possível constatar nas fontes em estudo.

A fotografia tanto pode ser encarada como um objeto que ilustra a História como pode ser utilizada como uma fonte que sugere um tempo e um assunto, tendo então um carácter sugestivo. A História sempre esteve acompanhada por uma tradição verbal, recorrendo mais a documentos escritos.

Para um historiador do social, a fotografia é uma importante fonte de estudo, até mais do que as palavras. Se usarmos a fotografia para realizar uma análise mais geral de um tema mais amplo, ela pode dar-nos resposta a muitas questões.

A fotografia de guerra ilustra o quotidiano da guerra. No entanto, pode mostrar um outro lado: o da propaganda. Uma análise no sentido de estudar a propaganda obriga a ter uma segunda interpretação da mensagem, procurando a mensagem nas atitudes dos personagens que se apresentam na mesma e nas suas ações. Para reforçar a ideia que propaganda procura fazer passar, existe a legenda, que ajuda decifrar e a reforçar a mensagem que se procura difundir.

Na propaganda, a imagem e o texto são aliados para garantir a eficácia do seu objetivo: transmitir a mensagem, influenciar, manipular e criar opiniões. Para a interpretar é necessário analisar o que contém e o que esconde.

A função da propaganda de guerra será sempre criar um contexto entre bons e maus. Para um Estado em guerra, o adversário significa o mal personificado, sendo considerados destruidores da humanidade.

A Segunda Guerra Mundial foi uma guerra de propagandas. Atingiu o nível mais elevado no uso de propaganda em conflitos armados até então existentes. A propaganda encontrava-se em vários suportes, como rádio, jornais, revistas, livros, fotografias, cartazes e postais ilustrados. Tudo era utilizado em grandes proporções, sem olhar a meios para atingir os fins.

A arte de manipular a opinião pública, através da propaganda negra tornou-se, numa guerra onde não havia distinção entre civis e militares. A propaganda expandia-se em todo o lado, semeando fanatismos e ódios. Tornou-se numa arma mortífera.

Fontes e Bibliografia

Fontes:

Arquivos

Arquivo Histórico Militar, Lisboa, Pasta 37/2, doc. 5: vários documentos sobre as ações de Censura em Portugal (1939-1945)

Periódicos

Esfera, A, Lisboa (1940-1945)

Mundo Gráfico, Lisboa (1940-1945)

Signal, Paris (1940-1945)

Guerra Ilustrada, Inglaterra (1940-1945)

Em Guarda, EUA (1942)

Diário de Notícias, Lisboa (1939-1945)

Diário da Manhã, Lisboa (1939-1945)

Diário de Lisboa, Lisboa (1939-1945)

Outras fontes

TEIXEIRA, Luís (1945), *Portugal e a Guerra. Neutralidade Colaborante*, Lisboa, s.e.

Bibliografia:

AMAR, Pierre-Jean (2013), *História da Fotografia*, Lisboa, Edições 70.

ANDRADE, Luís, (1995), «A neutralidade e os pequenos estados: o caso de Portugal (1939-1945)», *Arquipélago*, Universidade dos Açores, Ilha Terceira, 2.^a série, vol. 1, (1), pp. 319-331.

Disponível em:

https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/521/1/LuisMVAndrade_p319-331.pdf

BAURET, Gabriel (2011), *A Fotografia: História, Estilos, Tendências, Aplicações*, Lisboa, Edições 70.

BENJAMIN, Walter (1992), *Sobre Arte, Técnica e Política*, Lisboa, Relógio D'Água.

BARTHES, Roland (2012), *A Câmara Clara*, Lisboa, Edições 70.

CARDOSO, Débora (2013), «War Propaganda in Portugal (1940-1945): Analysis of photographs of the World War II in propaganda press published in Portugal», Maria Fernanda Rollo, Ana Paula Pires, Noémia Malva Novais (Eds.), *War and Propaganda in the XXth Century* [Electronic Document], Lisboa, IHC, CEIS20.

Disponível em: <http://run.unl.pt/handle/10362/10758>

CARRILHO, Maria, Fernando Rosas, Júlia Leitão de Barros, Mário Neves, José Manuel Paquete de Oliveira e José Matos-Cruz (1989), *Portugal na Segunda Guerra Mundial: Contributos para uma reavaliação*, Lisboa, D. Quixote.

CASSAGNES, Sophie (1996), *Le Commentaire de Document Iconographique en Histoire*, Paris, Ellipses.

CLARK, Toby (1997), *Art and Propaganda in the Twentieth Century: The Political Image in the Age of Mass Culture*, Londres, Calmann ando King, Ltd.

COTRIM, João Pedro Caeiro da Silva Bernardo (2010), *Tradutores e Propagandistas*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

DOMENACH, Jean-Marie (1975), *Propaganda Política*, Amadora, Bertrand

DAVIES, Norman (2008), *A Europa em Guerra, 1939-1945*, Lisboa, Edições 70.

ELLUL, Jacques (2014), *Propagandas: Uma Análise Estrutural*, Lisboa, Antígona.

FABRÍCIO, Laura Elise de Oliveira, Marina Lorenzoni Chiapinotto (2004), «A fotografia como instrumento de alfabetização e de comunicação visual», *Vidya*, Santa Maria – Rio Grande do Sul, Centro Universitário Franciscano, vol. 24, (42), p. 101-108
Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2004/42/fotografia.pdf>

FREUND, Gisèle (1976), *La Fotografía como Documento Social*, Barcelona, Editorial Gustavo Gili S.A.

GASKELL, Ivan (1992), «História das imagens», Peter Burke (org.), *A Escrita da História, Novas Perspetivas*, São Paulo, UNESP.

GOUVEIA, Salvador Patrício (coord.) (2011), *A Arte da Guerra: Propaganda da II Guerra Mundial*, Caramulo, Museu do Caramulo.

GERVERAU, Laurent (2007), *Ver, Compreender, Analisar as Imagens*, Lisboa, Edições 70.

GILBERT, Martin (2009), *A Segunda Guerra Mundial*, Lisboa, D. Quixote.

HOBBSAWM, Eric (2008), *A Era dos Extremos: História do breve Século XX, 1914-1991*, Barcarena, Editorial Presença.

HOLMES, Richard (2000), *World War II in Photographs*, London, Carlton Books Limited.

Disponível em:

<http://minhateca.com.br/Marcelahum/Livros+BIBLIOTECA++MILITAR+e+GUERRA/Richard+Holmes+-+Segunda+Guerra+Mundial+em+Fotografia,60574631.pdf>

LE GOFF, Jacques (1997), «História e Memória», *Enciclopédia Einaudi*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. I.

JOLY, Martine (2012), *Introdução à Análise da Imagem*, Lisboa, Edições 70.

LOCHERY, Neill (2012), *Lisboa, a guerra nas sombras da cidade da luz*, Lisboa, Editorial Presença.

LÓPEZ, Emilio Luis Lara (2005), «La fotografía como documento histórico-artístico y etnográfico: Una epistemología», *Revista de Antropología Experimental*, (5), texto 10.

Disponível em:

<http://www.ujaen.es/huesped/rae/articulos2005/lara2005.pdf>

LOUREIRO, Luiz Francisco (2012), «O Estado Novo português nas páginas da Folha da Manhã (1933 – 1945): a política de neutralidade portuguesa», apresentação feita no XVIII Encontro Regional ANPUH – MG.

Disponível em:

[http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340734189_ARQUIVO_O EstadoNovoportuguesnaspaginasdaFolhadaManhaapoliticadeneutralidadeportuguesa.pdf](http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340734189_ARQUIVO_O_EstadoNovoportuguesnaspaginasdaFolhadaManhaapoliticadeneutralidadeportuguesa.pdf)

MAUAD, Ana Maria (1996), «Através da imagem: Fotografia e História interfaces», *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. I, (2), pp. 73-98.

Disponível em:

http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf

MARTINS, Maria João (1994), *O Paraíso triste – O quotidiano em Lisboa durante a Segunda Guerra Mundial*, Lisboa, veja.

MATTOSO, José (1997), *A Escrita da História: Teoria e Métodos*, Lisboa, Editorial Estampa.

MACDONALD, John (1994), *Grandes Batalhas da II Guerra Mundial*, Lisboa, Diário de Notícias.

MEDEIROS, Margarida (2012), *A Última Imagem (Fotografia de uma ficção)*, Lisboa, Documenta.

MOLLO, Andrew (2001), *The Armed Forces of World War II, Uniforms, Insignia & Organisation*, Londres, Little Brown and Company.

MONICO, Reto (2010), «Olhares suíços sobre o Portugal de Salazar. 2 – As guerras (1936-1945)», *Arquipélago – História*, vol. XIV – XV, 2.ª série, pp. 143-174.

Disponível em:

<http://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/1298>

MORELLI, Anne (2008), *Princípios elementares da Propaganda de Guerra*, Lisboa, Editorial «Avante!».

NEVES, Lucas Vieira Baeta (2004), «A fotografia como documento histórico», *Em Tempo de Histórias*, Universidade de Brasília, Brasília, (8).

Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/2651/2199>

NOGUEIRA, Francisco Miguel Lima (2008), *O Impacto da presença britânica na ilha Terceira (1943-1946)*, Dissertação de Mestrado em História Moderna e Contemporânea, Lisboa, ISCTE.

OLIVEIRA, António Braz de e Manuela Rêgo (coord.) (1995), *Portugal, a guerra e os novos rumos da Europa*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro (Catálogo; 49), 2.^a Edição.

PIMENTEL, Irene Flunser (2006), *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial*, Lisboa, A Esfera dos Livros.

PINHEIRO, Nuno (2011), «Fotografia e História Social: utilização da fotografia como fonte para a História», *Estudos do Século XX*, (11), «Fazer História Contemporânea», Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

PINHEIRO, Nuno (2006), *O Teatro da Sociedade: Fotografia e representação social no espaço privado e público*, Lisboa, CEHCP – ISCTE.

QUINTERO, Alejandro Pizarroso (1993), *História da Propaganda: notas para um estudo da Propaganda Política e de Guerra*, Lisboa, Planeta Editora.

RAMALHO, Margarida de Magalhães (2012), *Lisboa, uma cidade em tempo de guerra*, Lisboa, Imprensa Editorial – Casa da Moeda.

RAMOS, Jorge Humberto da Silva (2008), *Propaganda. Perspetiva Linguística e de Corpora de uma força poderosa*, Aveiro, Universidade de Aveiro – Departamento de Línguas e Culturas.

RÉMOND, René (2003), *Introdução à história do nosso tempo: Do Antigo Regime aos nossos dias*, Lisboa, Gradiva.

ROCHA, Alexandre Luís Moreli (2009), «As pressões dos Aliados e a evolução da política externa portuguesa entre 1942 e 1943: da neutralidade à colaboração», *Revista de História*, (161), p. 113-144.

Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19120/21183>

RODRIGUES, Adriano Duarte (1993), *Comunicação e Cultura – A experiência Cultural na Era da Informação*, Lisboa, Editorial Presença.

ROSAS, Fernando, Brito, J. M. Brandão (1996), *Dicionário de História do Estado Novo*, Vol. I e II, Lisboa, Bertrand.

ROSAS, Fernando (1994), *O Estado Novo (1926-1974)*, vol. VI da *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso, Lisboa, Estampa.

SANT' ANNA, Armando (2000), *Propaganda, Teoria, Técnica e Prática*, S. Paulo, Editora Pioneira.

SCHREIBER, Gerhard (2010), *A Segunda Guerra Mundial*, Alfragide, Texto Editores, Lda.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.) (2004), *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX, As grandes transformações do mundo contemporâneo*, Rio de Janeiro, Editora Campus – Elsevier.

SONTAG, Susan (2012), *Ensaio sobre Fotografia*, Lisboa, Quetzal Editores.

TABUADA, António (2005), *A Arte de manipular toda a sela: a Propaganda Política*, Lisboa, ISCTE.

TELO, António José (2000), *A Neutralidade Portuguesa e o Ouro Nazi*, Lisboa, Quetzal.

TELO, António (1991), *Portugal na Segunda Guerra (1941-1945)*, vol. I e II, Lisboa, Vega.

TELO, António José (1990), *Propaganda e Guerra secreta em Portugal: 1939-45*, Lisboa, Prespectivas & Realidades.

TERRENO, António Vitorino Simões (2007), *A propaganda Nazi em Portugal na II Guerra Mundial*, Lisboa, Universidade de Lisboa.

THOMPSON, Oliver (2000), *Uma História da Propaganda*, Lisboa, Temas e Debates.

VIEIRA, Joaquim (1999), *Portugal no séc. XX, Crónicas em Imagens – 1940-1950*, Lisboa, Círculo de Leitores.

Webgrafia:

All World Wars, <http://www.allworldwars.com/Crimean-War-Photographs-by-Roger-Fenton-1855.html> (consultado a 2/8/2014)

Magnum Photos,

http://www.magnumphotos.com/C.aspx?VP3=CMS3&VF=MAGO31_9_VForm&ERID=24KL535353 (consultado a 6/8/2014)

O Portal da História: a Segunda Guerra Mundial,

<http://www.arqnet.pt/PORTAL/universal/segundaguerra/index.html> (consultado a 2/8/2014)

Anexos

Anexo 1

Quadro 1 – Objetivos das fotografias em análise (Eixo)

Publicação	Data	Página	Fase da guerra	Objetivos das fotografias	Objetivos das fotografias
A Esfera	07/06/1940	1	Iª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	05/09/1940	4	Iª Fase	Guerra Indesejada	Solidariedade (lado humano)
A Esfera	20/09/1940	4	Iª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	05/10/1940	12, 13	Iª Fase	Guerra Indesejada	demonstração de supremacia
A Esfera	05/12/1940	12	Iª Fase	Guerra Indesejada	coragem (lado humano)
A Esfera	20/04/1941	12, 13	Iª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	05/06/1941	17	Iª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	20/07/1941	15	IIª Fase	Libertação	coragem (lado humano)
A Esfera	05/08/1941	26	IIª Fase	Libertação	Solidariedade (lado humano)
A Esfera	20/08/1941	13	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	20/08/1941	19	IIª Fase	Libertação	Solidariedade (lado humano)
A Esfera	20/09/1941	11	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	20/10/1941	22	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	05/12/1941	15	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	20/12/1941	30	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Signal	02/1942	6, 7	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	05/02/1942	32	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	20/02/1942	16, 17	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	20/03/1942	8	IIª Fase	Guerra Indesejada	Solidariedade (lado humano)
A Esfera	05/07/1942	16, 17	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	05/07/1942	21	IIª Fase	Guerra Indesejada	Mascotes (lado humano)
A Esfera	20/12/1942	16, 17	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	05/08/1943	7	IIIª Fase	Destruição da Europa	Falsa Libertação
Signal	12/1943	1	IIIª Fase	Guerra Indesejada	Solidariedade (lado humano)
A Esfera	20/07/1944	18, 19	IIIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	20/10/1944	16, 17	IIIª Fase	Destruição da Europa	Falsa Libertação
A Esfera	05/01/1945	16, 17	IIIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	05/02/1945	16, 17	IIIª Fase	Destruição da Europa	Falsa Libertação
A Esfera	05/03/1945	23	IIIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
A Esfera	20/03/1945	5	IIIª Fase	Destruição da Europa	Falsa Libertação

Anexo 2

Quadro 2 – Objetivos das fotografias em análise (Aliados)

Publicação	Data	Página	Fase da guerra	Objetivos das fotografias	Objetivos das fotografias
Mundo Gráfico	15/10/1940	2	Iª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	30/10/1940	8	Iª Fase	Guerra indesejada	Solidariedade (Lado humano)
Mundo Gráfico	30/11/1940	21	Iª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	15/12/1940	13	Iª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	30/12/1940	16	Iª Fase	Guerra indesejada	Coragem
Guerra Ilustrada	2/1941	3	Iª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	15/02/1941	16, 17	Iª Fase	Intimidar o inimigo	Coragem
Mundo Gráfico	28/02/1941	16, 17	Iª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	30/06/1941	13	Iª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	15/07/1941	21	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Guerra Ilustrada	11/1941	5 (suplemento)	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	30/12/1941	7	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	15/01/1942	10	IIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	30/04/1942	19	IIª Fase	Intimidar o inimigo	Libertação
Mundo Gráfico	30/10/1942	16, 17	IIª Fase	Intimidar o inimigo	Libertação
Mundo Gráfico	15/11/1942	10, 11	IIª Fase	Intimidar o inimigo	Libertação
Mundo Gráfico	30/11/1942	14, 15	IIª Fase	Intimidar o inimigo	Libertação
Mundo Gráfico	31/12/1942	16, 17	IIª Fase	Intimidar o inimigo	Libertação
Mundo Gráfico	15/03/1943	16, 17	IIIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	30/04/1943	18, 19	IIIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	15/05/1943	22	IIIª Fase	Libertação	Coragem
Mundo Gráfico	15/08/1943	12, 13	IIIª Fase	Intimidar o inimigo	Libertação
Mundo Gráfico	30/11/1943	16	IIIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia

Mundo Gráfico	30/05/1944	7	IIIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	15/07/1944	7	IIIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	15/09/1944	10, 11	IIIª Fase	Libertação	demonstração de supremacia
Guerra Ilustrada	02/1944	8 (sup. Invasão)	IIIª Fase	Intimidar o inimigo	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	15/12/1944	12, 13	IIIª Fase	Libertação	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	15/04/1945	15, 16	IIIª Fase	Libertação	demonstração de supremacia
Mundo Gráfico	30/04/1945	10, 11	IIIª Fase	Libertação	demonstração de supremacia

Anexo 3

Fotografias

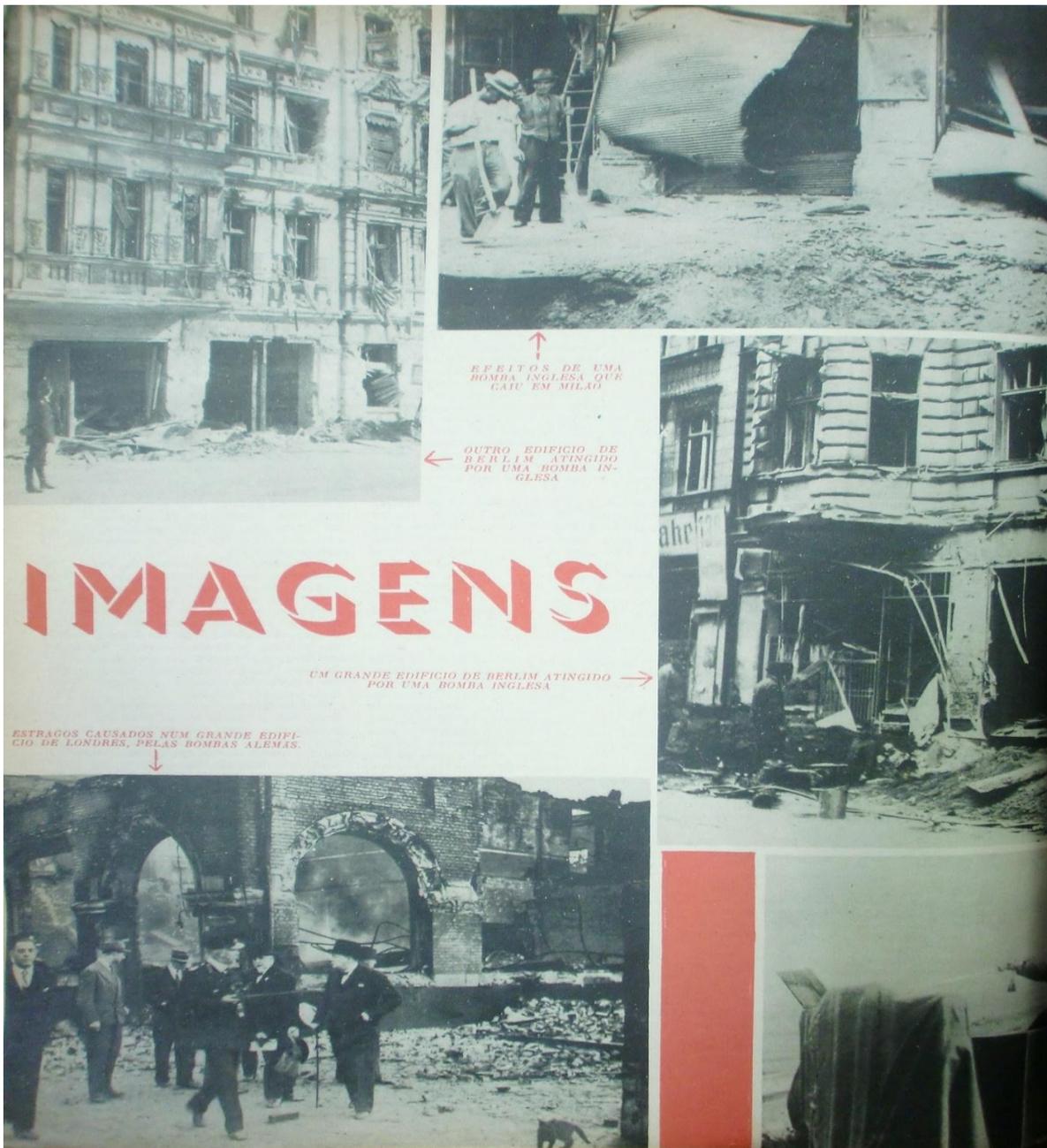
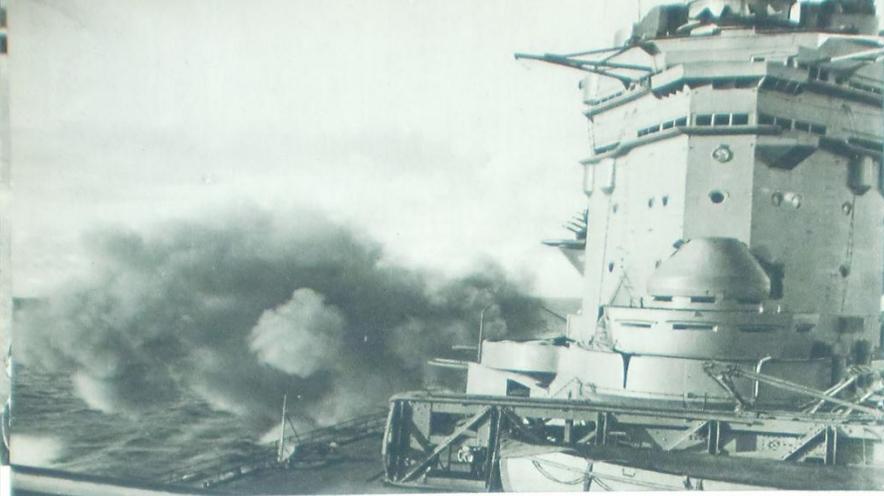


Figura 1 - A Esfera, 5 de outubro de 1940, p. 12



Figura 2 - Mundo Gráfico, 15 de outubro de 1940, p. 12



No Mar do Norte. Um grande couraçado inglês avistou ao longe um submarino inimigo e as suas peças de 330 do blockaus da popa fazem fogo



Na Escócia, o Exército polaco defende a Gran-Bretanha. Um curioso aspecto das fortificações com os paralelepípedos de cimento



A Inglaterra é hoje uma muralha de aço, de ferro e de betão. Toda a sua costa está vigiada e defendida. Um aspecto da defesa

A INGLATERRA É UMA FORTALEZA!



Figura 3 - Mundo Gráfico, 15 de fevereiro de 1941, p. 16-17



Um avião italiano destruído no solo, em Bardia, pelas forças da R. A. F. do Médio Oriente



Em Bardia, um grupo de soldados italianos, depois da conquista da cidade, entrega-se a uma patrulha de valorosos combatentes australianos, cujas tradições militares fazem recordar o seu heroísmo na guerra de 1914



A bordo de um couraçado inglês que bombardeou Bardia, um marinheiro, por cada granada disparada, recebe um soldado italiano



Generais italianos, capturados em Bardia, em frente do aeródromo de Bardia



Granadas de mão com recipientes de líquido inflamável, denominadas "cocktail anti-tank", que têm sido usadas pelo exército do general Wavell



Os valorosos soldados da Austrália entram nas ruas abandonadas de Bardia e recordam a sua terra natal



Como foi tomada Bardia. Numa trincheira das primeiras linhas, esta metralhadora Bren assutada sobre o inimigo faz fogo incessantemente. O adversário recua e os destroços aglomeram-se à volta do abrigo batido pela metralhadora



A testa duma extensa coluna de italianos, capturados em Bardia, em frente da base inglesa



IMAGENS DA GUERRA TROPAS ALEMÃS NA AFRICA DO NORTE

1— Tropas alemãs desembarcadas em Trípoli. 2— Desfile das tropas alemãs em Trípoli. 3— Desfile das tropas motorizadas alemãs em Trípoli. 4— Forças motorizadas alemãs desfilaram em Trípoli. 5— Coluna motorizada alemã em marcha por uma estrada da Líbia. 6— Tropas alemãs bivacadas na Líbia. 7— Cozinhas móveis das tropas alemãs em África. 8— Homens do Serviço de Trabalho constroem uma nova pista de aterragem. 9— Avia- dores alemães e italia- nos num aerodromo da África do Norte. 10— O general alemão Rom- mer, comandante das tropas alemãs na Líbia, passou revista às mes- sas tropas, acompanhado do general italiano Gariboldi.



Figura 5 – A Esfera, 20 de abril de 1941, p. 12



MOCIDADE PORTUGUESA



A «MOCIDADE PORTUGUESA» É HOJE UMA ADMIRÁVEL REALIDADE QUE O POVO DE LISBOA TEM TIDO OCASIÃO DE VER E APLAUDIR, ENTUSIASMADO, EM VÁRIOS DIAS E LUGARES.



Figura 6 – A Esfera, 5 de dezembro de 1941, p. 10

Juventude DA EUROPA



1) Mocidade Portuguesa. 2) Falange Espanhola. 3) Juventude Hitleriana

NAS deputações da juventude de 14 nações, que tomaram parte nos últimos desafios desportivos de verão em Breslau, como hóspedes da juventude hitleriana,



Baldur v. Schrach saudou a «nova, futura e maior Europa». A sessão cultural em Weimar, na qual estavam também representadas 14 nações, demonstrou mais uma vez que ideais comuns ligam a mocidade do continente: o ideal da autonomia, da justiça social e da comunidade de destinos

Figura 7 – A Esfera, 20 de setembro de 1942, p. 3

sob o jugo soviético

Lituanos obrigados a lutar no exército vermelho, desertaram. Com alegria saúdam as tropas alemãs, libertadoras da sua pátria, do jugo soviético.

GRANDE ALEGRIA ENTRE A POPULAÇÃO DA LITUÂNIA, PELA ENTRADA DAS TROPAS ALEMÃS!

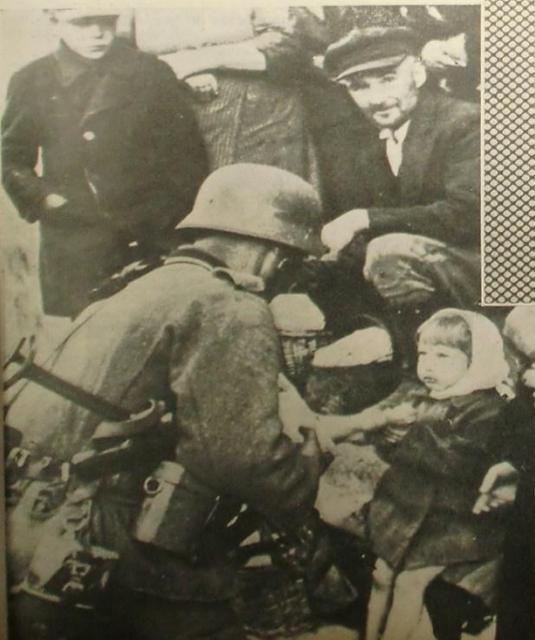
Uma menina lituana, distribuindo flores aos soldados alemães.

ENTRADA DAS TROPAS ALEMÃS EM LEMBERG!

Em baixo, à direita — A população de Lemberg juntou-se nos largos e ruas da cidade, para receber com grande alegria os soldados alemães, libertadores.

APÓS UM ANO... A FOME!

Em baixo, à esquerda — Um ano de regime soviético na Lituânia e já não há alimentos para a população. Um soldado alemão, distribuindo alimentos aos pequenos lituanos.



Prisioneiros



Em cima, à esquerda — Três dos seis generais ingleses feitos prisioneiros pelo corpo africano alemão, em Derna. Vão ser transportados em avião (ao fundo) para a Alemanha.

Em cima, à direita — 52.000 prisioneiros soviéticos foram feitos pelas tropas alemãs perto de Minsk.

Ao lado — O rosto do soviético! — Este bandido bolchevista queria trazer a sua cultura para a Europa.

Em baixo, à esquerda — Diversos tipos no campo de prisioneiros perto de Minsk.

Em baixo, ao centro — Oficial inglês prisioneiro, brincando com um gato.

Em baixo, à direita — Os bolchevistas também obrigavam crianças a prestar serviço no exército vermelho.



Figura 8 – A Esfera, 5 de agosto de 1941, p. 26

Figura 9 – A Esfera, 20 de agosto de 1941, p. 13



Manifestações dos romenos na Praça da Universidade, em Bucareste

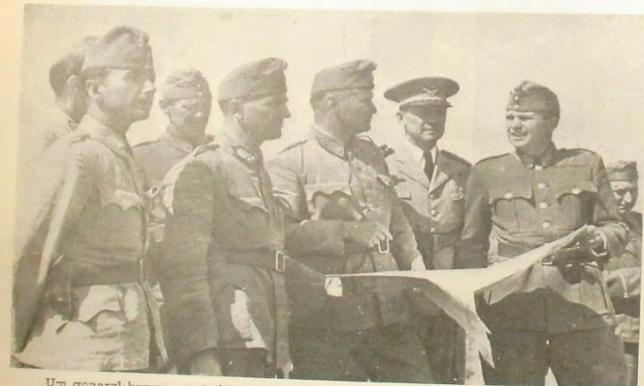


Recepção dum destacamento da «Divisão Azul» espanhola, por uma banda de música alemã

A LUTA EUROPEIA CONTRA O BOLCHEVISMO



Homens da «Divisão Azul» espanhola com fardamentos alemães e o escudo espanhol no capacete



Um general húngaro estuda o plano das operações numa frente de combate russa



São estes os homens intrépidos e audazes do «Waffen-SS», que realizaram feitos heróicos, únicos na História, na Noruega, na Holanda, na Bélgica, em todo o Ocidente e em Creta. Também hoje ao Oriente cumprem o seu dever, representando uma ameaça perigosa contra o inimigo.

Figura 10 – A Esfera, 20 de outubro de 1941, p. 22

Figura 11 – 20 de dezembro de 1941, p. 30



Figura 12 – Mundo Gráfico, 15 de janeiro de 1942, p. 10



Figura 13 – Signal, fevereiro de 1942, p. 7



Na Europa: As incessantes investidas das forças bolchevistas contra as posições defensivas do exército alemão custam aos russos enormes sacrifícios. É perante a vontade e a determinação dos soldados alemães que as divisões bolchevistas vertem o sangue tão desperado por Estaline.

As Potências do "eixo" lutam vitoriosamente em todas as frentes

Em África: As forças de Rommel contra-atacam vitoriosamente, repelindo o inimigo que tanto sangue sacrificou para atingir um objectivo que nunca alcançou.



Na América: A entrada da América na guerra levou para o seu próprio continente as consequências desta luta gigantesca. Os submarinos do "eixo" actuam nas águas do "outro hemisfério", vibrando tremendos golpes na marinha mercante americana.

Na Ásia: As forças do heróico Japão desenvolveram uma acção extraordinariamente vigorosa, arrancando das mãos dos seus adversários uma possessão após outra.



Figura 14 – A Esfera, 20 de fevereiro de 1942, 16-17



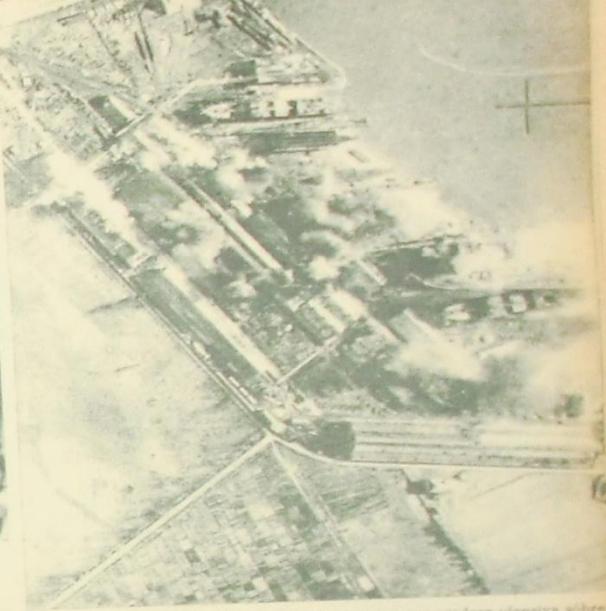
As forças aero-navais britânicas, numa audaciosa operação de conjunto, atacaram as instalações do inimigo no porto de Saint Nazaire. As docas e depósitos de combustíveis e matérias primas foram destruídos. As setas indicam as principais zonas atingidas pelas explosões das bombas da R. A. F. e dos explosivos colocados pelos "comandos". A porta da célebre doca, que podia conter o *Tirpitz*, ficou inutilizada. Este notável desembarque pode comparar-se ao efectuado em Zeebrugge na outra guerra.



As tropas territoriais da Gran-Bretanha treinam-se intensivamente, a todas as horas, na tática da guerra moderna. Numa trincheira, os soldados ingleses defendem-se audaciosamente do *tank* "inimigo" que não consegue desaloja-los dos seus abrigos. Logo que ele passa atacam-na pela recat-guarda com explosivos.



A Armada Real inglesa domina o Mediterrâneo. As suas unidades de superfície e submarinas atacam implacavelmente os raros navios mercantes ou de guerra que se aventuram naquele mar. Os naufragos de um submarino do "eixo" afundado são recolhidos a bordo de um navio de guerra britânico.



A R. A. F. prossegue ininterruptamente a sua esmagadora ofensiva sobre os objectivos militares e industriais da Alemanha e dos países ocupados. Granadas de 2.000 quilos, as famosas *block-bombs* caem sobre fábricas, depósitos de munições, de combustíveis e de viveres, instalações e fortificações militares do inimigo. Este flagrante documento fotográfico foi obtido durante um bombardeamento da R. A. F. a objectivos militares inimigos na região do Sena.

A OFENSIVA DE 1942



Nas ruas de Tobruk, os heróicos soldados ingleses lêem tranquilamente as últimas publicações recebidas da Gran-Bretanha, enquanto não são a hora do combate.



Uma missão militar inglesa na frente Leste.



Tobruk, a cidade invencível. Um templo atingido pelo fogo inimigo. Nas igrejas destruídas, o espírito religioso há-de renascer.

Figura 15 – Mundo Gráfico, 30 de abril de 1942, p. 16-17

AS FORÇAS



Em pleno campo de batalha, no Médio Oriente. Os tanks do inimigo, assim destruídos pelo fogo das forças inglesas, vão ficando para trás, como montes de sucata



O general Montgomery, comandante do oitavo exército, e o general Horrocks, nas primeiras linhas



Atenas sitiadas em Guadalcanal batem-se com heroísmo, rechaçando todos os ataques dos nipônicos. Um dos vários acampamentos prisioneiros japoneses guardados pelos fuzileiros da marinha dos Estados Unidos



O grande Presidente Roosevelt ofereceu um caca-submarinos à Noruega, que foi baptizado com o nome do rei Haakon VII. Nesta fotografia, vêem-se a princesa Marta da Noruega a quem foi entregue a nova unidade, o embaixador daquele país descendo o portal do navio, e o Presidente Roosevelt, sentado no seu automóvel



Esta rede no costado dos navios facilita desembarques rápidos. Foi assim que os fuzileiros da marinha dos Estados Unidos desembarcaram nas ilhas de Salomão



A R. A. F. ataca uma concentração de veículos das tropas do "Eixo", na Líbia. Vê-se o curioso efeito das bombas, crateras de fogo e de areia, e os pontos negros dos veículos, muitos dos quais já foram destruídos pela metralha

DA VITÓRIA



Esta fotografia representa uma cidade da Europa que os alemães há três meses pretendem conquistar. A sua resistência faz lembrar a de Verdun, na outra guerra



Eden, ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, com o general Sir Bernard Paget, durante um exercício de tanks das forças territoriais



Prisioneiros alemães que se entregam são conduzidos para um campo de concentração na rearguarda

A VITÓRIA DO 8.º EXERCITO



Ao lado da infantaria britânica, as heroicas tropas gregas combatem contra os invasores do seu país



As primeiras fotografias do irresistível avanço do 8.º Exército. Em cima, a veloz infantaria britânica ataca um tank inimigo. A guarnição rende-se à ponta de baioneta. Em baixo, a grande ofensiva prossegue. Numa torrente de aço e de fogo, as tropas inglesas fazem recuar Rommel, destruindo tudo à sua passagem



Alexander, comandante-chefe das tropas inglesas no deserto, ordena que todos os aviões ataquem o inimigo em retirada. Eis as esquadrilhas de um dos numerosos aeródromos, levantando vôo para cumprir essas ordens, que desbarataram o inimigo



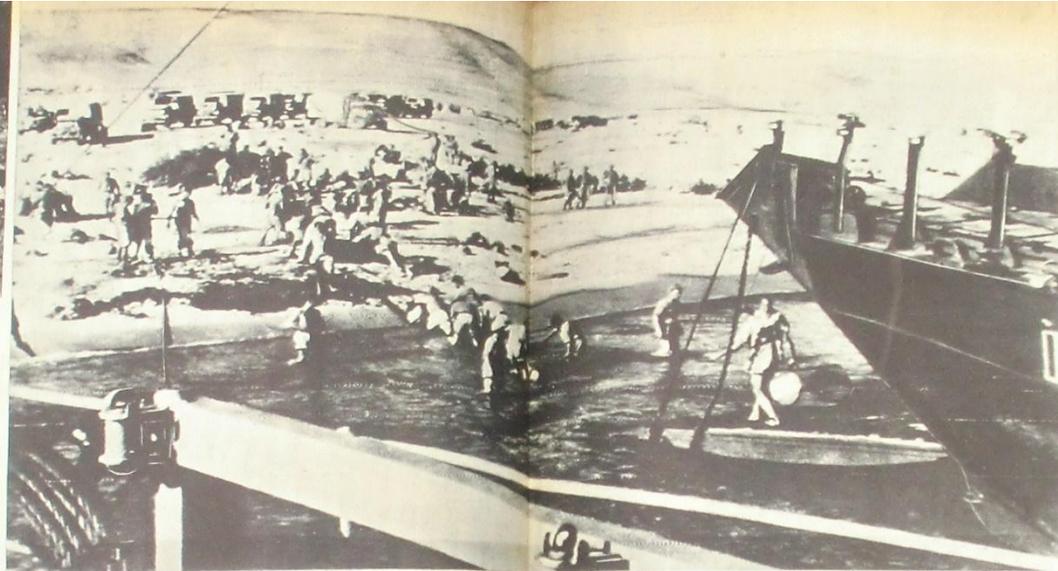
O tenente-general Montgomery, o vencedor do batalha de El Alamein, de bordo do seu avião a reunir as tropas

Das colinas destruídas dos veículos inimigos, a infantaria improvisa momentâneas posições. O ataque continua

Figura 17 – Mundo Gráfico, 15 de novembro de 1942, p. 10-11



As tropas americanas entram em Oran, onde foram recebidos com calorosas manifestações de alegria pela população



A descarga de material pesado. As forças das Nações Unidas combinam maravilhosamente esta operação, que lhes deu o domínio incontestável do Mediterrâneo e a testa de ponte para o ataque à Itália



"Rangers" americanos e "comandos" britânicos na cidade de Argel. A sua alegria e a seu poder combativo demonstram bem a quem pertence a vitória



Empilhado o maior comboio naval de todos os tempos pela ponta da costa, centenas de barcaças deste género, com as forças anglo-americanas, dirigem-se para terra, ocupando matematicamente os pontos previstos



Em Argel. A bandeira americana de uma das colunas de ocupação é um símbolo da libertação da Africa do Norte

O GRANDE DESEMBARQUE



O desembarque de material foi rápido e fez-se assim. Americanos e ingleses, sob o comando de Eisenhower, dirigem-se aos aerodromos, que são rapidamente tomados



As forças americanas. Soldados jovens, admiravelmente treinados, em cujas mangas do dolman reflete a gloriosa bandeira das estrelas



Os tanks tomam rapidamente contacto com a terra. O melhor material americano e um grande exercito que rapidamente ocupou a Africa do Norte



Nesta barcaça, a vista de Argel, vão americanos, ingleses e franceses, numa admirável fraternidade de armas. Os três exercitos combatem agora juntos na Tunisia

Figura 18 – Mundo Gráfico, 30 de novembro de 1942, p. 14-15



A guerra na neve. O general alemão von Daniel com outros sobreviventes da Divisão do general Paulus, que foi recentemente capturada



Os valorosos pilotos de caça da ilha de Malta, que abateram já mais de 1.100 aviões inimigos e que dominam agora toda a região mediterrânea, onde têm realizado notáveis façanhas



O voo de água de Montgomery domina já as últimas posições de Rommel na Tunísia. Alegrementemente, os "Tommys" içam um canhão nas montanhas do Atlas



A mobilidade admirável das forças americanas. Eis como os famosos "jacks" desembarcam das barcoças de assalto, no Norte de África

A MARCHA PARA A VITÓRIA



No meio, vestido de branco e com a bandeira da rendição, um soldado nazista rodeado de muitos outros que também se entregaram



A França bate-se, de novo, ao lado das Nações Unidas, que lutam pela sua libertação. Uma parada dos marinheiros do couraçado "Richelieu" e do cru-



Os tanks das Nações Unidas dominam pela quantidade e poder ofensivo as forças inimigas. Os blindados rolam sobre o adversário

Figura 19 – Mundo Gráfico, 15 de março de 1943, p. 16-17



Milhares de prisioneiros italianos e alemães. Aqui vê-se o general Forcinari, comandante da divisão Nápoles, com outro oficial do seu estado maior, num tank a caminho dum campo de concentração

A DISSOLUÇÃO



As tropas inglesas entram em Augusta. Travaram-se ali rudes combates, mas como sempre a vitória foi delas



Paol Paol! Os ingleses distribuem generosamente farinha de trigo a população siciliana, sem restrições, o que há muito tempo não sucedia, mesmo antes da guerra



Os valentes soldados ingleses, cobertos de pó e ensanguentados pela metralha, entram na cidade de Vizzini

DO FASCISMO



Ingleses capturados pelos italianos, que se encontravam na Sicília, foram agora libertados pelo Exército anglo-americano. É, com entusiasmo, que auxiliam as tropas removendo os escombros das cidades



As tropas americanas caminham de vitória em vitória, na Sicília. Elas nos arredores de Palermo, numa povoação cujos habitantes, vibrantes de entusiasmo, lhes fazem recepção



Máscaras de prisioneiros italianos, onde se reflete o sofrimento da guerra



Um momento emocionador. Esta bondosa senhora, tomou parte com as tropas inglesas numa guerra em Aléria. Foi condecorada e guardou uma velha bandeira inglesa, como a mais bela recordação da sua



A famosa ponte que estabelece ligação entre Lentini e Caserta. O inimigo quiz ali resistir, mas o 8.º Exército Aliado avançou e marchou em frente

Figura 20 – Mundo Gráfico, 15 de agosto de 1943, p. 12-13



OBJECTIVOS DA R. A. F.



Continua a destruição da milenária cultura cristã do continente da Europa ocidental.
Mas Deus existe, e Ele disse: «Os bons serão premiados e os maus serão castigados!...

Em cima: A Catedral de Colônia ficou reduzida a escombros — Ao centro: Um aspecto do interior da Catedral de Colônia após o ataque anglo-americano — Em baixo: A Catedral de Colônia, foi destruída por bombas incendiárias. Mais um crime cometido contra a Arte, que se repercutirá através de gerações.

7

Figura 21 – A Esfera, 5 de agosto de 1943, p. 7

★ INVASÃO

Como foram feitos os primeiros desembarques

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1)

A GUERRA ILUSTRADA
Suplemento Especial



A vanguarda da maior armada da história aproxima-se da costa francesa, que se vê ao longe, no horizonte, à direita.



O fotógrafo foi o primeiro a chegar à praia, pelo que pôde fotografar estes soldados britânicos ao passarem pela água baixa para a praia.



Na Inglaterra, na véspera do Grande Dia, estes quadrimotores “Stirling” alinham-se nas pistas, prontos para rebocarem os grandes planadores.



Estamos quâsi na hora Zero! É melhor irmos para os nossos lugares.



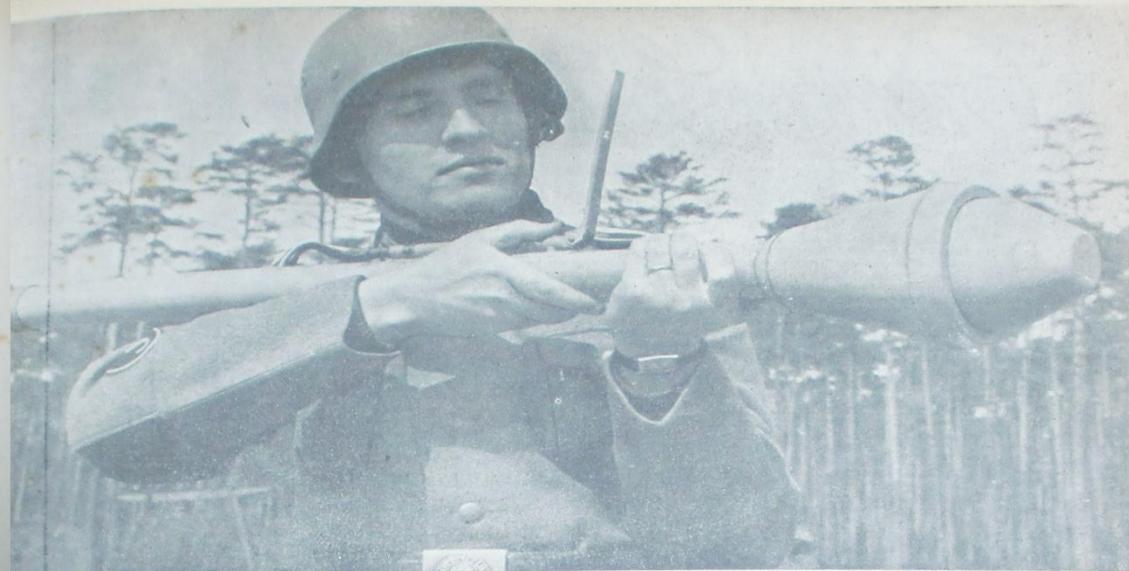
A caminho da França—está-se já perto da costa.

Figura 22 – Guerra Ilustrada, fevereiro de 1944, p. 8



NOVAS ARMAS ALEMÃS

NO 5.º ANO DE GUERRA



Lança-granadas anti-tanques

A técnica tem a palavra. Ninguém duvida que no campo da técnica e da ciência foi sempre a Alemanha que marcou o primeiro lugar. Que terão feito os cientistas e os técnicos alemães nestes últimos tempos? Alguma coisa se sabe, mas não tudo. Mas não andaremos longe da verdade, afirmando que depois desta guerra o Mundo vai ficar espantado com as descobertas germânicas no campo da ciência e da técnica. Isso mesmo o deixou antever, há pouco, num discurso o Chanceler Adolf Hitler, ao condecorar um grupo de homens de ciência alemães.

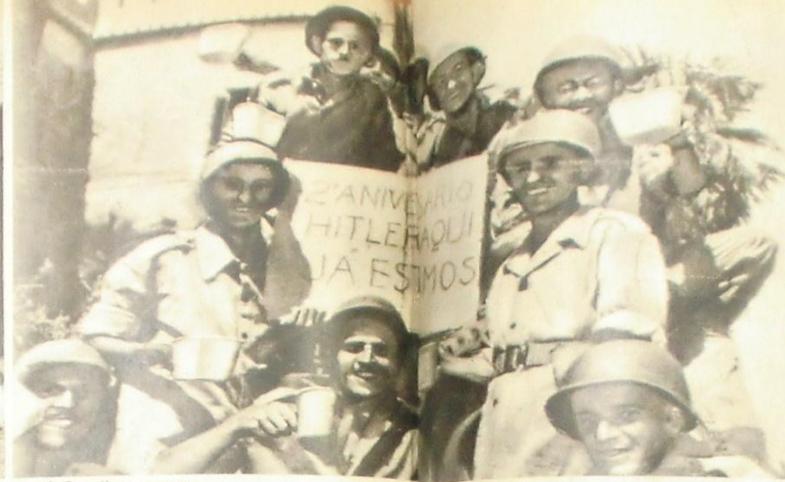
A guerra entrou no seu último capítulo — o capítulo da técnica desconhecida. Vamos assistir à luta da ciência contra a própria guerra. O desconhecido está para aparecer, pois não é a chamada bomba voadora a verdadeira arma secreta. A bomba voadora é simplesmente uma arma de experiência empregada contra os reforços anglo-americanos. Quando chegar a hora das represálias, porque da sementeira de ventos têm de ser colhidas as tempestades, serão empregadas as armas decisivas desta guerra. Mas essas ninguém as conhece. Tudo o que tem vindo a público e mesmo estas fotografias que damos nestas páginas são simplesmente novas armas alemãs.



Figura 23 – A Esfera, 20 de julho de 1944, p. 18-19



Pitorescos da guerra. Os homens da R. A. F. são distinguidos, com particular simpatia, pelos franceses. Como bons ingleses, são sempre impecáveis! Apesar dos seus constantes e duros combates, arranjam alguns minutos para fazer a barba diariamente. Mlle. Alice Cachard presta a suas homenagens aos libertadores do seu país, fazendo a barba a este soldado.



O Brasil na guerra. Um corpo expedicionário da América sul-americana já desembarcou na Europa para colaborar ao lado das Nações Unidas na resistência ao inimigo. O exército brasileiro, que tem tradições gloriosas, vai mais uma vez demonstrar a sua bravura. Estes soldados, em qualquer parte da Itália, festejam o 2º aniversário da libertação do seu país as forças do Eixo.



A pólvora faz sede. A população francesa tem sido inextinguível no auxílio prestado as tropas britânicas e americanas. Enquanto os jovens das F. F. I. se batem arduamente, as mulheres secundam as tropas libertadoras mesmo nas linhas de combate. Esta, fechou a porta da sua casa e levou ao soldado inglês um refrescante copo de cerveja, sem se importar com as balas do inimigo.

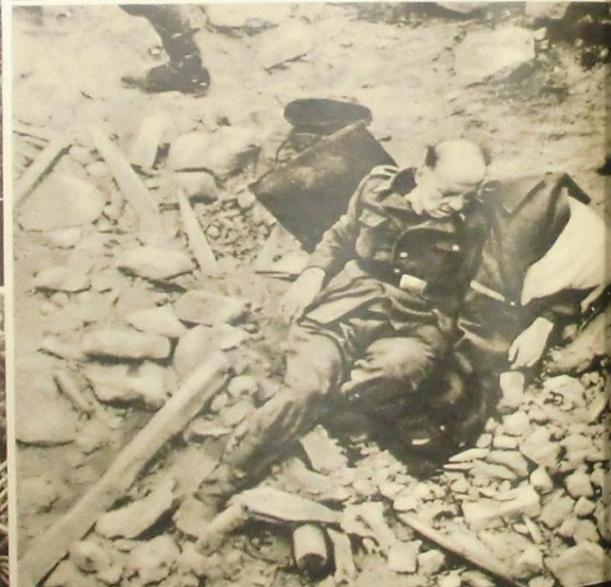


O melhor material. Os ingleses e os americanos têm apresentado numerosas armas, novas ou modificadas, como estas lança-chamas, cuja projecção incendiária alcança muito mais longe do que os engenhos vulgares. Esta secção de infantaria está desalojando as forças inimigas, nas Ardenas, que tiveram de bater em retirada.



A derrota em França. Os alemães batidos, que puderam escapar à gigantesca batalha de cerco das forças anglo-americanas, e já sem material motorizado, que a aviação e artilharia terrestre destruíram implacavelmente, utilizaram carroças de camponeses, mas, mesmo assim, os olhos da aviação descobriam-nos e essas colunas foram ceifadas.

VAI TERMINAR A GUERRA



Imagens da guerra. No meio dos destroços de um forte conquistado pelas forças aliadas aos alemães.



Os vencedores. Os generais Eisenhower, Koenig, Bradley e Tedder, sob o arco do Triunfo, em Paris.



A Libertação da França. Lyon, a terceira cidade francesa, foi libertada, depois de violentos combates. As F. F. I. apoderaram-se de vários bairros, mas os alemães entrincheiraram-se noutras, até que as forças vindas do sul penetraram na cidade, exterminando as últimas resistências.



O ataque à linha Siegfried. Os exércitos motorizados penetram, agora, rapidamente, grandes distâncias: França, Bélgica, Holanda e Alemanha. As forças aliadas, em verdadeiras torrentes, invadem por todas as estradas, submergindo as forças inimigas que são obrigadas a



É na verdadeira compreensão entre camponeses e soldados que reside principalmente o segredo da resistência alemã

Colunas intermináveis de «tanks» dos mais modernos modelos seguem diariamente para as frentes de batalha

O SEGREDO DA RESISTÊNCIA GERMÂNICA

PARA aqueles que não acreditavam na força da resistência alemã — e muito menos acreditavam na sua força ofensiva — deve ter causado — e causou — surpresa e admiração o gesto heróico dos valentes soldados do Reich, levando de vencida o seu inimigo para longe das fronteiras germânicas e penetrando no território ocupado pelos exércitos anglo-americanos. Dissemos sempre que o potencial alemão estava a aumentar em vez de diminuir, porque conhecíamos e conhecemos as causas verdadeiras da resistência alemã. E não só nós a conhecemos. Não a ignoram — ou não a deviam ignorar — aqueles que têm por



Coragem, energia, decisão e amor à pátria, são as principais virtudes que caracterizam o soldado alemão

Numa fábrica alemã de montagem de motores de avião: A mulher, com o seu esforço e compreensão tem sido a grande auxiliar da retaguarda



missão informar o público, dar-lhe a verdade em vez da desorientação. As causas dessa força — dêsse segredo — são o patriotismo e o trabalho de um povo inteiro. São o seu trabalho na frente e na retaguarda, o seu esforço na fábrica de material de guerra, o seu esforço no campo e na oficina — tudo isso a que se chama **mobilização total**. E é também o valor superior a tudo quanto pode constituir força e valentia: — é a unidade de um povo consciente das suas responsabilidades — é essa unidade que fez de Alemanha uma muralha gloriosa de sentimento pátrio, exemplo que só pode ser dado pelas nações que têm chefes dignos dos homens que comandam e dirigem. Este é o segredo da vitoriosa resistência alemã.

A EUROPA EM FUGA PERANTE O BOLCHEVISMO



Em cima — A' esquerda: Nos portos, a caminho da terra onde o bolchevismo ainda não chegou. A' direita: Os celhos são os primeiros a embarcar. Ao centro: Vêm aí os sovietes! Tudo debanda.



Em — A' esquerda: Os soldados libertam os que não querem nas mãos dos bolchevistas. A' direita: Crianças, vítimas inocentes da tragédia. À direita: Famílias fogem à «libertação» de Estaline.



O bolchevismo ameaça subverter tudo, na sua onda avassaladora. Nada escapa à sua fúria selvagem, à sua sede de vingança, de ódio e de morte. E a Finlândia, a Lituânia, a Letónia e a Estónia; e a Roménia, e a Grécia, e a Jugoslávia, e a Itália, são todos os povos que directa ou indirectamente têm sido atingidos pela pata bolchevista. E aumenta dia a dia, hora a hora, a onda avassaladora, a «bola de neve» que vem a ser erguida desde 1917, quando a maior e a mais violenta ditadura se estabeleceu sobre a terra — essa ditadura feita de sangue e morte, de traição e ódio.

Quem pode fugir à morte sai das suas terras e vai procurar noutras pátrias o sossego e a tranqüilidade. Mas estes são o menor número. A maioria dos povos invadidos cai varada pelas balas assassinas ou é deportada para as paragens siberianas: — esse imenso cemitério de vivos que o regime soviético estabeleceu para todos os que não são comunistas.

As fotografias que se publicam nestas páginas dão uma pálida idéia do que é a tragédia dos povos libertados pelo bolchevismo. E a onda cresce e avança. Quem lhe opõe intrasponível barreira? Quem luta pela liberdade do povos vítimas do bolchevismo e dos povos que podem vir a ser vítimas do bolchevismo? Quem está disposto a morrer para que a vida não seja o regime da caça ao homem? Quem defende a Europa?



Figura 26 – Esfera, 5 de fevereiro de 1945, p. 16-17

A G O R A



Numerosas pontes atravessaram, agora, o Reno. Rapidamente, milhões de homens, ingleses e americanos, lançaram-se sobre a Alemanha, da qual ocuparam já cerca de metade. Soldados britânicos estabelecendo o leito de uma das passagens sobre aquele rio.



Soldados americanos, do 7.º Exército, cruzam o Reno em barcos especiais no dia da hora H que se converteram na hora V.

É O F I M



Churchill, o marechal Montgomery e o general Simpson sobre o famoso rio alemão. Churchill assistiu à ocupação da margem direita, onde foi, depois, por duas vezes a passar revista às tropas do seu país, que delirantemente o aclamaram.



Quem domina o ar domina a terra. Oficiais ingleses, junto do Weser seguem, com entusiasmo, a passagem das esquadrilhas da R. A. F. que foi o teto invulnerável que cobriu o avanço fulminante de Montgomery. Em Março, as tropas aliadas chegaram a uma estação.



As tropas inglesas avançam no interior da Alemanha. Toda a resistência é fulminada. Os tanks cortam as estradas, penetram nas cidades, já marcham sobre a fronteira da Checoslováquia.



Figura 27 – Mundo Gráfico, 15 de abril de 1945, p. 10-11

É O FINAL!



Como as tropas inglesas se batem. Nas ruas de Arnhem, a grande cidade holandesa, que era um dos pontos fortes do invasor, a infantaria britânica lançou-se ao ataque, e, no meio da fumaçada e da explosão de metralha, venceu o inimigo numa das batalhas mais brilhantes desta guerra.



Uma visão aérea de Berlim. A capital do Reich já se apresentava assim, mesmo antes das forças das Nações Unidas ali terem entrado, num ataque relâmpago. A R. A. F., durante meses consecutivos, e as formações aéreas americanas, atacaram, incessantemente, todas as suas fábricas e instalações militares. A Unter den Linden, que é o centro da cidade, não tardará a ver passar as forças vencedoras.



Os soldados curvam-se sob o fogo do inimigo, mas avançam sempre. Para trás, ficam os cadáveres de alemães. Paraquedistas inglesas em acção, na retaguarda das linhas inimigas. Elas, carregam, inspeccionadamente, sobre as posições dos nazis.

Figura 28 – Mundo Gráfico, 30 de abril de 1945, p. 10-11

Informação pessoal

Apelido(s) / Nome(s) próprio(s) **Cardoso, Débora Marina Canhoto**
Morada(s) Rua Eduardo Frutuoso Gaio, nº 12 R/C Dto.
P-2735-098 Cacém Agualva-Cacém (Portugal)
Telefone(s) (+351) 219181086 Telemóvel | (+ 351) 962536773
Endereço(s) de correio electrónico dcanhotocardoso@gmail.com
Nacionalidade Portuguesa
Data de nascimento 12/10/1986
Sexo Feminino

Experiência profissional

Datas Fevereiro de 2011 até ao presente
Função ou cargo ocupado Colaboradora de projeto
Principais atividades e responsabilidades - Investigação para a criação de núcleos do Museu Cosme Damião (pesquisa fotográfica e de fontes escritas)
- Organização e revisão de conteúdos do Museu Cosme Damião
- Pesquisa e validação de dados históricos do Clube
Nome e morada do empregador Sport Lisboa e Benfica
Datas Dezembro de 2011 a Setembro de 2012
Função ou cargo ocupado Historiadora
Principais atividades e responsabilidades -Reprodução e catalogação de periódicos
-Investigação para a criação de núcleos do Museu Cosme Damião (pesquisa em centros de informação e documentação e criação de conteúdos)
Nome e morada do empregador Sport Lisboa e Benfica
Datas Fevereiro a Junho de 2011 (180 horas)
Função ou cargo ocupado Estágio curricular
Principais atividades e responsabilidades -Reunião, organização e inventariação de fontes escritas e fotográficas
-Previsão do destino dos documentos inventariados
-Seleção de fontes escritas e fotográficas para os locais de conservação
-Início de investigação baseada em fontes fotográficas para o futuro desenvolvimento de tese de Mestrado
Nome e morada do empregador Museu Militar de Lisboa

Educação e formação

Data Desde Setembro de 2011
Designação da qualificação atribuída Mestranda em História Moderna Contemporânea, especialidade em Cidades e Património
Nome e tipo da organização de ensino ou formação Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)
Nível segundo a classificação nacional ou internacional Mestrado (2º Ciclo – processo Bolonha)
Datas 2007 – Julho de 2010
Designação da qualificação atribuída Licenciatura em História

Nome e tipo da organização de ensino ou formação Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)

Nível segundo a classificação nacional ou internacional Licenciatura (1º ciclo - processo Bolonha)

Aptidões e competências pessoais

Primeira língua **Português**

Outra(s) língua(s)

Auto-avaliação

Nível europeu (*)

Inglês

Compreensão				Conversaço				Escrita	
Compreensão oral		Leitura		Interacção oral		Produção oral			
B2	Utilizador independente	B2	Utilizador independente	B1	Utilizador independente	B1	Utilizador independente	B2	Utilizador independente

(*) [Nível do Quadro Europeu Comum de Referência \(CECR\)](#)

Artigos

CARDOSO, Débora, (2013), «War Propaganda in Portugal (1940-1945): Analysis of photographs of the World War II in propaganda press published in Portugal», Maria Fernanda Rollo, Ana Paula Pires, Noémia Malva Novais (Eds.), *War and Propaganda in the XXth Century* [Electronic Document], Lisboa, IHC, CEIS20

Disponível em: <http://run.unl.pt/handle/10362/10758>

Comunicação

Data 12 de novembro de 2013

Espaço Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Comunicação «Imagem e Propaganda de Guerra em Portugal durante a II Guerra Mundial (1940-1945)»

Data 6 de junho de 2013

Espaço Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Comunicação «Propaganda através da fotografia em Portugal durante a II Guerra Mundial»